



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE BIOLOGIA

**LINHAS DE VIDA TECENDO COMPOSIÇÕES DO MEMORIAL
DE UMA PROFESSORA EM FESTA**

Lucia de Fatima Dinelli Estevinho

2022

Lucia de Fatima Dinelli Estevinho

**LINHAS DE VIDA TECENDO COMPOSIÇÕES DO MEMORIAL
DE UMA PROFESSORA EM FESTA**

Memorial apresentado ao Instituto de Biologia como
requisito para Promoção na Carreira do Magistério do
Ensino Superior de Associado 4 para Titular.

APROVADA em 02 de dezembro de 2022.

Profa. Dra. Elenise Cristina Pires de Andrade (UEFS)

Profa. Dra. Sandra Lucia Escovedo Selles (UFF)

Profa. Dra. Silvia Nogueira Chaves (UFPA)

Profa. Dra. Solange Cristina Augusto (UFU)

UBERLÂNDIA
Dezembro – 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

E79L Estevinho, Lucia de Fatima Dinelli.
2022 Linhas de vida tecendo composições do memorial de uma professora em festa [recurso eletrônico] / Lucia de Fatima Dinelli Estevinho. - 2022.

Memorial Descritivo (Promoção para classe E - Professor Titular) -
Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Biologia.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.5372>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Professores universitários. 2. Ensino superior - Biologia. I.
Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Biologia. II. Título.

CDU: 378.124



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



Instituto de Biologia

Av. Pará, 1720 Campus Umuarama - Bairro Umuarama, Uberlândia-MG, CEP 38405-320

Telefone: (34) 3225 8638 - <http://www.portal.ib.ufu.br/> - direcao@inbio.ufu.br e

assuntoseducacionais@inbio.ufu.br

ATA

ATA DA COMISSÃO ESPECIAL PARA AVALIAÇÃO DO MEMORIAL DESCRITIVO DA PROFA. DRA. LUCIA DE FATIMA DINELLI ESTEVINHO E DELIBERAÇÃO SOBRE SUA PROMOÇÃO PARA A CLASSE DE PROFESSOR TITULAR DA CARREIRA DE MAGISTÉRIO SUPERIOR DO INSTITUTO DE BIOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

O Conselho do Instituto de Biologia, da Universidade Federal de Uberlândia nomeou esta Comissão Especial de Avaliação, conforme Portaria de Pessoal UFU Nº 5621, de 11 de novembro de 2022, tendo como membros titulares: Prof.^a Dr.^a Solange Cristina Augusto - Universidade Federal de Uberlândia - UFU; Prof.^a Dr.^a Elenise Cristina Pires de Andrade – Universidade Estadual de Feira de Santana - UESF; Prof.^a Dr.^a Sandra Lucia Escovedo Selles - Universidade Federal Fluminense -UFF; e a Prof.^a Dr.^a Silvia Nogueira Chaves - Universidade Federal do Pará - UFPA, sob a presidência da primeira. Esta comissão foi nomeada com a finalidade de avaliar o Memorial Descritivo da Prof.^a Dr.^a Lucia de Fatima Dinelli Estevinho e deliberar sobre sua promoção para a Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior do Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, conforme Resolução nº 04/2014 do Conselho Diretor do Instituto de Biologia - UFU. A Comissão tomou prévio conhecimento da Resolução 03/2017 e SEI nº 05/2018 do Conselho Diretor da UFU e do Parecer da Comissão Interna de Avaliação Docente do Instituto de Biologia da UFU, Parecer 10/2022/CADINBIO/DIRINBIO/INBIO, de 20 de outubro de 2022 e da Decisão Administrativa DIRINBIO Nº 24/2022, assinada em 25/10/2022, referentes ao Processo 23117.067021/2022-17, a qual considerou favorável à promoção da Prof.^a Dr.^a Lucia de Fatima Dinelli Estevinho, com a obtenção de 3.219 pontos, portanto, acima dos 1.000 pontos mínimos necessários para a promoção da Classe D (Professor Associado IV, 40 horas, Dedicção Exclusiva) para a Classe E (Professor Titular) da carreira de Magistério Superior Público Federal. A apresentação e análise do Memorial Descritivo foram realizadas no dia 02 de dezembro de 2022, com início às 9 horas, em formato híbrido, estando a presidente, Profa. Prof.^a Dr.^a Solange Cristina Augusto e a docente Prof.^a Dr.^a Lucia de Fatima Dinelli Estevinho presentes no Anfiteatro do Bloco 4K, e os outros membros da Comissão Especial participando a distância, via WEB, por meio da plataforma Googlemeet (<https://meet.google.com/vaa-itan-dug>), por onde a apresentação e defesa foram gravadas. Pelo conjunto dos documentos apresentados, pela brilhante apresentação do Memorial Descritivo e pela pontuação do relatório bem acima da exigida, esta Comissão Especial de Avaliação considera a Prof.^a Dr.^a Lucia de Fatima Dinelli Estevinho, **APROVADA**, e indica sua promoção imediata da Classe D (Professor Associado IV, 40 horas, Dedicção Exclusiva)

para a Classe E (Professor Titular) da carreira de Magistério Superior Público Federal. Uberlândia 02 de dezembro de 2022. Prof.^a Dr.^a Solange Cristina Augusto - Universidade Federal de Uberlândia - UFU; Prof.^a Dr.^a Elenise Cristina Pires de Andrade – Universidade Estadual de Feira de Santana - UESF; Prof.^a Dr.^a Sandra Lucia Escovedo Selles - Universidade Federal Fluminense -UFF; e a Prof.^a Dr.^a Silvia Nogueira Chaves - Universidade Federal do Pará – UFPA.



Documento assinado eletronicamente por **Solange Cristina Augusto, Professor(a) do Magistério Superior**, em 05/12/2022, às 10:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Silvia Nogueira Chaves, Usuário Externo**, em 05/12/2022, às 13:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elenise Cristina Pires de Andrade, Usuário Externo**, em 05/12/2022, às 14:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sandra Lúcia Escovedo Selles, Usuário Externo**, em 07/12/2022, às 21:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4115316** e o código CRC **B4A973A3**.

Referência: Processo nº 23117.067021/2022-17

SEI nº 4115316

RESUMO

A escrita do memorial foi ativada a partir de uma pergunta que acompanhou minha travessia enquanto professora-pesquisadora-extensionista: Como acontece o processo criativo e fazer disso um projeto de vida acadêmica? Foi pela ventania, em como ela tira os nossos pés do chão. Ventania provocada por um turbilhão de textos, falas, literatura, obras de arte, e com esses materiais em mãos fui constituindo um memorial que convoca a arte, os modos de fazer arte-educação em ninhos que foram sendo construídos a cada graveto, folha, linha, papel, colocados em caixinhas. Caixinhas como lugar de guardar palavras e fazerem elas proliferarem em escritas. E em cada voo em busca de algo novo, mas que logo percebia um encaixe nesses ninhos que brotavam e alimentavam vidas pelos afetos, em como habitar mundo em co-existências, em co-criações. Um mundo que se faz pela imediação, conceito trabalhado pela filósofa e artista Erin Manning, pois as co-existências são consequências das imediações, que não elabora suposições a priori, são aproximações que acontecem pela dobra do tempo, no entre. Além da metodologia das caixinhas surpresas este memorial foi escrito a partir das marcas que se fizeram no tempo. Não um tempo cronológico, mas um tempo que se esculpi criando acontecimentos em devir. Uma cartografia do sensível, de fazer brotar pelas marcas um entendimento dos processos criativos que se constituíram ao longo do percurso de ser professora-pesquisadora-extensionista. Marcas que revelaram que um pensar-fazer-fazendo, metodologia da pesquisa-criação, aconteceu no experienciar docências, pesquisas, extensão, arte. E com esses termos conectados por um hífen – professora-pesquisadora-extensionista nessa escrita criada por caixinhas surpresas e pelas marcas vislumbrou-se uma professora que devém artista.

Palavras-chave: pesquisa-criação; cartografia; devir-professora

ABSTRACT

The writing of the memorial was activated from a question that accompanied my journey as a teacher-researcher-extensionist: How does the creative process happen and make it an academic life project? It was because of the wind, how it takes our feet off the ground. A windstorm provoked by a whirlwind of texts, speeches, literature, works of art, and with these materials in hand, I started to build a memorial that summons art, the ways of doing art-education in nests that were being built with each stick, leaf, line, paper, placed in boxes. Boxes as a place to store words and make them proliferate in writing. And on each flight in search of something new, but soon realizing a fit in these nests that sprouted and fed lives through affections, on how to inhabit the world in co-existence, in co-creations. A world that is made through immediacy, a concept worked on by the philosopher and artist Erin Manning, as co-existences are consequences of immediacy, which does not elaborate a priori assumptions, they are approximations that happen through the fold of time, in between. In addition to the methodology of the surprise boxes, this memorial was written from the marks that were made in time. Not a chronological time, but a time that I sculpted by creating events in the future. A cartography of the sensitive, of making sprout through the marks an understanding of the creative processes that were constituted along the path of being a teacher-researcher-extensionist. Marks that revealed that a thinking-making-doing, research-creation methodology, happened in experiencing teaching, research, extension, art. And with these terms connected by a hyphen – teacher-researcher-extensionist in this writing created by surprise boxes and brands, a teacher who becomes an artist was glimpsed

Keywords: research-creation; cartography; becoming-teacher

SUMÁRIO

Preparando um corpo vibrátil - 06

As caixinhas surpresas, uma metodologia de escrita - 12

Os guardados das caixinhas surpresas - 17

Diários de uma lousa - 19

Cozinhando com palavras - 38

Memórias de infância teceram uma docência - 41

Linhas de tempo, linhas de vida - 44

Marcas que compõem o percurso da vida acadêmica - 44

Uma vida acadêmica em provocações: a pesquisa-criação abrindo caminhos - 48

O cinema e a luta pelas minorias como marca - 58

A política sempre atravessa: a profissão professora é política - 77

Quem sou? O que ainda desejo? - 84

Agradecimentos - 88

Referências - 58

Anexos - 92

Anexo 1- Produções gestadas no decorrer da vida acadêmica - 93

O tempo e a memória incorporam-se numa só entidade; são como os dois lados de uma medalha. É por demais óbvio que, sem o Tempo, a memória também não pode existir. A memória, porém, é algo tão complexo que nenhuma relação de todos os seus atributos seria capaz de definir a totalidade das impressões através das quais ela nos afeta.

A memória é um conceito espiritual!

Andrei Tarkovski
(Esculpir o tempo, 1990)



*Fotografias aleatórias em performances-experimentações com diversos materiais.
Imediações Aberrantes coordenado por Davina Marques, Alda Romanguera e Carlos
Silva no VII Conexões Deleuze e cosmopolítica e ecologias radicais e nova terra e ...
Campinas, novembro de 2017.*

PREPARANDO UM CORPO VIBRÁTIL

Como mergulhar em uma escrita de um memorial que trouxesse o frescor dos acontecimentos em diferentes momentos da minha vida acadêmica? Frescor no sentido de tornar atual o passado, o presente e o futuro em devir docências conectando ensino e pesquisa? Ensino e extensão? Pesquisa e extensão? Gestão administrativa de tudo? Frescor porque não se tem um “norte” bem delimitado a seguir, mas apenas um sonho de criação que me acompanhou desde muito tempo como docente-pesquisadora-extensionista universitária. Como docente-pesquisadora-extensionista que se arrisca na educação com artes, em processos de criações.

A escrita deste memorial começou a ser gestada durante a pandemia¹ que trouxe um tempo de parar a vida. Estudar preenchia o tempo, acalmava o corpo. Apareceram as *lives* de diferentes grupos de pesquisa, fui entrando e percebendo falas que se entranhavam nas minhas, uma vontade de colocar minha experiência docente para conversar com outras experiências, movimento que me conduziu a pensar como acontece o processo criativo no fazer docência, no fazer pesquisa; fazer disso o mote do memorial que apresento. Sem pensar muito, mas dando linha aos afetos que por vezes ficam escondidos nos afazeres acadêmicos que nos afastam das nuvens, do céu, do vento, da luz, da chuva... tempo. Buscar um fazer docência-pesquisa-extensão que se assemelhe mais com os processos criativos em arte², já que estava frequentando um ateliê de arte há algum tempo e havia participado de algumas exposições artísticas com colegas que traziam pelo feminino suas criações. Nesse processo criava com roupas, linhas e costuras... alinhavos. Com o coração, com as coisas que marcam o corpo da gente, e deixava verter-brotar em criações livres.

¹ Esse memorial foi sendo criado enquanto realizava a pesquisa intitulada *Movendo pensamentos e criações no ensino e na pesquisa em educação pela filosofia de Deleuze*, no período de pós-doutoramento realizado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP no período de 01 de março de 2021 à 31 de janeiro de 2022 e no período subsequente enquanto preparava os artigos e conferências resultantes da referida pesquisa. Por isso, a escrita deste memorial se faz pelo relatório de pesquisa do pós-doutorado apresentado na Faculdade de Educação da UNICAMP.

² “Um modo de fazer pesquisa que se assemelhe mais aos processos criativos do campo da arte, faz perturbar criativamente os próprios processos de pesquisa” (HROCH, 2020, p. 31) Acrescento a esta citação que o fazer pesquisa que defendo está vinculado, conectado ao fazer docência, ao fazer atividades extensionistas.



Fotografias da obra *Roupas* - Exposição “Distâncias em mim” realizada da Galeria do Espaço Cultural do Mercado. Uberlândia, outubro de 2017.

Na exposição *Distância em mim*, o texto a seguir fazia parte da obra *Roupas*, minha primeira participação como artista em uma exposição.

O que uma roupa pode contar?

Aniversários, casamentos, cores, bordados, estilos. Tempo!

Tempo de vida, de estudar a vida: as plantas, as pessoas, as pessoas que contam o que sabem. Registros. Exsiccatas.

Exsiccatas são plantas secas costuradas com alinhavos.

Etiquetadas com números, lugares, nomes, coordenadas, medidas e tabelas de cores.

*Esse é o **Jaleco**. A Biologia e o que eu faço dela: Cultura!*

Plantas em mim.

*O **Casaco** é a herança da família, aquilo que põe ordem em tudo.*

E quando a ordem não é natural, a medicalização.

Costurada na pele, suturada no organismo: produz outras vidas?

Alivia.

Suturas em mim.

*A **Camiseta** a gente usa a toda hora, faz parte do cotidiano.*

Branca. Design limpo.

*Me dispo e construo outros significados para a vida: **Biologias!***

*Para o alívio da vida: **Chás e Amor!***

Para despir é preciso estar vestida.

*O **Vestido** é tudo que transbordou na vida: o amor, a filha, a mãe.*

Mulheres de fibra! Rasgada, esgarçada, tecida, alinhavada, fazem bater o coração.

Exames, rotina, pressão, alívio.

Tudo costurado: bordando vida na vida!

Corações em mim.

Como acontece o processo criativo e fazer disso um projeto de vida acadêmica?
Um processo de vida acadêmica que se fez pela criação? Pela liberdade de criar no ensino,
na pesquisa e na extensão?

Foi pela ventania, em como ela tira os nossos pés do chão. E, no meio de um
turbilhão de textos, falas, literatura, obras de arte, tantos materiais em mãos fui

constituindo este memorial que convoca a arte, os modos de fazer arte-educação em ninhos que vão sendo construídos a cada graveto, folha, linha, papel, colocados em *caixinhas*³. A cada voo em busca de algo novo, mas que logo percebia um encaixe nesses ninhos que brotavam e alimentavam vidas pelos afetos. No começo ainda não sabia o que era habitar mundo em “co-existências”, em “co-criações”. Provavelmente na conferência de abertura do VII Conexões⁴ eu tenha sido capturada pela fala de Erin Manning, encantamentos que conduziram o pensar em criação, em co-criação a partir da imediação, pois as co-existências são consequências das imediações, que não elabora suposições a priori, são aproximações que acontecem pela dobra do tempo, no *entre*. É pensar pelo *entre*, pelo meio: “Uma política de imediação começa aqui, no não saber. Pois se instalando no meio nunca há-um-saber-antecipado. O que existem são hecciedades, qualidades que ainda estão por vir em plena presença, mas que, no entanto, já fazem a mais mínima das diferenças” (MANNING, 2019, p. 20). Essas *hecciedades*, diz Manning, são a atmosfera que permeia o antes. Aquilo que de certa forma convoca, sem saber no que vai dar. “Elas são o teor relacional de incipiências que podem nunca a vir a se formar, mas, no entanto, sempre têm sido sentidas, se não por nós, pelo mundo” (MANNING, 2019, p. 20).

Um mundo que se desmorona lá fora por vivermos no antropoceno, pela necessidade de aterrar⁵. Um mundo que anunciava mortes de humanos por uma pandemia que nos colocou em janelas que se abriram para o fora literalmente, as vezes um fora distante do lugar onde habitamos, lugar aonde passa um rio, um rio imaginado, um rio não visível a olho nu, mas que encontrava com rios de outros.as colegas que abriram janelas comigo. Paisagens, árvores, ruas, avenidas, pássaros, barulhos da cidade, sossego

³ Para esta escrita utilizei como metodologia para uma escrita inventiva e artística a caixinhas como lugar de guardar palavras e fazerem elas proliferarem em escritas.

⁴ O VII *Conexões Deleuze e cosmopolítica e ecologias radicais e nova terra e ...* aconteceu em Campinas na UNICAMP em novembro de 2017. A conferência de abertura intitulada *Toward a Politics of immediation* foi proferida pela Profa. Dra. Erin Manning e pelo Prof. Dr. Brian Massumi e estão publicadas na revista *ClimaCom* no endereço:

http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2019/10/19_02_livro_conexoes_final.pdf

⁵ Utilizamos o verbo aterrar a partir de Bruno Latour que no seu livro *Onde aterriza? – como se orientar politicamente no Antropoceno* adota o verbo “*Atterrir*” traduzido por aterrar ao se referir que diante da crise climática “não podemos compreender nem a explosão das desigualdades, nem a amplitude das desregulações, nem a crítica da globalização e nem, sobretudo, o desejo desesperado de regressar às velhas proteções do Estado nacional [...] Para resistir a esta perda de orientação comum, será preciso *aterrar*” (LATOURE, 2020, p. 10-11).

da janela emoldurada de vermelho em frente ao lago. Habitar uma casa de memória por um tempo. Refúgios. Cheiros, cores, objetos no tempo. Todo esse fora se dobrou para dentro. Um mergulho em si que as janelas do computador provocavam com carinhas novas, cenários novos, com falas de um conhecimento novo, de muito estudo, mas de uma leveza que me fazia flutuar quando me lambuzava nos materiais oferecidos por duas disciplinas que cursei no período de afastamento para cursar o pós-doutorado⁶. Um encantamento sem fim, um pensar-fazer-fazendo - *thinking-making-doing*, metodologia da pesquisa criação – *Research-creation*, publicada no livro “Knots and Knowings, Methodologies and Ecologies in Research-Creation” (LOVELESS, 2020), livro que finalizou as leituras do pós-doutorado e que respondeu à pergunta que acompanhou a minha vida profissional como professora-pesquisadora-extensionista: como acontece os processos criativos na pesquisa e na docência? Com a leitura do livro citado acima consigo vislumbrar minha trajetória acadêmica, da professora-pesquisadora-extensionista que se arrisca no seu fazer sempre entremeado pela criação.

Foi assim que encarei o desconhecido dentro do conhecido que é minha carreira docente, mas que, por apostar na criação, o lugar do não conhecer, o não saber sempre me espreitava. O não saber como o primeiro passo para o conhecimento é o que Petra Hroch (2020) comenta em resposta ao seu envolvimento com o livro-arte (e-book) *Open Wide: an Abecedarium for the Great Digestive System* escrito por Randy Lee Cutler. Segue um trecho da resposta:

Ao me envolver com seu trabalho [referindo-se ao e-book “Open Wide”] também desenvolvi um apetite pela noção de figuração como metáfora de enquadramento⁷. [...] O que significa se o devir-besouro não é uma metáfora? Pensar não apenas através da linguagem, mas através dos sentidos, nos convida a considerar como seria o devir-besouro, como se sentiria – que novos aparatos sensoriais podemos ter como um besouro, que novas cores se podem ver, que novas vibrações se podem sentir, o que o mundo teria gosto através de nossos dedos do pé⁸ (HROCH, 2020, p 37-39).

⁶ As disciplinas cursadas foram: "Seminário 1: Arte linguagem e educação" do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP e "Literatura, Cultura e Sociedade" do Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural da UNICAMP.

⁷ Referenciando a obra “A metamorfose de Kafka” de Deleuze e Guattari.

⁸ Trecho traduzido por nós.

Pensar como uma flor, foi o que me ocorreu pelas memórias de uma redação-composição – tarefa para uma menina que frequentava o segundo ano do antigo primário cujo título anunciava uma escrita poética: “Se eu fosse uma flor e soubesse falar [...]”. Tarefa criticada e denunciada pelo professor como sendo uma cópia: “De onde você copiou?” Não sei ao certo se foi com essas palavras, mas foi com essa marca do meu processo de alfabetização que meu exercício de docência foi se constituindo ao longo do tempo. Hoje a escrita é algo que flui, não apenas pelo próprio exercício da docência, como também por ser pesquisadora, escritora de artigos para comunicar as pesquisas. Hoje a escrita é mais livre, com pretensões a uma escrita literária. Penso que não é preciso falar para expressar, para ser flor, talvez um cheiro, uma cor, um odor. O brilho do sol se fazendo cor. O movimento da cor ao vento. A carícia pela pele, película. A dobra que se desdobra em cor.

Naquele momento veio em nossa direção uma mulher que tinha o aspecto de uma robusta camponesa. Ela trazia com as duas mãos diante de si uma espécie de esteira tingida de rosa, sobre a qual estava estendido um corpo, do mesmo rosa vivíssimo, que nos intrigou por seu aspecto meio humano, meio vegetal. [...] Bertha, esparramada sobre esteira, dormia nua ao sol sem que a mãe buscasse de maneira alguma protegê-la de seus raios ardentes. Com aproximadamente seis semanas de vida, a menina tinha um aspecto desconcertante e angustiante. Sua pele, de uma espessura e uma transparência inauditas, lembrava exatamente uma pétala de flor e tinha sobre toda sua extensão a mesma cor chapada de rosa vivo. Por essa epiderme fabulosa corria uma rede de veias não menos estranhas, cuja tonalidade verde tinha reflexos de esmalte semelhantes aos de algumas flores. A pele era tão diáfana que deixava ver os diferentes órgãos do corpo. (trechos do livro “Bertha, a menina-flor” de Raymond Roussel).

Escrita que flui e que se torna desejante⁹ para um memorial que se move, se cria pelas provocações, marcas que afloram a partir do experimentar docências na pesquisa de pós-doutorado, pelas disciplinas cursadas e grupos de pesquisas frequentados neste período de estudo. Por me colocar como corpo vibrátil na escrita do memorial que apresento.

O corpo vibrátil vai se constituindo pelo conjunto de sensações quando não mais separamos sujeito de objeto. E assim o outro “é uma presença que se integra à nossa textura sensível, tornando-se assim, parte de nós mesmos”. E assim, o outro deixa de ser objeto “e passa a se tornar uma presença viva, com a qual construímos nossos territórios de existência” (ROLNIK, 2011, p. 12).

⁹ Escrita diária. Se forçar a escrever três páginas por dia. Um modo de buscar a própria voz. Um encontro com a própria voz. Um chamado. Exercício proposto por Susana Dias no Caderno Chão de Floresta que acompanhei durante o período de pós-doutorado.

AS CAIXINHAS SURPRESAS, UMA METODOLOGIA DE ESCRITA



Me vi em meio a tantas caixinhas¹⁰. Comecei a colecionar uma série de caixinhas e a colocar coisas dentro, logo eu que queria sair das caixinhas, que como artista tinha um desejo de criar uma não-classificação, uma desobediência à biologia que organiza e estrutura tudo.

Uma caixinha com palavras, outra com frases-formulas¹¹, outra com desenhos – escolhi desenhar pirilampos por conta da leitura de Didi-Hubermann, livro “A sobrevivência dos vagalumes”¹². Acho que tudo isso me fazia sobreviver em um mundo caótico em plena pandemia, me fazia calma em mim. Tudo organizado em uma “mesa de trabalho”, metodologia proposta por Susana Dias e que me acompanhou no percurso do pós-doutorado e na escrita deste memorial. Pude ver os vagalumes em outro tempo, no tempo em que eles aparecem, no calor da primavera. Nas noites escuras, saía lá fora e os capturava com o olhar. Um olhar *entre* talvez tenha que ter essa capacidade de capturar brilhos, lampejos, ionizações¹³... deslizei no *entre* tudo, não só para as imagens eu olhava, embora penso que elas nunca deixaram de estar comigo, de mover pensamentos-escritas-arte-vida.

As perguntas da pesquisa do pós-doutorado insistiam, as vezes queria escondê-las, outras transparecer, deixar ver só um pouco. Como quando fechamos os olhos com as mãos e deixamos uma fresta de luz passar. Perguntas que se fizeram a partir de muito

¹⁰ As caixinhas vieram pelas conversas de escrita no grupo Caderno Chão de Floresta. Frases dos colegas que faziam o corpo Chão de Floresta e que fui registrando: “Caixas tem paredes e um abrir e fechar que causam surpresas”. “Caixinhas nas quais eu vou colocando palavras. Assim posso não ter o controle das palavras e escrever com o inusitado”. Escrita diária: “eu abro uma caixa, viro uma palavra e escrevo com essas palavras que saem”.

¹¹ Algumas formulas: Inventar modos de pisar que não deixem rastros”; “Como tornar o previsível em algo imprevisível. O previsível tornar-se imprevisível”;

¹² Leitura sugerida no grupo de pesquisa Humor Aquoso.

¹³ Inspiração pela tese de Marcus Novaes do grupo de pesquisa Humor Aquoso. NOVAES, Marcus Pereira. “Ionizações e infâncias em cinecartografias latino-americanas”. Campinas: Unicamp, Faculdade de Educação, tese de doutoramento, 2021.

anos trabalhando com as imagens no ensino¹⁴, na pesquisa¹⁵ e na extensão¹⁶. Perguntas que insistem em ficar: O cinema move pensamentos porque está livre da representação? As imagens criam espaços a criar? Estaria nas imagens o ato criativo?

Perguntas que fui recolhendo ao longo da docência que devinha ser pesquisa. Das aulas, tudo vinha. Uma busca inerente e inexequível do trabalho docente. Mas ser docente não é apenas dar aulas. Para mim era o começo de tudo, por isso importava tanto seu mecanismo. Porque ser diferente a cada aula? A cada momento? Ouvir os.as estudantes e coloca-los.las em (des)sintonia nas aulas, seus pensamentos, suas vontades, seus desejos? As vezes um brigadeiro – doce feito pela professora aos seus estudantes, amansava a angustia do não saber¹⁷. Saborear. – Como, ela professora não sabe? Mas a dúvida e o não saber era o que mais importava. Passei anos seguindo essa pergunta. A trouxe para a escrita deste memorial, agora já trabalhada pela pesquisa de pós-doutorado. Júbilo em ver que o não saber é o começo de tudo. É estar no meio, no *entre*, *intermezzo*.

Estas perguntas foram alimentando a problemática da pesquisa realizada no pós-doutorado – “no exercício da docência colocar o pensamento em movimento é um desafio que perpassa todo o trabalho da disciplina Biologia e Cultura. E para esse exercício, para além da palavra escrita, as imagens tem um papel fundamental para colocar o mundo em movimento” (ESTEVINHO, 2021), entendia que a palavra escrita trazia a ideia de representação. Por isso a necessidade de ir para outras linguagens, para fugir da

¹⁴ As disciplinas que ministrei na graduação e na pós-graduação a partir do período do doutorado sempre se faziam pelas imagens. São elas: Metodologia do Ensino de Ciências; Estágio Supervisionado; Projeto integrado de prática educativa – 7 (PIPE-7); Educação Ambiental; Profissão Biólogo; Biologia e Cultura.

¹⁵ Os projetos de pesquisa pelos quais desenvolvi minhas pesquisas orientando estudantes da graduação e da pós-graduação em conexão com o estudo das imagens foram: “Conexões entre biologia, arte e cultura na formação de professores de Ciências e Biologia” (2018-atual); “Criações em Arte e Vida” (2018-atual); “Ciência, Cultura e Arte: um estudo a partir dos registros fotográficos de professores da Educação Básica” (2016-2017); “As novas mídias e os desafios da educação: o uso do celular em sala de aula” (2015-2017); “O potencial de uma proposta de educação ambiental articulando a cultura popular sobre plantas e a cultura midiática” (2010-2011); “A mídia como elemento articulador entre o conhecimento popular sobre plantas e a educação ambiental de jovens e crianças” (2009-2011); “Discussão dos temas da Biologia na mídia: a escola e a pedagogia cultural” (2008-2009);

¹⁶ Seguem os projetos de extensão coordenados por mim e que se envolveram com as imagens: “1a. Mostra [em] curtas” (2020-2020); “Luz, Câmera... Educação! As possibilidades do Cinema na Escola” (2019-2020); “Mais ciência, cultura e integração: uma parceria universidade, escolas públicas e museus / novos talentos” (2013-2016); “A mídia como elemento articulador do conhecimento popular sobre plantas e a educação ambiental de jovens e crianças” (2010-2010).

¹⁷ Não saber da professora que criava pelo *entre*, se arriscava. Não saber dos estudantes diante de uma prova que exigia conhecimento e fabulação, a fabuloprova. O doce “brigadeiro” era para ser degustado como a fabuloprova.

representação. A pesquisa de pós-doutorado me levou para a figuração, sentir como um pirilampo os lampejos, o escuro e o claro. A vibração da luz na noite, escura. Como os pirilampas me enchi de elementos brilhantes para iluminar a escuridão e por vezes se esconder dela ou me esconder nela. Fazer uma escrita sentindo, vibrando, fugindo da representação, procurando olhar firme para as imagens. Elas passavam e eu via outras coisas. Uma escrita que vê? Uma escrita (des)ordenada sabia aonde queria chegar, mas não sabia como. Fui sentindo docências, flutuando com elas, recortando papéis, colorindo outros, desenhando, me entregando a um livro (*Ondas* – Virgínia Woolf) na surpresa da releitura: Como? Não é possível que eu já tenha lido isso. Continuo a leitura e me entrego para a natureza, mas agora a natureza envolve tudo. Não me separo mais dela, desde o sol que manda seus primeiros raios na praia e ilumina a janela até o por do sol do dia, fecho a janela e não vejo mais nada. “O sol pousava lâminas mais largas sobre a casa. A luz tocava em algo verde na janela, tornando-o uma mancha esmeralda, uma gruta de puro verde como um fruto sem semente. Aguçava as quinas das cadeiras e mesas, e as toalhas de renda branca com finos fios de outro” (WOOLF, 2011, p. 33).

Perceber que a literatura se faz no *entre*, cria modos pelo meio, palavras soltas, mas que bem tecidas na urdidura da tinta ganham o papel e pelas manchas correm pelo sangue, entram na carne, vira do avesso. Desassossego. Dobra o pensamento que cria asas, voa, brota, entra na terra e estilhaça tudo. No ventre que rompe a letra, a palavra, a cor, uma voz, muitas vozes povoam os livros, fazem brotar memórias, chegam a cria-las e as libertam.

As nuvens soltam tufos de brancura quando a brisa as dissolve. Se esse céu azul pudesse permanecer para sempre; se esta abertura pudesse durar para sempre; se este momento pudesse ficar para sempre [...] apanham as frases enquanto elas borbulham (Virgínia Woolf – As Ondas, p. 42).

- Agora, relva e árvores, o ar passa soprando espaços vazios no céu azul que depois recobrem, sacudindo folhas que depois retornam aos seus lugares, [...] (Virgínia Woolf – As Ondas, p. 44)

Quando leio, uma risca cor de violeta corre pelo canto negro do livro. (Virgínia Woolf – As Ondas, p. 46)

[...] Meu sangue deve estar vermelho-vivo, excitado, batendo contra minhas costelas. As solas de meus pés estão sensíveis como se fios elétricos se tocassem e se separassem nelas. Vejo nitidamente cada talo de grama. Contudo o sangue lateja de tal maneira a minha frente, atrás de meus olhos, que tudo dança – a rede de tênis, a relva; os rostos de vocês esvoaçam como borboletas; as árvores parecem saltar para cima e para baixo. Nada se fixa, nada se acomoda neste universo. Tudo ondula, dança; tudo é rapidez e triunfo [...] (Virgínia Woolf – As Ondas, p. 50)

Chamo de falhas porque isso é que eram. Não aberturas nem fendas, mas fissuras sombrias no globo luminoso do dia. Ela acorda de manhã e vê com perfeita clareza uma sequência de pequenas cenas bem iluminadas. Em cada uma, algo específico a ser feito: cozinhar coisas, trabalhar coisas; clientes e conhecidos encontrados, lugares frequentados. Mas ela não se vê fazendo essas coisas. Ela vê essas coisas sendo feitas. O globo de luz sustenta e banha cada cena, e pode-se supor que na curva onde a luz se detém exista uma base sólida. Na verdade, não há base nenhuma, mas sempre becos, fendas que se atravessa o tempo todo. Mas o globo de luz também é imperfeito. Examinando de perto, ele revela emendas, rachaduras mal coladas e pontos fracos além dos quais pode existir qualquer coisa. Absolutamente qualquer coisa. [...] (Toni Morrison – Jazz, p. 35).

OS GUARDADOS DAS CAIXINHAS SURPRESAS



As caixinhas foram fazendo soltar as palavras, brincar com elas, montar um berçário de ideias. Um exercício criativo de organizar a escrita que se fazia quase diária nos cadernos que se coloriam com as letras e o desenho delas no papel. E nesse abrir de palavras que combinavam com o desejo, ou que eram antagônicas a ele, buscando no dicionário o significado de algumas, que abria um livro e escrevia uma ou outra frase e ligava a outras, ou deixava num canto a amadurecer. Pregava na parede, esperava um pássaro vir fazer ninho nelas. Um casulo, para libertar a escrita, uma escrita inventiva. Movia pensamentos no experienciar criação – *thinking-making-doing* em pesquisa-criação (TRUMAN et. al, 2020). Dos cadernos abertos uma revoada do que quer que seja: borboletas, mariposas, besouros, pirilampos, letras, palavras, ideias, frases, cor, desejos...

... assim um *Diário de uma lousa* foi escrito...

... uma poesia – *Cozinhando com palavras*, foi trançada com plantas cozinhando sabores e aromas e biológicas e vidas...

... *memórias de infância* teceram uma *docência*

...

Diário de uma lousa¹⁸

09-11-1991 Estou cansada de tanto barulho. Os meninos e as meninas da 4^a. Série não param de conversar. As vezes fico querendo ajudar a professora a mantê-los quietos. Sempre fico no meio da conversa entre a professora e eles.as. Como eu raramente saio da sala de aula fico pensando se não valeria a pena a professora deixar os.as estudantes conversarem um pouco, as conversas entre eles.as são tão interessantes. Hoje a professora fez um experimento nas aulas de Ciências: pediu para um dos garotos trazer de casa dois potes de vidro transparentes com um pouco de batata cozida e amassada dentro de cada pote. Na minha frente, ela pediu que ele colocasse um pouco de saliva em um dos potes e fechasse e, no outro não colocar nada, apenas a batata cozida. No final da aula pediu que abrisse os dois potes, chamou uma aluna e entregou-lhe um conta gotas com um líquido azul dentro e pediu que ela colocasse 3 gotas em cada pote e levantasse os dois potes para que toda a turma observasse. Como a aluna estava de costas para mim, não vi nada, só ouvi um coro dizendo:

- Não aconteceu nada professora!

A professora ficou desapontada tentando mostrar que no pote que tinha saliva o amido (componente da batata) ficaria da mesma cor (amarelo claro), já que o amido teria se transformado em glicose (um tipo de açúcar). A saliva contém uma enzima que transforma amido em glicose. Mas parece que isso não aconteceu, pelo menos o experimento não demonstrou. E no pote que tinha batata sem saliva deveria ficar azul, pois o líquido azul que foi pingado era uma espécie de marcador da presença do amido. Achei tudo confuso, mas foi interessante ouvir a professora pegando uma glicofita (fita que indica a presença de açúcar) e mostrar que no pote que tinha saliva a glicofita havia ficado verde, pois segundo a professora a cor verde da glicofita é um indicador da

¹⁸ Esse diário foi criado a partir de um exercício do grupo Chão de Floresta que se formou para dar continuidade aos trabalhos de escrita diária propostos pela disciplina "Literatura, Cultura e Sociedade" do Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural da UNICAMP. A criação do diário foi inspirada na leitura do livro *Diário de uma favelada* escrito por Carolina Maria de Jesus.

presença de açúcar. Já no pote sem saliva a glicofita não alterou a cor. Logo em seguida, a professora perguntou aos estudantes:

- Para que serve a saliva? E pediu que escrevessem a resposta no caderno. Passaram alguns minutinhos a professora foi verificar a resposta e ficou decepcionada novamente, pois a maioria dos.as estudantes responderam: “serve para não deixar a boca amarga”. Eu achei tão interessante essa resposta, mas parece que a professora não gostou e logo foi dizendo:

- Quem escreveu que é para não deixar a boca amarga, pode apagar.

E num gesto rápido pegou um pedaço de glicofita e colocou na sua língua mostrando para os.as estudantes que na boca dela não tinha açúcar. Um ato desesperador para salvar um experimento, para se chegar em uma resposta predeterminada. Como sou curiosa e habituada a ficar no mesmo lugar todos os dias já consigo ouvir as conversas dos estudantes lá do fundo da sala de aula e um dos estudantes disse num sussurro:

- Também ela acabou de escovar os dentes!

Como era a primeira aula do período da tarde, percebi que o estudante tinha razão. Eu e os colegas que estavam próximos, pois vi que mexeram a cabeça para baixo e um gesto afirmativo¹⁹.

10-11-1987 Estou instalada na parede de uma sala de uma escola pública localizada em uma pequena cidade do interior do Estado de São Paulo. Acho que nasci aqui. Tabapuã. Passei por anos difíceis, me sentia vigiada o tempo todo, servia de objeto de vigília do que acontecia naqueles espaços de ensinar e aprender. Não gosto do silêncio e quando todos estão à minha frente, o silêncio me deixa sem graça frente à professora. Me identifico com o escuro nesses tempos em que um simples barulho de uma moeda caindo no chão é motivo de muita repressão. Me chamam

¹⁹ Inspirado na dissertação de mestrado intitulada *A evolução conceitual na prática pedagógica do professor de Ciências das séries iniciais* e defendida na Faculdade de Educação da Unicamp no ano de 1997. Publicado na revista *Ensino Em Revista*, v. 9, 2002 com o título: *Ações e desafios do professor reflexivo*.

também de Quadro negro, prefiro Lousa. O feminino é menos tóxico, menos agressivo. Em poucos momentos ouço um barulho de conversas entre os adolescentes. Mas basta um adulto entrar que tudo se cala. O silêncio é cortante e os corpos ficam em pé. Dizem que é sinal de respeito, para mim é obediência. Hoje conheci uma professora nova²⁰, tão nova de idade que se confunde no meio dos.as alunos.as. Me pareceu que ela sorriu para mim, achou engraçado o silêncio e os corpos, que, ao seu primeiro passo dentro da sala de aula, ficaram imediatamente em pé.

09-11-2021 **Eu** já não estou mais presente fisicamente na sala de aula que se transformou em pequenas janelas em uma tela no ano de 2020 em razão do isolamento social pela pandemia do Sars COVID-19. Enquanto janela eu até consigo ver uma pouco mais da vida de cada um, mas sinto que a professora não consegue ver ninguém, ela aproveitou para ser aluna novamente, agora num estágio de pós-doutoramento na Unicamp. Em tempos de crise, de falta de chão e de ar, estudar foi o que salvou muita gente. A professora me confessou ontem que tem esperança que voltamos a estar juntas fisicamente em abril de 2022. Não vejo a hora.

11-11-2002 **Tenho** estado muito só, embora há um entrar e sair de pessoas. Estou em uma sala confortável e com uma acústica que não permite o som vazar. Quase não ouço as minhas colegas das salas ao lado, nem ao fundo, nem a frente. Preciso de eco para me desprender desse estado de paralisia, de sair para fora destas quatro paredes. Sinto saudades da professora, ouvi falar que ela está fazendo doutorado na Unicamp. Fico tentando imaginar que lousas tem acolhido ela por lá. Que conversas acontecem nesses outros espaços, serão iguais aos que eu observo e participo aqui? Um corpo tatuado de palavras, fórmulas, desenhos, recados renovados a cada dia? Fiquei sabendo também que o corpo da professora acolheu um outro corpo dentro dela. Já vi varias

²⁰ Lucia de Fatima Dinelli Estevinho iniciou sua carreira docente no magistério do ensino fundamental e médio no ano de 1987 na Escola Estadual de Ensino Fundamental Monsenhor João Telho na cidade de Tabapuã, estado de São Paulo.

professoras nesse estado de corpos juntos. Eu mesma já tive corpos outros com o meu. Sinto uma brisa que entra pelas janelas e pela porta que ainda está aberta. Ela me conta de um sofrimento que passa pelo corpo que não ganhou a luz. Gostaria de acolher a professora neste momento de separação de corpos. De um corpo sem luz, mas que deixou muita luz²¹ ... eu mesma sempre reflito a luz: do sol, das luzes dos projetores de slides e retroprojetores, da luz das lâmpadas, do brilho dos olhos das pessoas que passam por aqui.

12-11-2004 Querida professora, que bom tê-la de volta. Na sua ausência houve um reboiço por aqui. Estou encantada com os filmes e músicas que você faz compor minha pele nos horários que estamos juntas. Os.as estudantes parecem não compreender a sutileza que esses materiais trazem. Não entendem que isso possa ser uma didática, uma metodologia de ensino. Por isso o estranhamento, mas daqui do meu canto consigo perceber o brilho dos olhos de alguns deles. Talvez você ainda não perceba. Me encantei com a sagacidade do texto do professor Leandro Belinaso²² sobre as práticas de ensino. Creio que você está no caminho certo. Tenha confiança!

15-11-1995 A mudança abrupta²³ parece lhe causar muito mal estar. A professora está mais magra com olhos arregalados, meio que pedindo socorro. Mas, mesmo com toda essa angústia, ela me fez perceber que tenho uma companheira que fica em uma escola pública da cidade de Uberlândia. Escola Estadual Messias Pedreiro. Fico conhecendo outros ares, outros movimentos. Na

²¹ A luz faltou no momento da vinda da Elisa a este mundo, mas quanta luz ela deixou a iluminar nossas vidas. Trecho de escrita do diário de Lucia Estevinho, sem data.

²² Capítulo intitulado *Desnaturalizando práticas de ensino de Biologia* escrito por Leandro Belinaso Guimarães no livro *Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa* organizado por Martha Marandino; Sandra Selles; Marcia Serra Ferreira; Antônio Carlos Amorim. Niterói: EDUFF, 2005, v. 1, p. 171-181.

²³ Mudança de nível de Ensino, deixa de ser professora do Magistério do Ensino Fundamental e Médio para ser professora do Magistério do Ensino Superior da Universidade Federal de Uberlândia. Mudança de cidade e mudanças outras, muitas... por trazer um filho de seis meses no colo.

universidade, a professora está acompanhada de uma colega e poucos estudantes, uma delas lhe faz uma pergunta:

- Estou no último ano de faculdade e uma vizinha me perguntou como cuidar de um vaso de planta. E eu não sei o que responder. Como posso ser uma bióloga sem saber responder esta pergunta?

A professora não responde à pergunta, tenta acalmar a aluna, dizendo que no final de uma graduação essa sensação de que não sabemos nada é muito grande, especialmente diante de uma turma de alunos e alunas, o não saber faz parte da profissão professor professora. Você escolheu responder com acolhimento, mas bem que eu percebi que você sabe muito mais sobre essas questões de teoria e prática que tanto estudou no mestrado na Unicamp. Mas parece que há um nó em sua garganta. E as vezes nem tudo o que quer dizer consegue sair de sua boca por palavras e frases e teorias e ...

16-11-2017 O ano é de mudança, por isso as vezes vejo a professora triste, ansiosa, receosa. Em outros momentos uma alegria imensa invade o corpo dela e a transforma em um ser de luz, flutuante e leve. Os sapatos de ferro que a prendiam ao chão vão se soltando e os balões coloridos que leva em suas mãos vão lentamente tirando os seus pés do chão. Os estudantes de pós graduação se reúnem em torno de imagens e obras de arte. A professora compartilha as aulas com outra professora. A maioria dos/as estudantes são conhecidos/as. Há momentos de muita segurança e a entrada de um estudante da área de cinema enche a sala de novos olhares, ângulos, enquadramentos. Percebi um momento de tensão quando das discussões dos textos do Bruno Latour²⁴. Fico tentando avisar a professora que esses momentos também acontecem com outros professores. E que as aulas que ela carrega são sempre momentos de criação. CRIAÇÃO. Por onde

²⁴ Leitura de dois capítulos do livro *A Esperança de Pandora* escrito por Bruno Latour.

passa o caminho do conhecimento? Experimentações, arte, imagens, sons, cinemas, narrativas.

Inventivas.

Hoje nos movimentamos entre as aulas da pós graduação e da graduação. Nesta última, vejo os estudantes desanimados com a ideia de criação. Ainda não perceberam o prazer de criar. A professora insiste, persiste. A criação brota no meio de lâminas de microscópios que não carregam mais partes de uma folha, mas sim mini fotografias de estudantes e professoras reunidas na Escola Municipal Dr. Joel Cupertino Rodrigues para olharem no microscópio o interior de uma folha. Na escola as lâminas das plantas se transformam em lâminas de pessoas reunidas em torno do conhecimento. Tudo observado pelas lentes do microscópio e da máquina fotográfica. Num trocar de lentes e objetos, há surpresa no olhar de cada estudante na escola. Brota criação no vestido de dançar funk engomado e pendurado em um cabide de roupa. Nos babados do vestido fotografias das aulas de dança. Para finalizar o Estágio 1 na escola todos reunidos em festa. A escola acolhe o funk, a bateria, a dança e a biologia se entrelaça com a cultura. Alegrias.

23-11-2018 Tenho ficado só e triste. Tempos difíceis novamente. Hoje a professora e os/as estudantes não estão comigo, foram para a praça pensar com as árvores. Acho arriscado nestes tempos de eleições nada democráticas sair para praças. Tenho a sensação que novamente os/as professoras estão sendo vigiados. Mesmo com tanto medo, foram para a praça e, eu, fico esperando o retorno para saber um pouco do que aconteceu, aflita, mas plena de que vai dar certo. Soube que convidaram alguns pesquisadores do campo da ecologia para conversar sobre os métodos de estudo dos ecólogos. Levaram instrumentos de coleta de plantas, de herborização, de poda, de medir a altura e o diâmetro das plantas. Mas não me convidaram, parece que eu não combino com espaços ao ar livre. Ouvi dizer que tenho parentes que ficam em lugares abertos, quem sabe um dia eu consigo visita-los. A vontade de estar na praça é tanta que quando chegam de lá trazendo

fotografias, ideias, fico contente porque transformam as árvores em afetos, trazendo coisas de fora para movimentar o pensamento de dentro. Chegam no final da tarde carregados de materiais, vivências de brincar: um cachorro de rua no colo em um balanço. Até flagraram a professora balançando no meio das árvores. Esses materiais são colocados nas bancadas, bem ali na minha frente. As vezes trazem folhas e sementes. O vento, trazem nas vozes e nas ideias que balançam seus cabelos. Neste dia a professora pediu que todos se juntassem para fazer um mapa da praça com tudo aquilo que observaram e aí as histórias daquele lugar puderam fazer parte de meu repertório. E cada história de afeto, bonitas que só vendo:

- Histórias da árvore flamboyant-roupa. Os danados observando essa árvore perceberam que haviam cobertas dobradas e pendurados nos galhos. Farejaram que poderiam ter moradores de rua naquela praça. Reuniram com colegas da Universidade e angariaram roupas e cobertas e até um urso de pelúcia e levaram para compor a árvore-afeto com informações biológicas e dados sobre os moradores de rua. Neste dia os moradores de rua estavam lá, meio que esperando aquilo acontecer e, quando viram a movimentação, um deles se achegou bem perto e perguntou:

- Vocês estão fazendo isso para a gente?

Quanta conversa boa surgiu dessa árvore afeto.

- História da árvore flor-novembro-amarelo. Flores de papel pintadas de amarelo com escritas relatando as dificuldades que pessoas deprimidas passam e que elas quando estão deprimidas são como os lpês sem flor, ninguém olha por elas.

- Histórias dos bichos que ficam escondidos nas árvores.

- Um coração de barbante trançado em uma árvore com bilhetes e papel e canetas para troca de mensagens;

- E no banco da praça um mosaico de lambe lambes para fazer pensar sobre a intolerância.

Sem sair daqui quantas histórias conheci. Já deram até um nome para a atividade: “Se eu fosse uma árvore e soubesse falar ...” O nome foi ideia da professora que trouxe da memória uma provocação para os.as estudantes da graduação. Eu gosto das memórias, pois fico sabendo de tempos outros, onde as lousas ouviam pouco, ou melhor dizendo ouviam mais a voz do professor. Nesta história-memória era um professor do 2º. Ano do grupo. A professora que está comigo hoje era sua aluna e numa tarefa de casa trouxe uma redação solicitada pelo professor, que ao ouvir ela ler em voz alta, logo em seguida repreendeu:

- De onde você copiou essas ideias?

Acho que foi difícil para a professora ouvir aquela acusação ainda tão menina.

“Se eu fosse uma flor e soubesse falar

Eu diria: não corte os meus lindo galhos ...

Se eu fosse uma flor e soubesse falar ...”

Engraçado é que esta memória fez a professora repensar se não era mesmo uma cópia e se lembrou da canção “As rosas não falam” do cantor e compositor Cartola. Como na sua casa ouvia-se muita música, ela chegou a pensar que poderia ter sido influenciada por essa música ao escrever a redação. A música teve sua primeira gravação em disco em 1974 e a professora fez o 2º. Ano do grupo em 1972.

24-11-2004 Hoje a professora foi com os.as estudantes visitar uma parente minha na Escola Municipal Ladário Teixeira. É bem perto daqui, gostaria muito de ter ido junto. Fico guardada em um silêncio nesses momentos, só ouço os burburinhos das outras salas. Admiro esse trabalho de ir e vir da professora, as visitas aos meus parentes são para preparar professoras e professores para atuarem na Educação Básica. Quando retornam de lá, fico sabendo de tudo ou quase tudo. Um dia

desses uma das estudantes contou como é difícil ficar em uma sala com alunos de 5ª. Série, ela não sabe como fazer para eles se envolverem com os estudos que eles preparam com tanta atenção e dedicação. Eu gosto muito de ouvir o que planejam para ajeitar as coisas por lá. Se pudesse eu conversava com minhas parentes para saber se aconteceu o brilho nos olhos. Esse brilho que vejo no olhar da professora, que passa para os.as estudantes dela e se esses provocam o brilho dos olhos dos.as estudantes da escola, vira um rastro de luz que ilumina mentes e corações.

Desta vez, resolveram conversar com os.as alunas da escola sobre o grito. Usaram uma música do Castelo Rá Tim Bun: “A gente grita porque tem coisas que só o grito pode dizer”. As vezes tenho inveja das minhas parentes da escola...

26-11-2005 A professora participa do movimento de paralização dos funcionários do Ensino Federal de Educação e está de greve. A maioria dos professores e das professoras da UFU e de outras Instituições Federais de Ensino Superior estão com suas atividades paralisadas²⁵. Sinto falta do murmurinho diário das conversas entre os.as estudantes e da voz da professora. Agora que ela é doutora em Educação suspenderam o semestre. A greve teve início na segunda semana de setembro. Mais de três meses de paralisação. Apesar de ficarmos esquecidas neste período, apoiamos a luta das professoras e dos professores. Sabemos pela intimidade da sala de aula do compromisso e seriedade do trabalho docente. Formar profissionais das mais diversas áreas, pesquisadores e pesquisadoras e especialmente formar professoras e professores. Fiquei pensando que uma sociedade que não valoriza a profissão docente não tem compromisso com o outro. Pois

²⁵ Segundo reportagem do jornal Folha de São Paulo publicado em 20/12/2005 “os professores das universidades federais encerraram a greve ontem, que durou 112 dias – “a maior da história da categoria. Eles reivindicavam melhores condições salariais [...] os docentes reivindicavam aumento de 18% no salário-base e equiparação dos vencimentos dos aposentados com os servidores da ativa --atualmente, a diferença é de cerca de 30%. O governo propôs um aumento médio de 9,75% e a diminuição da diferença entre ativos e inativos. Também foi criada uma quinta classe na carreira, o que irá ajudar na progressão dos servidores”.

<https://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u18173.shtml>

formar é um ato coletivo, assim como a greve, a luta por condições melhores de trabalho e valorização da profissão.

26-11-1996 Final de ano, os.as estudantes já encerraram as visitas quase diárias às minhas parentes da Escola Estadual Messias Pedreiro. Hoje é dia de fechar os trabalhos do Estágio Supervisionado de Biologia. A professora trouxe para os.as estudantes trechos de um livro muito interessante escrito por uma professora e pesquisadora da USP, Ana Maria Pessoa de Carvalho. Cada grupo de estudantes ficou com um trecho para ler, pensar em como realizaram o ensino na escola. Ouço no murmurinho de cada grupo o que projetaram nas lousas na escola, como as lousas iluminam o olhar dos.as jovens e adolescentes e iluminam os.as jovens universitários.as que tem nesses momentos uma espécie de vislumbamento do que será a profissão que tem início no Estágio. Estava distraída ouvindo os murmurinhos e não percebi que o estudante Marcio havia saído da sala e, para a minha surpresa, ele voltou fazendo muito barulho, usando um boné na cabeça e um jaleco branco por cima da roupa. Levava também nas mãos uma bandeja cheia de tubos de ensaio com as hastes de limpeza dentro e sua voz brandia:

- Quem quer comprar picolé! Olha o picolé geladinho para refrescar sua tarde!

Ficamos surpresos com essa entrada triunfal do Marcio, traduziu muito bem sua primeira vivência como professor. Ser professor professora é fazer estripulias, é romper com a centralidade da fala, da escrita. É ousar, ser diferente a cada dia, como um vendedor de picolé que traz alegria. Ser um bricoleur. Transformar uma coisa em outra, colocar o mundo em movimento²⁶. Foi a primeira vez que vi nas aulas da professora os objetos ganharem vida. Percebi que os olhos da professora brilharam. Neste dia entendi que o sonho de infância da professora era ser professora.

²⁶ A ideia de transformar objetos em coisas, de colocar o mundo em movimento ganhou consistência com a leitura do livro *Estar vivo, ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição* de Tim Ingold (2015). Esta leitura inspirou a criação do artigo intitulado: *Quando as coisas ganham vida: ensinando biologia pela arte* publicado como capítulo no livro *Vidas que ensinam o ensino da vida*. (ESTEVINHO, 2020).

Mas acho que ela havia esquecido esses sonhos de infância no meio da “papelada” da vida profissional.

27-11-2011 Hoje a professora apresentou aos estudantes os programas de intercâmbio da UFU. Agora como coordenadora²⁷ do Curso de Ciências Biológicas ela tem muitas responsabilidades e entre elas apresentar a Universidade aos estudantes. Tudo aconteceu na minha frente, fico sonhando acordada diante de tantos lugares por onde os estudantes passam quando estão em intercâmbio, lousas de diferentes países habitam meus pensamentos. Fiquei orgulhosa em saber das minhas parentas tão distantes. Um dos estudantes veio de Cabo Verde e faz sua graduação em Ciências Biológicas na UFU. Outros dois estão em Portugal participando de um Programa de dupla titulação em Licenciatura. Outro acaba de chegar da Coréia do Sul, foi pesquisador lá. Muito interessante ouvir as diferentes vozes. A dificuldade de não dominar a Língua, de chegar no aeroporto e não ter ninguém para recebe-lo, ser considerado um estrangeiro, sofrer discriminação racial em outro país. Mas também tem a felicidade de ter uma bancada de trabalho em um laboratório de pesquisa, não precisar de se preocupar com os reagentes. Nesta aula fiquei sabendo que a professora coordena um dos projetos de intercâmbio, o Programa de Licenciaturas Internacionais na UFU, turma de 2011-2012. Senti muito orgulho da professora e do país aonde vivemos que valoriza a formação de professores. Sobre esse programa, a professora trouxe um vídeo produzido por dois estudantes do Curso de Licenciaturas em Ciências Biológicas da UFU que participam deste programa e terão dupla titulação: uma da UFU e outra da Universidade de Coimbra em Portugal. Quase não acredito que esses dois estudantes terão seu diploma de duas universidades, a do Brasil e a de Portugal para ser um profissional da educação. Sei de outras aulas que acompanhei que a dupla titulação é apenas para formação de engenheiros e

²⁷ Lucia Estevinho foi coordenadora do Curso de Ciências Biológicas no período de 09 de fevereiro de 2011 a 08 de fevereiro de 2013, conforme Portaria R No. 62 de 11 de janeiro de 2011.

engenheiras. Os biólogos lá de Coimbra nos contaram a experiência de viver em outro país, de conhecer a fauna e a flora de outros biomas, de como eles acreditam de que isso vai ter efeito no momento que estiverem ensinando sobre o bioma do deserto e, por já terem vivenciado um deserto, com certeza terão mais argumentos para ensinar, por terem vivido uma intimidade com o deserto. Penso que o brilho dos olhos, aquele que os professores e professoras trazem são tecidos pelo fio brilhante da experiência de vida, de estudos, afinal ser professor, professora é contar histórias. Fico feliz por fazer parte de histórias como estas: sensíveis. A minha pele refletiu a imagem desses estudantes caminhando pelo jardim botânico da Universidade de Coimbra e, agora, o brilho que eu vi foi o dos olhos da professora que projetou também em minha pele fotografias que registrou em sua viagem à Coimbra para acompanhar de perto estes estudantes. O brilho parecia ser uma mistura de orgulho da formação de professores ser tão valorizada no Brasil e por ter encontrado lá em Coimbra um primo e uma prima de seu pai António Manuel Estevinho que nasceu e viveu em Portugal até os 24 anos²⁸. Uma das fotografias mostrava a família Estevinho reunida para comemorar os 83 anos da tia-avó da professora. Não há felicidade maior do que participar desses momentos em sala de aula. Histórias de vida se misturam aos conhecimentos de ser professor.a, currículos de cá e de lá. Recepções calorosas, mas também decepções de ser um estrangeiro, de se sentir um estranho. A aula de hoje valeu por uma vida toda! Deu conta de unir em laços a alegria de ser professor.a, de sentir essa profissão valorizada pela dupla titulação na formação de professores.as.

30-11-1985 Algumas crianças já chegaram, outras vão chegando uma a uma. A professora a cada criança que chega vai até o portão, se agacha e as recebem com um abraço e um olhar que é olho no olho. Agachada ela consegue ficar na altura das crianças. Um pequeno gesto que é tão

²⁸ Sobre a vinda do pai para o Brasil ver o ensaio *Cartas para conversar*: ESTEVINHO, Lucia de Fatima Dinelli. Cartas para conversar. **Revista Coletiva**, Dossiê “Educação e diferenças e ...” (Antonio Carlos Rodrigues de Amorim e Alik Wunder, editores temáticos), número 19, 08 de outubro de 2021. <https://www.coletiva.org/educa%C3%A7%C3%A3o-e-diferen%C3%A7as-e-n19-cartas-para-conversar>.

grande no acolhimento. Sei tudo isso porque fico localizada no pátio da Escola²⁹. Amo ficar aqui sentindo o ar fresco, as vezes uma brisa, outras uma ventania, vendo as árvores e as crianças se movimentando. Hoje nasceu uma flor de hibisco, a professora chamou todas as crianças para ver aquela belezura em tons de vermelho. As pétalas são fininhas, mas de uma cor intensa, tão viva. Preenche os olhos da gente, a professora estuda biologia e tem no jardim-pátio da escola seu laboratório-vivo. Conversa sobre os pássaros, e os insetos. Muda a rota das formigas passando o dedo na trilha. As crianças em volta dele. Curiosas! Foi aqui nesta escola suas primeiras aulas. Foi comigo que ela começou a ensinar... Ensinar brincando. Foi aqui que ela percebeu que para ensinar sobre o vento, o ar, sua composição, era só olhar para as árvores. Desejo que a professora leve o brincar consigo para sempre e, pelo jeito que ela brinca ensinando sei que isso vai acontecer. Ela tem uma criança dentro dela. Um poder de transformação pela arte, criatividade, pensamento em movimentos.

30-11-2009 Todos nesta sala já são conhecidos da professora. Ela os acompanhou desde o segundo período do curso de Ciências Biológicas. Agora estão no último semestre e vão fazer o estágio da licenciatura. Gosto de acompanhar a professora quando ela leva os estudantes para visitar minhas parentes nas escolas de Educação Básica. Posso observar o movimento de criação das aulas, de ouvir seus relatos do experienciar docências. De como as minhas parentes lá da escola os ajudam, seja emprestando sua pele para escritas e desenhos da biologia, seja para projetar imagens na minha pele. Hoje eles vieram contando uma situação que eu achei muito engraçada. Eles criaram uma aula de botânica levando muitas plantas – folhas, flores, sementes, frutos, para a sala de aula, colocaram tudo em cima da mesa da professora antes mesmo dos alunos e alunas da escola entrarem. Fiquei pensando quanta alegria a minha parenta da escola observou nesta aula.

²⁹ No período de fevereiro de 1985 a dezembro de 1986, Lucia Estevinho foi professora na Escolinha de Artes do campus da USP de Ribeirão Preto.

Uma aula de luz, da luz transformada pelas plantas em alimento e em oxigênio, o ar que respiramos. “Luz do sol que a folha traga e traduz”, canção de Caetano Veloso. Contaram que de início foi difícil segurar a turma toda sentada só olhando aquelas maravilhas, mas os.as estudantes-estagiários-professores.as pensaram que primeiro era preciso explicar com palavras aquilo que os olhos e a curiosidade queriam de imediato tocar. Começaram com o nome *Angiosperma*. Escreveram na lousa. Eu entendi que esses nomes as vezes são difíceis, mas é por eles que as plantas se comunicam com a gente. Mas vamos ao que interessa, no final conversando sobre as diferentes possibilidades de ensinar sobre as plantas, perceberam que as vezes é melhor terem contato primeiro com elas para elaborar conhecimentos junto com elas. Ah! Também descobri hoje que a professora orienta cinco estudantes dessa turma em projetos de pesquisa e extensão sobre o conhecimento popular de plantas³⁰. O nome desse estudo é bonito: *etnobotânica*. Já escreveram muito desses nomes na minha pele. Nomes de plantas como *Solanum lycocarpum*, *Caryocar brasilienses*, *Xilopia aromática*, *Striphinodredon adsdringens*. Este último nome é o que a professora mais gosta, é o faveiro do cerrado. Gostaria de ser portátil para ser carregada para as aulas, pesquisas e projetos de extensão no campo. Sentir o vento, o balanço das árvores, seu canto, o cheiro das flores. Penso que todo esse tempo que passo acompanhando a professora possa me tornar uma lousa-professora. Por que não?

01-12-2015 O semestre está acabando e desta vez a professora esteve acompanhada por uma outra professora de sorriso radiante. O brilho nos olhos é constante. Parece que esse brilho contagiou os olhos da professora que acompanho nesses mais de 30 anos de profissão. Última aula do ano é sempre dia de festa, hoje tem até bolo e os.as estudantes projetaram na minha pele suas percepções e afetos em uma escrita livre e sensível trazendo poesias e imagens para relatarem o que

³⁰ Projeto de extensão financiado pelo Programa de Extensão Integração UFU/comunidade – PEIC/UFU no período de 2006-2007: “Jardim de Plantas Medicinais e Aromáticas: a educação ambiental valorizando o conhecimento popular”

sentiram no primeiro estágio da licenciatura do Curso. Lembro direitinho que no início do semestre as professoras contaram que aquele estágio era novo no currículo. Era um estágio para criações e não repetições e imitações. Quem fazia a proposta para a escola de educação básica seriam eles.as estagiários.as-professores.as. O estágio tinha que ser um convite para sair da escola. Decidiram levar os.as estudantes da escola para o Museu de Biodiversidade do Cerrado, que fica no Parque Siqueirolli. Por lá não tenho nenhuma parente, mas sei que as plantas, as árvores, os bichos, o sol, a lua, a chuva, as pedras ... também podem ser lousas, já tem o brilho nos olhos, ou melhor seu brilho é constante, faz passar fluxos de pensamento, basta se integrar a eles.

Hoje estamparam na minha pele tudo que aconteceu por lá: no espaço de fora – no campo do Parque e no espaço de dentro: de cada um que experimentou alegrias de ensinar pela criação. Eles criaram um bicho, um bicho não descoberto pela ciência, mas criado pela imaginação de um ensino que fabula³¹. Criaram até um jornal que divulgou a criação do bicho. Levaram para a escola o jornal e fotos da suposta fisiologia do bicho, levaram a espécie criada como se fosse um animal taxidermizado. Que histórias boas eu ouvi. Não queria que a aula acabasse. Mas o final foi bem interessante porque as professoras divergiram quanto ao desfecho da história: deveriam ou não contar que o bicho era criado? Uma encenação? Os.as estudantes-estagiários.as também não queria contar que tudo era uma brincadeira. Que haviam inventado até o Dr. Sabota que estava no parque e propôs um desafio para provar que o bicho existia. Mostrou a cadeia alimentar do danado. Uma confusão sem fim, mas os.as alunos.as da escola foram para a mata e puderam conhecer a cadeia alimentar de vários bichos. E, no final o Dr. Sabota saiu de fininho dizendo que a TV Globo havia o chamado para uma entrevista. Aprendi junto com a professora que há coisas que precisam ser ensinadas sem certo e errado. A criação mostrou isso.

³¹ Esta atividade de intervenção foi publicada na revista Educação em foco, v. 21, n. 1, mar/jun de 2016 em artigo intitulado *Biologias atravessadas por sensibilidades e inquietações na contemporaneidade*.

02-12-2016 As aulas acontecem no período da tarde e neste dia não consigo parar de olhar para a janela, os Flamboyant estão floridos e muitos frondosos. Consigo sentir a frescura de tal sombra aqui dentro do prédio da sala e, acredito, que este florescer em sombra alcançam todos que estão aqui dentro borbulhando pensamentos em fluxos com o experienciar, criando desobjetos da ciência. A professora com uma força interior que nunca havia sentido nela antes, lê em voz alta uma poesia de Manuel de Barros que está estampada em minha pele neste momento. O transbordamento acontece em mim também porque sinto lá dentro a estampa de fora pela leitura em voz alta, segura e sensível:

O menino que era esquerdo viu no meio do quintal um pente.

O pente estava próximo de não ser mais um pente. Estaria mais perto de ser uma folha dentada.

Dentada um tanto que já se havia incluído no chão que nem era uma pedra um caramujo um sapo.

Era alguma coisa nova o pente.

O chão teria comido logo um pouco dos seus dentes.

Camadas de areia e formigas roeram seu organismo.

Se é que um pente tem organismo.

O fato é que o pente estava sem costela.

Não se poderia mais dizer de aquela coisa fora um pente ou um leque.

As cores a chifre de que fora feito o pente deram lugar a um esverdeado a musgo.

Acho que os bichos do lugar mijavam muito naquele desobjeto.

O fato é que o pente perdera a sua personalidade.

Estava encostado às raízes de uma árvore e não servia mais nem para pentear macaco.

O menino que era esquerdo e tinha cacoete pra poeta, justamente ele enxergara o pente naquele estado terminal.

E o menino deu para imaginar que o pente, naquele estado, já estaria incorporado à natureza como um rio, um osso, um lagarto.

Eu acho que as árvores colaboravam na solidão daquele pente.

Encantados pela leitura da poesia, os/as estudantes são convidados pela professora para visitarem o *Herbarium Uberlandenses* que fica em outro prédio bem ao lado das árvores de

Flamboyant. Ficarei sozinha por um tempo, mas valerá a pena esperar para conhecer os desobjetos que os.as estudantes trarão para o Laboratório de Ensino inspirados pela pergunta: “Olhe para o que você não vê”³². As flores do Flamboyant me fazem companhia e esqueço que no prédio do herbário tenho parentes. Quem sabe a noite alguma conversa aconteça entre nós quando os prédios estiverem desabitados pelo escuro da noite.

Ah! Retornaram, já sinto o cheiro do café que borbulha na cafeteira, um lanche é compartilhado e no calor do compartilhamento ouço as histórias:

- E se colocássemos cores nas paredes do herbário? Cores de flores que estão escondidas no meio da papelada, depositadas nos armários de aço pesados e que se tornam leves pelas maçanetas com cara de palhaço que fazem as paredes se deslizarem para os lados.

- Nossa! Eu pensei que as lupas e os microscópios eram robôs, que cumprem a função de olhar a fundo as plantas e suas partes, depositadas ali para olhar com olhos não humanos. Será que olhos robotizados darão mais vida que o “Olhar de criança” que a pesquisadora do herbário diz ter quando chega no campo e olha para aquela imensidão de plantas a procura de uma só, que ainda não foi descoberta pela ciência, mas que da sua existência a equipe de pesquisadores já sabe? Todos no campo estão a procura da desconhecida. E se ela pregar uma peça? Brincar de esconde-esconde entre as outras plantas já conhecidas? E se ela for descoberta e se transformar em uma rainha de um reino vegetal distante? E se ela, então capturada, conseguir contar para os pesquisadores, murmurar em seus ouvidos seu nome através das coordenadas do lugar aonde foi encontrada? Do nome de alguém a ser homenageado? Da cor de suas flores? Das nervuras de suas folhas? Do

³² “Olha para o que você não vê” é o título de um trabalho realizado por Keyme Gomes Lourenço que cursou a disciplina *Biologia e Cultura* no segundo semestre de 2014. Desde esse semestre, Keyme frequenta a disciplina como monitrix e estagiária docente do mestrado e do doutorado.

cheiro de sua semente que vem do seu fruto, útero nascente flor com nome eternizado pela língua latina.

Hoje o brilho dos olhos atingiu a imaterialidade dos objetos da ciência. Todos olharam com olhos de criança. Brilho sem fim. Objetos criam vidas pelas coisas³³.

06-12-2019 Acolhimento de estrangeiros e refugiados foi o que eu aprendi nas aulas de Biologia e Cultura neste semestre. A professora sempre deixa uma parte das propostas de atividades para os/as estudantes escolherem o que querem fazer. Geralmente fazem isso longe de mim, em um Parque, uma praça, um jardim, uma escola. Penso que nesses lugares as lousas se sentem mais vivas do que fechadas nestas quadro paredes. Entre quatro paredes é difícil arejar as ideias, por isso eles saíram para acolher no Cerrado mineiro estrangeiros recém chegados na cidade: sírios, libaneses, haitianos, bolivianos, venezuelanos. Três línguas: francês, espanhol e inglês, além do português. Como mostrar diversidade do Cerrado? Escolheram não ficar só com as plantas e os bichos, trouxeram a culinária e o afeto. Escolheram um Parque que abriga uma pequena mata de cerrado. Separaram receitas mineiras e as traduziram para diferentes línguas. Como escrever pão de queijo em francês?

Separaram palavras do sentir e colocaram em uma caixa. A cada bicho mostrado já que o Parque abriga animais taxidermizados, uma palavra era escolhida. A cada palavra escolhida uma história se desenrolava e um acolhimento se completava. O que pensa o outro ao chegar em uma terra desconhecida? O que deixou para trás? O que quer buscar assim que puder? Falar uma nova língua sem esquecer a dele. Buscar um emprego, uma forma de sobreviver? Eu não fui até o Parque

³³ Para saber um pouco mais sobre como os objetos ganham vida pelas coisas ler o texto *Quando as coisas ganham vida: ensinando biologia pela arte* publicado como capítulo do livro *Vidas que ensinam o ensino da vida* (ESTEVINHO, 2020).

Siqueirolli acolher homens, mulheres, crianças, mas daqui do Laboratório de Ensino da UFU pude sentir o ar que causou reboição nos cabelos dos.das estudantes. Trouxe cheiros de canjica, do milho; trouxe a doçura do abraço e do sorriso largo quando somos acolhidos. E com tudo isso no sentir, experienciamos com imagens, criando imagens na minha frente. Em produções audiovisuais, senti a força do gesto.

08-12-1989 Foi um susto chegar na Escola Estadual do Jardim do Lago em Valinhos. Vim a convite de uma diretora, escola nova, tudo novo para mim. No final da tarde a professora chega depois de ter frequentado as aulas no curso de Pedagogia da Unicamp. Penso nas lousas que tem em uma Universidade pública como a Unicamp, até fico com um pouco de inveja de minhas colegas. Uma viagem de Barão Geraldo para cá. Sei que a professora as vezes dorme e sonha no trajeto de quase 50 km em vários ônibus – Unciamp-Barão Geraldo, Barão Geraldo-Campinas, Campinas-Valinhos, Valinhos-Jardim do lago. Uma flor pequena ela sempre traz como se fosse preencher um espaço ainda vazio, novo, a procura de novidades que ensinam a ensinar. Uma aluna a desafiou hoje na aula. A professora respondeu se aproximando mais, ganhou uma confidente. É que o ser professora, por vezes a coloca em um lugar no topo da hierarquia, como não gosta de lugares fixos e empilhados um em cima do outro, ela corta a hierarquia, horizontaliza as relações. Intuições de quem traz uma flor miúda dentro do coração.

Cozinhando com palavras

A convite fui cozinhar com palavras.

Difícil criar com elas algo que tenha sabor e alegria.

Chamei para perto de mim as plantas.

Sou agradecida por elas me permitirem saborear e estar junto.

Na companhia

No olhar

No aguardar

No saborear

Foi assim que fui saboreando palavras pelas árvores.

Pensei em construir uma paisagem na cozinha que virou

Horta

Pomar

Jardim.

Desprovida de tudo, me coloquei a escolher as palavras que trouxessem sabor:

Abacate,

Cipó,

Agulha,

Tronco,

Raiz.

Flor também é uma palavra sabor.

Precisava de camadas para saborear palavras.

Queria guarda-las em um canto para depois cheirar,

Escolher,

Combinar,

Arriscar,

Provar.

Saboreando palavras, o amarelo entrou goela adentro.

Seria da flor ou do caule?

O caule rugoso que produz frutas esquisitas:

Verde musgo, escuro. Amargou.

Mas o processo de dar sabor, um azeite produziu.

Chegou o mar.

O sal e o azeite se encontram pelo mar.

Oliveira vem pelo mar e traz junto o sal para provar a berinjela.

A cor rosa chá dá sabor que é macio e claro: carnudo

Até deu água na boca.

Engoli uma história de berinjela e oliveira que veio pelo mar.

O mar também trouxe meu pai e o encanto pelo mar.

Não cantado como deveria, mas saboreado pelo peixe

Ou será um bacalhau?

A lembrança e a cebola fazem chorar,

Temperam a escrita.

Como posso ser feita de plantas se desde menina elas me arrancam da cama?

O vermelho e o doce do tomate.

O amargo do jiló.

São parentes esses dois e me jogam na botânica,

Uma palavra palatável:

SOLANACEAE

O sol nasce pelo tomate.

A planta tira sabor do sol e traz para a gente a comida.

Foi assim que o pomar, a horta e o jardim entraram em mim.

Sou palavra, sou árvore, sou lembrança.

Tudo junto e amarrado.

Hoje estou para rima

Ou será laranja-lima?

Memórias de infância teceram uma docência

Tenho que começar por uma marca, talvez aquela que me acompanha desde criança. O desejo de ser professora era a brincadeira preferida, vagas lembranças de uma lousa pequena e um giz na mão. Será que eu era a professora ou a aluna? Não importa na profissão docente um não existe sem o outro.

Meus filhos não brincavam de ser professor na infância. Gostavam de ouvir histórias. No início da noite após o jantar a preparação para dormir incluía a leitura de um livro infantil. Duas coleções sempre estavam presentes: a coleção *Os Pingos* e a obra *Sítio do Pica pau amarelo* de Monteiro Lobato. Da obra de Lobato uma história escapa, uma lasca, uma dobra no tempo. Na infância dos filhos abro o livro *Reinações de Narizinho* como se fosse ler/ouvir pela primeira vez. Narizinho, a menina do nariz arrebitado tinha o mesmo nome, Lucia. Será que esse era um nome comum na minha infância? Ou seria o nariz pequeno? Talvez por ser o nome de uma personagem da obra *Sítio do Pica pau amarelo* que fez parte da infância de muitas crianças. Procuro a data da primeira publicação: foi escrita por Monteiro Lobato entre 1920-1947.

Foi na leitura em voz alta para os meus filhos da seção intitulada *O casamento de narizinho*, na subseção intitulada *O vestido maravilhoso* que me surpreendi ao ler um trecho, pois havia uma frase muito presente na minha infância. Logo após o banho, no quarto iluminado por uma luz amarelada – reflexo da luz do sol sobre as portas do armário de madeira amarelo claro, que eu, na pequenez da infância, perguntava: - Mãe, que roupa eu ponho? No que minha mãe respondia: - Põe aquela cor do mar com seus peixinhos.

[...] *Narizinho e Emília colhiam figurinos em casa de Dona Aranha Costureira. Depois passavam a escolher fazendas. Dona Aranha tirou de seus armários de madreperla um vestido cor do mar com todos os seus peixinhos; [...]*

- Que maravilha das maravilhas! – exclamou Narizinho, de olhos arregalados, sentindo uma tontura tão forte que teve de sentar-se para não cair.

Era um vestido que não lembrava nenhum outros desses que aparecem nos figurinos. Feito de seda? Qual seda nada! Feito de cor e cor-do-mar! Em vez de enfeites conhecidos – rendas, entremeios, fitas, bordados, plisses ou vidrilhos, era enfeitado com peixinhos de mar [...]

E esses peixinhos-joias não estavam pregados no tecido, como enfeites e aplicações que se usam a terra.

Estavam vivinhos, nadando na cor do mar como se nadassem na água.

De modo que o vestido variava sempre, e variava tão lindo, lindo, lindo que a tontura da menina apertou e ela pôs-se a chorar. – É a vertigem da beleza! [...]

(Monteiro Lobato, 1960)

Após ler esse trecho aos meus filhos, senti uma espécie de vertigem da beleza e uma alegria iluminou o quarto. “Cor do mar com seus peixinhos” era a resposta que ouvia na minha infância quando indagava minha mãe sobre que roupa eu deveria vestir e a resposta era sempre a mesma: “põe aquela cor do mar com seus peixinhos!”. Corri ao telefone para contar a nossa surpresa ao ler o livro *Reinações de Narizinho* à minha mãe. Ela conhecia a obra de Monteiro Lobato, pois se formou como professora na Escola Normal Maria Vieira Marcondes na cidade de Barretos, SP, tendo concluído o curso em 15 de dezembro de 1955. Após a conclusão ela cursou uma especialização em Jardim de Infância na Escola Caetano de Campos na cidade de São Paulo. Esta narrativa traz linhas de educação que foram tecidas, emaranhadas desde a minha infância e antes dela. Somos uma família de professoras!³⁴

³⁴ A família da minha mãe Maria Francisca Tereza Macedo Dinelli, é uma família de professoras. Minha tia-avó Idalina Macedo foi professora e diretora de uma escola pública em Barretos, as irmãs da minha mãe, todas se formaram professoras, uma delas, a Maria Amância Macedo Dinelli foi também professora e diretora de uma escola pública em Tabapuã, SP. Meu irmão Telmo Antonio Dinelli Estevinho foi professor da Educação básica no Estado de São Paulo, hoje é professor do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Mato Grosso. Minha irmã mais nova, Priscilla Tereza Dinelli Estevinho é professora da rede municipal de ensino infantil da prefeitura de Campinas. Meu filho mais velho, Enzo Estevinho Guido já atuou como professor de filosofia e pretende seguir carreira acadêmica e no magistério.

LINHAS DE TEMPO, LINHAS DE VIDA

Marcas que compõem o percurso da vida acadêmica

O mundo é um nó em movimento.

(Donna Haraway, 2021, p. 15)

A partir da escrita literária que emergiu pela metodologia das caixinhas surpresas e da escrita diária, de como os processos do exercício da docência atravessam a minha vida mesmo antes do meu fazer docência, uma vez que passagens da minha infância e juventude entraram como marcas³⁵ na escrita deste memorial, enfatizo que esta escrita acontece como quem abre um novelo de lã, puxando fios, amarrando outros, em enlaces. Trazendo as marcas, marcando-as com a tinta no papel para depois, já com as palavras desenhadas transferi-las para um documento de texto no computador. Esse desenrolar dos fios não traz uma rememoração cronológica, pois acredito que as memórias não atualizam o passado, elas se abrem para um tempo por vir.

Rolnik (1993) no texto *Pensamento, corpo e devir* – em que apresenta o memorial que escreveu para a sua prova de professora titular, comenta que quando permitimos que as marcas do tempo sejam acionadas, trabalhamos não com uma cronologia linear, mas sim com um trabalho de esculpir o tempo para assim ativar uma memória “que se faz em nosso corpo, não em seu estado visível e orgânico, mas sim em seu estado invisível, onde o corpo integra aquela textura [...] que se compõe das misturas dos mais variados fluxos, e onde se produzem as diferenças que engendram os devires, devires da própria textura” (ROLNIK, 1993, p. 4).

Esse tempo esculpido em que coloco os corpos em devir se faz pela passagem entre as linhas da vida e das linhas da vida acadêmica para as linhas do caderno e para as linhas do texto no caderno e depois no arquivo do computador, e assim uma urdidura se faz rompendo com o tempo linear. Uma urdidura que esculpe o tempo. As palavras são retiradas do fio como no processo de tecer a partir da matéria bruta, um fio criado pela urdidura do algodão, da lã, das palavras.

A tecitura pelas palavras foi precedida pela tecitura dos fios em um tear, uma marca esculpida no tempo: a orientação do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC da

³⁵ As marcas são entendidas na mesma perspectiva que Suely Rolnik trabalhou na escrita do seu memorial no processo de entender as memórias que foram sendo acionadas à medida que a escrita ia se constituindo em um corpo. “[...] a medida em que fui mergulhando na memória para buscar os fatos e reconstituir sua cronologia, me vi adentrando numa outra espécie de memória, uma memória do invisível feita não de fatos, mas de algo que acabei chamando de marcas” (ROLNIK, 1993, p. 1).

Isabel Queiroz³⁶ no I Curso de Especialização em Ecologia e Conservação dos Recursos Naturais³⁷ oferecido pelo Instituto de Biologia da UFU. Esta aluna me procurou com uma ideia: “estou tecendo e quero fazer uma monografia que traga a Educação Ambiental pela tecelagem”.

Os fios tecidos nesse encontro com a Isabel trouxeram uma prática tradicional, um fazer que liga corpos na feitura de um tecido. Do algodoeiro, o fio; da ovelha, a lã, das palavras, as letras. Mãos e fios e fios e mãos e fios. É como seu eu tivesse um novelo em minhas mãos e quisesse alcançar a outra ponta desenrolando tudo: o cobertor tecido pela minha avó Maria da Ressureição Rodrigues quando ela ainda residia em uma aldeia em Portugal, as visitas que fiz ao ateliê da Isabel em Martinésia, distrito rural de Uberlândia com os estudantes da disciplina Educação Ambiental³⁸, frequentar o Clube de mães em Martinésia a partir de um projeto de pesquisa³⁹ que se desdobrou em dois projetos de extensão⁴⁰ para estudar o conhecimento popular sobre as plantas. Visitar os quintais para conversar sobre plantas. Aprender a bordar com um avesso perfeito no clube de mães, a fazer canjica com leite de coco, conhecer um tempo que passa mais lento. A guiar uma Kombi da Universidade, a entrar no mato à procura de plantas com pessoas que as conhecem com uma intimidade particular: a do afeto e da cura. Aprender a fazer um material audiovisual coletivo que trouxesse a riqueza das conversas nos quintais e nas matas, educação ambiental. Reaprender o que é um levantamento fitossociológico, o que é fazer o tempo parar para olhar as plantas, as benzedeadas, as bordadeiras, as adolescentes da escola. Ver o tempo passar pelo fio de uma agulha.

No momento de tecer, no processo de ir se constituindo professora penso que o foco de luz que a monografia da Isabel trouxe foi o de não recusar o diferente, trabalhar

³⁶ O trabalho de conclusão de curso “Oficina para Educação Ambiental” foi defendido em 1999 por Isabel Cristina de Queiroz.

³⁷ Esse I curso de Pós-Graduação *lato sensu* foi um precursor do Curso de Pós-Graduação *stricto sensu* que teve seu início no ano de 1999.

³⁸ Ministrei a disciplina Educação Ambiental no período entre os anos de 2009 e 2014.

³⁹ Projeto FAPEMIG intitulado “Levantamento dos usos de plantas do bioma Cerrado no município de Uberlândia, MG” (2006-2008). Tal projeto abrigou diversas pesquisas sob minha orientação. Duas pesquisas de iniciação científica; seis TCCs; duas co-orientações de mestrado e inúmeras publicações e apresentações em congressos e reuniões científicas.

⁴⁰ Projetos financiados pelo Programa de Extensão Integração UFU/comunidade – PEIC/UFU intitulados: “Jardim de Plantas Medicinais e Aromáticas: a educação ambiental valorizando o conhecimento popular” (2006-2007) e “A mídia como elemento articulador do conhecimento popular sobre plantas e a educação ambiental de jovens e crianças” (2010-2011).

com o desejo de quem vem ao meu encontro, seja nas atividades de ensino, de pesquisa, de extensão. Reafirmo que não separo essas atividades no meu pensar-fazer-fazendo professora-universitária-pesquisadora-extensionista. Há espaço para tudo, abro possibilidades de conexões, por isso os fios são tão importantes como metodologia de escrita, assim como as marcas. Se abrem ao novo, fazem nós que se desfazem com o tempo para depois para fazer outros nós, outros encontros. O que é invisível no contato com a Isabel e seu trabalho de pesquisa? A professora-pesquisadora-extensionista que se abre aos fluxos dos encontros.

Uma marca se fez na carreira acadêmica: estar aberta aos encontros. O que de início parecia uma dificuldade de dizer não, foi mostrando ao longo do tempo que meu trabalho se fazia pela abertura ao novo, mesmo que este trouxesse a angústia do não saber, se o encontro vingaria. Não afundar na mesmice da imitação e se abrir para a criação, essa foi uma das marcas que esse memorial buscou registrar, marca que me conduziu a tomar decisões coletivas, a enfrentar a dúvida, o risco, o riso.

Entender esta marca que não silenciava mesmo nos tempos em que eu não queria me arriscar, quando a voz não saía, mas a criação insistia. Nas aulas de Metodologia de Ensino⁴¹ no período logo após a defesa do doutorado, uma depressão me deixou sem voz por um tempo. Insisti e planejei o impossível: para falar a poucos estudantes, organizei a turma em pequenos grupos e um estudo dirigido foi criado para cada grupo. Cada grupo um artefato diferente: um com música, um com filmes, outro com HQs e mais um com televisão. Processos criativos que saíam da docência, migravam para a pesquisa vertendo-se em questões difíceis de responder – como fazer da criação de um produto audiovisual uma pergunta de pesquisa?⁴² Uma pesquisa que se abria em atividades extensionistas com as comunidades dos distritos do município de Uberlândia. Estar em Ação foi a marca desde a pesquisa de mestrado, uma pesquisa-ação⁴³. Transfigurar para a marca da criação, da ação, da modificação, de pensamentos que atravessam todos: professora, pesquisadora, estudantes, orientandos.as, comunidade externa à universidade. Mesmo sem entender que

⁴¹ Ministrei a disciplina Metodologia de ensino no período de 2005 a 2009.

⁴² Esta pergunta foi desenvolvida no Projeto de Pesquisa intitulado “Educação Ambiental a partir do resgate dos quintais e seu valor etnobotânico em distritos rurais do município de Uberlândia, MG” (2006-2008). Este projeto abarcou várias pesquisas sob minha orientação: duas iniciações científicas, três TCCs e uma dissertação de mestrado.

⁴³ “A evolução conceitual na prática pedagógica do professor de Ciências das séries iniciais”, 1997. (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil.

os processos criativos me perseguiram, seguia criando bichos que não existiam com os estagiários nas escolas a provocar pensamentos⁴⁴. Ca.deia a.li.men.tar. Lâminas de microscópio carregadas de fotografias dos minicursos realizados nas escolas⁴⁵. Tubos de ensaio que se transformam em sorvetes a vender ideias. Objetos de laboratório que ganham outras vidas além da ciência⁴⁶, provas que fabulam, uma fabuloprova⁴⁷. Uma seção sobre brincadeiras e poesias no Guia do Livro Didático de Ciências⁴⁸. Palhaça de um circo de bonecos de papel marchê, o *Circolorido*. Narradora de um parto de uma vaca em uma gincana em um colégio agrícola. Ateliê de criação, modalidade de apresentação de trabalhos III e no IV Encontro da Regional 4 da Associação Brasileira de Ensino de Biologia⁴⁹. Cria.ção. Cri.ação. C.ri.ação. Cri.a.ção. CRIAÇÃO. criação. Pensar-fazer-criando. *Thinking-making-doing*, marca da *Research-creation* – Pesquisa-criação, um importante aporte teórico que conheci e estudei durante o estágio de pós-doutorado.

⁴⁴ Sobre essa atividade ver artigo CARVALHO, D. F. ; GUIDO, Lucia Estevinho . Biologias atravessadas por sensibilidades e inquietações da contemporaneidade. *Educação em Foco (Juiz de Fora)*, v. 21, p. 125-139, 2016.

⁴⁵ Esta atividade foi criada pelos estudantes da disciplina Educação e Sociedade que acompanhavam o Estágio 1 no currículo da Licenciatura em Ciências Biológicas na versão de 2013. Esta disciplina tinha como objetivo fazer uma Mostra Científica e Artística na escola onde estava sendo desenvolvido o Estágio 1. Trabalhamos com fotografias entremeando-as aos objetos da ciência (microscópio; tartaruga de papel machê) e à objetos do cotidiano (um vestido, uma camiseta para dançar *funk*). A Mostra de fotografias tinha intenção de divulgar os minicursos realizados durante o estágio.

⁴⁶ Atividade que acontece até a presente data na disciplina Biologia e Cultura que eu ministro desde o primeiro semestre de 2014. Esta atividade foi apresentada 20^o. Congresso de Leitura do Brasil – COLE: SCHMIDT, M. ; GUIDO, Lucia Estevinho; OLIVEIRA, V. A. Leituras sobre a produção do conhecimento científico nos laboratórios: graduandos(as) em Biologia se propõem a sérios devaneios, 2016.

⁴⁷ Ainda na disciplina Biologia e Cultura a leitura do texto *A biologia tem uma história que não é natural* é a leitura principal da disciplina. Por esse motivo uma prova é aplicada e como a ideia é sempre produzir conhecimento utilizando outras linguagens, a linguagem dessa prova é a fabulação. A fabuloprova já foi apresentada no 20^o COLE: OLIVEIRA, V. A. ; GUIDO, Lucia Estevinho ; CARVALHO, D. F. . Do encontro entre provas e fabulações, 2016.

⁴⁸ Fui coordenadora pedagógica do Guia Digital do Livro Didático de Ciências do PNLD 2017. Nas orientações pedagógicas do referido Guia, criamos a seção “O lugar da poesia e do lúdico” apresentando aos professores.as – leitores do Guia, a importância de abrir o ensino de Ciências para a brincadeira e para a poesia. Na escrita desta seção questionamos: “[...] é possível ensinar e aprender Ciências a partir da poesia e do lúdico? Há lugar para essas sensibilidades na escola?” Com a intenção de fortalecer os laços do ensino com a criação apresentamos ao professor.a essa possibilidade afirmamos que “A escola, cada vez mais, precisa ser humanizada, e não basta mudar as nomenclaturas do fazer pedagógico para tornar o ensino mais humano. Para que haja novas práticas, é preciso nos encharcarmos de sensibilidades e sensorialidades. A presença da poesia e do lúdico permite esse mergulho, esse encharcar-se de alegria, de beleza, para então ensinar e aprender” (BRASIL, 2015).

⁴⁹ Participei da equipe de organização desses dois encontros, em um deles como Vice-presidente da Regional 4 e no outro como presidente da mesma regional.

Conhecer esta metodologia trouxe um chão, um pilar de sustentação de toda minha prática enquanto professora-pesquisadora-extensionista, ou talvez um pular na ação.

Uma vida acadêmica em provocações: a pesquisa-criação abrindo caminhos

Tudo começou com a leitura do livro *Knots and Knowings: Methodologies and Ecologies in Research-creation – Saberes e Nós: Metodologias e Ecologias em Pesquisa Criação*⁵⁰ editado por Natalie Loveless e publicado pela Universidade de Alberta no Canadá (Published by University of Alberta Press). O livro está organizado em duas partes, a primeira apresenta quatro seções, em duas delas o texto se organiza em provocações e nas outras duas temos respostas a estas provocações; todas elas apresentadas por artistas e pesquisadores da Pesquisa-criação. Na segunda parte são apresentados diálogos entre os artistas pesquisadores e convidados em torno da Pesquisa-criação. Todo o livro faz florescer essa modalidade de pesquisa no campo da arte, mas também busca atingir outros campos do conhecimento.

[...] Pesquisa-criação (como eu a mobilizo) nomeia um conjunto de questões metodológicas e epistemológicas, inovações no que consta como pesquisa acadêmica valendo-se de excelentes letramentos artísticos, não limitados à apenas aqueles que trabalham com artes plásticas, nomeia uma metodologia que é experimental e que transforma a forma como fazemos e divulgamos nossas pesquisas acadêmicas [...] Baseia-se não em um conjunto de critérios prescritivos, mas em sintonizações ontológicas, éticas e políticas para criar um mundo diferente” (relato de SPRINGGAY in TRUMAN et. al., 2020, p. 226-227).

Os diálogos estabelecidos entre os artistas, pesquisadores da Pesquisa-criação na segunda seção do livro mencionado acima dão corpo a esta modalidade de pesquisa mostrando que há rigor, sendo que este é percebido e comentado pela artista e filósofa Erin Mannig quando provocada pela pergunta de Truman: “É necessário rigor artístico e

⁵⁰ A tradução de trechos do livro “Knots and Knowings: Methodologies and Ecologies in Research-Creation” (TRUMAN et. al., 2020) que constam neste memorial foram realizadas por mim.

teórico na pesquisa-criação?” (TRUMAN et. al., 2020, p. 238). Ao que Manning responde:

Rigor é um conceito importante para mim, mas não rigores acessados e valorizados de fora. O que eu quero em minha própria prática é sentir como se o processo fosse o mais consistente possível consigo mesmo. Esse tipo de rigor interno está muito próximo da noção de intuição de Henri Bergson como uma prática que reconhece a diferença entre problemas geradores e problemas falsos. Problemas falsos são problemas que já trazem a solução. As instituições em que trabalhamos estão habituadas à implantação de problemas falsos. O que espero transmitir como filósofa e artista é a sensibilidade à diferença entre um problema gerador e um problema falso. Um problema gerador cria um novo terreno onde o trabalho emerge. Leva-nos a um pensar e fazer no limite (TRUMAN et. al., 2020, p. 238-239).

Este balizamento entre problemas falsos e problemas geradores mostram a possibilidade que a pesquisa-criação abre para um trabalho pelo afeto, que força o pensamento pelo o que vem de fora, antes da experiência se tornar cognoscível. É o estar no *entre*, no *intemezzo*, pois nos faz agir pelo o que vem de fora, por aquilo que mobiliza pensamentos pela ação, é o pensar-fazer-fazendo – *thinking-making-doing*, uma vez que há sensibilidade em perceber as diferenças, muitas vezes sutis, entre o que Manning chama de problemas falsos e problemas verdadeiros. “[...] Trata-se de ser movido pelo pensamento ao invés de nos vermos como seu motor. [...] Muitas vezes penso que uma vida de fazer-pensar é, na verdade, uma vida de tornar-se mais sensível aos problemas geradores que a carregam” (TRUMAN et. al., 2020, p. 239).

Nesse sentido a Pesquisa-criação nos leva a perguntar como o pensamento acontece. É o que podemos perceber na obra artística literária *Open wide: An Abecedarium for the Great Digestive System*⁵¹, da artista Randy Lee Curtler (full-colore-e-book, 2014) apresentada como uma provocação no primeiro capítulo do livro *Knots and Knowing* (LOVELESS, 2020). Uma provocação enfatizando sobre as maneiras de pensar que são processos experimentais. O livro *Open wide* apresenta um processo criativo que “considera a digestão como uma figura para a experiência. Como escritora, artista e professora, meu trabalho se confunde com pesquisa, poética e experimentação, sempre abrindo espaço para a descoberta” (CUTLER, 2020, p. 3), escreve a autora. No livro, as criações mexem com a ideia de sair da representação biológica dos processos digestivos

⁵¹ <https://books.apple.com/ca/book/open-wide/id825927680>.

como normalmente são apresentados no ensino de biologia. Citando Haraway⁵² no livro “Species Meet”, Cutler (2020) comenta que:

[...] a arte nos ajuda a pensar diferente, perturbando a criação de imagens através dos nós entre imagens imaginadas e a realidade cotidiana. Um aspecto chave é que elas são processuais – isto é, sempre em processo. Porque não aderem a representação fixa, elas podem ser saboreadas pelo seu potencial multiforme, assumindo prontamente diferentes formas e caracteres. Figurações são versáteis, são fluídas e respondem compondo e recompondo em resposta a uma determinada necessidade ou inscrição. Figurações são visualizações que liberam a imaginação (CUTLER, 2020, p. 7).

No capítulo dois do livro “Knots and Knowings”, Petra Hroch (2020) responde a provocação criada a partir do livro “Open Wide”, ela diz:

Open Wide é um texto apropriadamente intitulado, dado tanto seu conteúdo relacionado à digestão, quanto sua forma aberta. De fato, a ênfase de Cutler na digestão como uma figura para a pesquisa-criação nos convida a considerar a importância do processo e a importância de pensar com e através de múltiplas perspectivas em qualquer ato de pesquisa-criação (HROCH, 2020, p. 29).

Penso que ver o que está por trás, o motor do acontecimento, é o estar no *entre*, é estar continuamente em processo, gerando multiplicidades. Cito Cutler (2020, p. 27) novamente:

Neste projeto [se referindo a obra *Open Wide*], as figurações dizem respeito à composição e transformação de elementos. Trata-se de um processo, não de um estado ou êxtase. Aqui a figuração da digestão critica o realismo literal da biologia e nossa relação com outras entidades, mesmo que se baseie nos fatos e realidade dos processos metabólicos. Oferece uma alternativa proteica e performática, onde criaturas vivas, coisas e experiências possam ser percebidas de outra forma.

Hroch (2020) apresenta como o livro de Cutler foi digerido por ela, ampliando a maneira de pensar a digestão e também de pensar por aquilo que ainda não é, e aqui ela está se referindo ao não saber, ideia importante na perspectiva da Pesquisa-criação, uma vez que está imbuído nesta ideia o pensar no *entre*, o que não está dado ao priori e, portanto, se faz pelo experienciar. E este não saber se abre para experimentações,

⁵² Citação de Haraway: “Figures are not representation or didactic illustration, but rather material-semiotic nods or knots in which diverse bodies and meanings co-shape and another” (CUTLER, 2020, p. 6).

conhecer está vinculado aqui como um modo especulativo⁵³. Não pensar mais por representações e metáforas, mas por figurações⁵⁴. Trazendo o livro de Cutler, Hrouch (2020) enfatiza que é um pensar pelo ponto de vista do que está sendo digerido, abrindo possibilidades. Um pensamento não dado a priori.

A digestão sempre está ocorrendo em várias escalas. Digerimos como também somos digeridos. Fluidos, ácidos, decomposição, fluxos, metabolização – não há fora desses processos, dessas transformações da materialidade em energia e vice versa. Mas qual é, por exemplo, o papel do poder na conexão desses ‘dentro e fora’, nessas macros e micro escalas? O que significa estarmos engolfando simultaneamente outras entidades em uma miríade de relações digestivas? Como a digestão pode estar relacionada com nossas noções de bom gosto? Como a digestão está envolvida com a ingestão, apropriação, colonização? Como é a digestão do ponto de vista do digerido? O que significa ser digerido ou digerível? O espécime digerido subalterno pode falar? Em caso afirmativo, o estômago em digestão pode ouvir? Que novos aparatos sensoriais podemos ser obrigados a atender, desenvolver, evoluir ou inventar para nos sintonizarmos com as digestões? (HROUCH, 2020, p. 34-37).

Penso que essa abertura que a Pesquisa-criação oferece para abordarmos os conceitos biológicos pela arte, por perguntas provocadoras, acaba por ampliar nosso repertório de ação educativa no campo do ensino da biologia. E essa abertura comunga com o fazer-experienciar docência que foi se constituindo no percurso da minha vida acadêmica. Uma vida que se arrisca ao não saber, à arte, àquilo que ainda não é, uma vez que se encontra não apenas em processo, mas que emerge dele, no *entre*.

Cito Meyer para respaldar o que me movimentou no experienciar docência-pesquisa-extensão ao longo de minha carreira docente: “Movimento, fotografia, desenho e vídeo reorganizam minhas atenções, mudam minhas questões de pesquisa e oferecem novas mídias para contar histórias” (MEYER, 2020, p. 233). E esta abertura para a arte mostrou que há muitos caminhos para se contar histórias. Nas disciplinas que ministrei

⁵³ No sentido de deixar mais claro a ideia de especulação que a Pesquisa-criação apresenta, trago uma citação de Stephanie Spring em resposta à pergunta de Truman: “Você pode descrever como você entende a Pesquisa-criação?” (TRUMAN et. al., 2020, p. 224). Ao que Spring responde: “Pesquisa-criação é um modo de fazer teoria/pensamento que é corporalmente experimental, e considera a pesquisa (a produção de conhecimento) como um acontecimento especulativo que emerge da prática, ao invés de performado ou predeterminado” (TRUMAN et. al., 2020, p. 226).

⁵⁴ Em relação à ideia de Figuração Hrouch traz para a discussão de sua reposta o livro *Kafka, por uma literatura menor* de Deleuze e Guattari, trecho já discutido na p. 9 na nota 7 deste memorial e que nos convida a pensar o que seria ser um devir-besouro. Como pensar, como sentir na perspectiva de um besouro? De uma minhoca? De uma flor?

ao longo da minha trajetória na UFU e fora dela, havia uma constância em provocar uma escrita autoral por parte dos estudantes e da minha também. Uma escrita que se fazia por outras linguagens que não apenas a acadêmica. Escrita em fluxo, escrita literária, escrita em imagens, escrita em imagens e sons, escrita que contava uma experiência em processo de mutação, uma linguagem criativa, experiencial. Uma escrita como lugar de provocar mundos. As palavras de Manning ajudam a deglutir esse processo em acontecimentos pela escrita, por povoar novos mundos: “Isto requer novos gestos, novas posturas, novas no sentido de emergentes para o acontecimento, ativadas desde o próprio meio do acontecimento. E isso requer novos modos de narração, novos modos de escrita. [...]” (MANNING, 2019, p. 21).

Este movimento foi uma constante no meu fazer docente-pesquisadora-extensionista e acrescento a este agrupamento de termos a artista. Foi estudando a pesquisa-criação que me percebi artista e foi nos fundamentos da pesquisa-criação que encontrei caminhos de me colocar como docente-pesquisadora-extensionista-artista. Um arriscar em nó, em nós como o título provocativo do livro “Knowings and Knots, methodologies and ecologies in research-creation” (TRUMAN et. al., 2020). E o pensar-fazer-fazendo vai tomando corpo e dando corpo à minha docência sempre atravessada pelos processos criativos, pela pesquisa, pela extensão, pela Arte.

Este Encontro no período de estudos do pós-doutorado com a metodologia da pesquisa-criação foi fundamental para entender os processos de docência, os processos de orientação em pesquisa e as próprias opções metodológicas das mesmas. Pesquisa-criação, uma metodologia que permitiu discutir os achados da pesquisa desenvolvida no pós-doutorado que tinha por intenção entender como acontecem os processos criativos no ensino e na pesquisa, uma pesquisa que buscou experimentar docências. Para isso uma cartografia foi realizada procurando marcas e reverberando memórias e criações que aconteceram no *entre* as disciplinas *Escola e Cultura* – do curso de licenciaturas da UNICAMP e *Biologia e Cultura* do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFU – disciplina que ministro desde sua criação.

A cartografia foi acionada ao frequentar a disciplina *Escola e Cultura* no segundo semestre de 2021. Experienciar esta disciplina reverberou marcas da disciplina *Biologia e Cultura*, mostrando que esta era desenvolvida na e pela criação. Apostamos em uma aproximação entre a cartografia – realizada na disciplina *Escola e Cultura* e na Pesquisa-criação – usada para discutir os achados, as marcas que emergiram ao cartografar a disciplina, pois acreditamos que “[...] a cartografia por ser uma metodologia que abre espaço para que a intimidade e os afetos possam emergir. [...] ela se aproxima dos fundamentos da pesquisa-criação, pois esta última é uma modalidade que mostra a impossibilidade da neutralidade e do distanciamento na pesquisa [...]” (ESTEVINHO; AMORIM, 2022, p. 4).

Como movimentar o pensamento já estava sendo processado durante os últimos anos da minha docência, trazendo para este pensamento os anos iniciais de minha docência no ensino fundamental. Um esculpir o tempo pelas marcas da docência, uma marca que aconteceu no ano de 1987 com uma estudante da antiga 5^a. série. Uma estudante que não conseguia entender o conceito biológico de vida, pois não considerava a árvore um ser vivo. Seis meses ensinando o conceito biológico de vida e nada fazia a estudante compreender que a árvore é um ser vivo. Levei 30 anos para elaborar este pensamento, foi no ano de 2018 participando da mesa redonda no ENEBIO com a leitura dos livros *Estar vivo, ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição* de Tim Ingold (2015) e *Existências Mínimas* de David Lapoujade (2017) que costurei uma resposta a este não entendimento da vida pela árvore. Entendi que o que faltava era ampliar o conceito de vida do sentido biológico para um sentido que tenha relação com a vida das pessoas e as coisas que fazem parte da vivência delas. No caso desta estudante que marca o início de minha carreira docente, sua família trabalhava em uma plantação de laranjas e árvore, para ela, tinha sentido com a relação ao que estabelecia com os familiares, com os amigos.as. São fios, seus emaranhados, os enlaces, que se faziam em torno do fazer-catar-laranja-vida.

Objetos-coisas-vidas. E a árvore não vida da aluna laranja? Penso que se ela pudesse transformar a Árvore biológica em árvore-laranja-sustento-riso-amigos, ela conheceria melhor uma árvore. Porque estaria ou traria o mundo em movimento de nascimento, mundo nascente, mundo-em-formação. Daria espírito às coisas, as árvores. Ideias que trouxe de Tim Ingold e David Lapoujade para trazer vida ao texto, às palavras, e, transformá-las em coisas. Coisas transformadas a partir dos

objetos são possíveis quando acreditamos em um mundo movente, quando comungamos a respiração (ESTEVINHO, 2020, p. 161).

Na disciplina *Biologia e Cultura* transformamos os objetos da ciência em coisas, damos vida a estes objetos para que eles possam narrar outros afazeres que não só o de increver⁵⁵ a Ciência. Visitamos laboratórios de pesquisas para conhecer a produção do conhecimento biológico e para transmutar esse conhecimento trazendo a cultura, transformamos os objetos em coisas. Ganham vida pelas imagens que editamos a partir de fotografias registradas nos laboratórios. Editamos para dar graça, para criar, para dar outros sentidos, para abrir para um ensino de ciências que possa trazer o lúdico, que possa dialogar com os estudantes e ir abrindo pensamentos. Criar outras narrativas que narrem mundos outros.

O armário do herbário esconde histórias das plantas que conversam com papéis, brincando de “pique esconde” entre a papelada, ganham vida no meio das excicatas. A aranha que passa pelo contador será a mesma que trabalha a teia para ganhar a vida? O microscópio com seus olhos grandes estaria olhando como um robô a ciência que desabafa no laboratório? Laboratório vigiado pelos olhos do homenzinho disfarçado de balão de oxigênio, que vidas ele propala? (ESTEVINHO, 2020, p. 160).

Apostamos na disciplina *Biologia e Cultura* que esses processos criativos acontecem pelas imagens, uma vez que elas fogem da representação, que se abrem para múltiplos significados, e, por isso, movimentam o pensamento. Esse foi o mote da pesquisa de pós-doutorado, o objetivo da pesquisa foi traçado a partir desta problemática. Os processos criativos no ensino e na docência fazem mover o pensamento pelo uso das imagens? E no cartografar a disciplina *Escola e Cultura*, as marcas mostraram que não são apenas as imagens que movimentam pensamentos e os processos criativos

O aprender e o ensinar parece estar ligado ao “Experienciar” o processo criativo, que vinculávamos ao trabalho pela problemática da pesquisa com as imagens para fugir da representação. Mas a imagem também pode ser representação. O que a pesquisa, uma cartografia no entre as aulas de *Escola e Cultura e Biologia e Cultura*, mostrou pelas marcas que reverberaram foi que não é apenas pelas imagens. Os achados, as marcas, mostraram que os processos criativos se traduzem no pensar através do fazer (ESTEVINHO; AMORIM, 2022, p. 15).

⁵⁵ Fazemos referencia a Bruno Latour que cria o conceito *inscritores* da ciência para os objetos de laboratório em seu livro em co-autoria com Steven Wolgar, *A vida de laboratório*.

Esta constatação emergiu como marca ao cartografar *Escola e Cultura*, mas que se fez marca na apresentação dos presentes-objetos-maleáveis que faziam parte da segunda atividade avaliativa desta disciplina. O professor solicitou que os estudantes buscassem a resposta de uma pergunta que haviam criado no primeiro exercício avaliativo, lendo um dos artigos da Revista Brasileira de Educação Básica (Dossiê Paulo Freire) e para responder escolhessem um objeto maleável para com ele fazer um presente a um colega da turma. “Essa provocação de trabalhar com um material maleável, de escolher um objeto, de ficar com ele um tempo para construir outras materialidades, se fez como marca na cartografia da pesquisa” (ESTEVINHO; AMORIM, 2022, p.11). E essa marca revelou-se toda como um pensar-fazer-fazendo que a Pesquisa-criação alimenta. “Um aprender-pensar-fazer-fazendo que movimenta o pensamento não necessariamente para buscar um problema artístico, [...] mas para problematizar e responder a questionamentos pela materialidade/plasticidade que se torna matéria do sensível” (ESTEVINHO; AMORIM, 2022, p.11).

Na aula de apresentação dos presentes-objeto-maleável surpresas se mostraram nos presentes de cada estudante, revelando nuances da singularidade de cada um, e também as marcas que os textos lidos e os filmes exibidos em aula trouxeram para os estudantes. Nas trocas de presentes – cada estudante escolheu um colega para enviar o presente, eles comentavam sobre os presentes que haviam recebido, mas o presente-objeto-maleável não era exibido, o que criou uma intimidade e uma espécie de correspondência ou não daquilo que o colega ganhou de presente. E assim, “A aula se revelou completamente experimental, desde a proposta da atividade avaliativa que culminou nos presentes-objetos, até na maneira como estes foram trocados na sala de aula online (ESTEVINHO; AMORIM, 2022, p. 13)”. Estes achados corroboram com Trumam et al. (2022) no que diz respeito ao pensar-fazer-fazendo que é experimentalmente corporal e emerge no entre, criando materialidades que passam pelo campo do sensível. Afeto e criação provocando novos olhares, novos mundos, novas maneiras de dizer e de escrever.

A apresentação dos presentes-objetos-maleáveis mostrou que toda a disciplina *Escola e Cultura* foi construída no pensar-fazer-fazendo – *thinking-making-doing*, com os filmes exibidos, com os filmes criados pelos estudantes como presente, com as imagens, mas também com os textos, com a criação em um sentido mais amplo. E foi a

partir desta aula que “começamos a pensar que não são apenas os materiais (as imagens) que movem o pensamento ou que despertam o processo criativo. Somos tomados pela pesquisa-criação pois o pensar-fazer-fazendo é um tornar-se mais sensível aos problemas geradores, aos problemas que ainda não apresentam soluções” (ESTEVINHO; AMORIM, 2022, p.7). Um pensar-fazer-fazendo que é despertado ao cartografar a disciplina *Escola e Cultura*, e que traz uma marca que reaviva os processos criativos em *Biologia e Cultura*. “O tecido bordado na entrada do restaurante universitário [*Escola e Cultura*] trouxe o lençol tecido no qual bordamos todo o início da disciplina *Biologia e Cultura* com os nossos nomes [...] (ESTEVINHO; AMORIM, 2022, p.8).

E foi nesta aula de apresentação dos objetos-presentes, que elaboramos, criamos mais perguntas, uma vez que a hipótese inicial da pesquisa de pós-doutorado apostava no uso das imagens e sons, que no uso de outra linguagem, que não a escrita estaríamos fugindo da representação e abrindo para processos criativos. A pergunta que não se calou enquanto cartografava a disciplina *Escola e Cultura* foi se de fato um *entre* as disciplinas ocorreu e se abriu em linhas de fuga. “O *entre* que emergiu foi a plasticidade dos materiais. A maleabilidade que foi atingida ao experimentar vários materiais. Uma árvore-biológica vira árvore-acolhimento (*Biologia e Cultura*). Um pedaço de papel vai vertendo outros significados (*Escola e Cultura*)” (ESTEVINHO; AMORIM, 2022, p.17).

As marcas de *Biologia e Cultura* reverberaram pelos presentes-objetos-maleáveis apresentados pelos estudantes de *Escola e Cultura*. Criação, foi o que reverberou, criação que se fazia ao usar a linguagem das imagens e dos sons, mas que também acontecia por outros processos criativos, como a atividade de *Biologia e Cultura* realizada em uma praça onde os estudantes ao escolherem uma árvore para estudar e ao transmutar os conceitos biológicos para os conceitos culturais e artísticos mostraram que é possível enxergar-ensinar biologia pela arte. “Não são apenas as imagens que criam um corpo-escola, mas a provocação de um pensar-fazer-fazendo que se deu em *Escola e Cultura* a partir do qual foi possível vislumbrar processos criativos outros em *Biologia e Cultura*” (ESTEVINHO; AMORIM, 2022, p.16). Foi assim que as memórias esculpiram o tempo de *Biologia e Cultura* na provocação do pensar-fazer-fazendo com as árvores em uma praça.

Em uma delas [uma árvore], um flamboyant, os estudantes perceberam que haviam cobertas em cima da árvore, indícios de que moradores sem teto usavam aquela praça para dormir. A partir de doações de roupas, os estudantes transformaram a árvore em um flamboyant-árvore-acolhimento de moradores sem teto com direito a bilhetinhos, roupas e

até um urso de pelúcia. A árvore virou um presente. Em outra árvore, um ipê sem flores que só é visto e admirado quando está com flores, os estudantes, em alusão à doença da depressão, penduraram flores de papel na árvore com mensagens no verso convidando os transeuntes a acolher a doença da depressão que deixa as pessoas tristes e que ninguém as olha quando estão tristes, como um ipê sem flores. (p. 16-17).

As produções dos estudantes de *Biologia e Cultura* até a escrita dos resultados da pesquisa do pós-doutorado nos mobilizavam a perceber o ato criativo com e como produção audiovisual, ou seja, atravessado pelas imagens como relatamos em um artigo⁵⁶ descrevendo a potência da criação do audiovisual na disciplina *Biologia e Cultura*: “As produções audiovisuais abrem brechas, são como linhas de fuga, dobram o eu para dentro de si, não para um isolamento de si, mas por uma multiplicidade que emerge das-pelas-imagens, pelas surpresas que as imagens provocam” (LOURENÇO; SALES; SILVA; BORGES; ESTEVINHO, 2021, p.1544). A pesquisa de pós-doutorado mostrou que sim as imagens são provocadoras de pensamento, mas não são apenas elas. E essa percepção trouxe um outro significado para a docência, para a pesquisa, para os processos de ser uma professora-pesquisadora-extensionista-artista. Finalizo esta seção citando um trecho de um texto sobre a pesquisa de pós-doutorado que apresentei no V Colóquio Afro-Luso-Brasileiro de Questões Curriculares: “[...] o exercício da docência é um acontecimento que se dá a partir não do decalque e da imitação e sim, através da criação, do rizoma, das linhas de fuga” (ESTEVINHO, 2022, p.5).

O cinema e a luta pelas minorias como marca

... *A luta é sempre uma luta por uma nova terra*
(conectada ao cosmos),

⁵⁶ Artigo intitulado “A criação audiovisual em potências de afetos na formação de professores de ciências e biologia” de autoria de LOURENÇO, K. G. ; SALES, T. A. ; SILVA, R. P. L. ; BORGES, N. C. M. ; ESTEVINHO, L F D . TECNÉ, EPISTEME Y DIDAXIS: TED (REVISTA DE LA FACULTAD DE CIENCIA Y TECNOLOGÍA), v. especial, p. 1542-1551, 2021

um novo modo de povoamento da terra
(conectado com as minorias e as moléculas) ...
(David Lapoujade, 2015, p. 261)

A citação de Lapoujade que abre essa sessão, uma citação em referência a obra de Deleuze e Guattari *Mil platôs*⁵⁷, provoca o ressurgimento de uma marca da profissão que escolhi e que tenho honrado desde a minha formação como professora seja na Educação Básica, seja no Ensino Superior atuando na formação de professores. Uma carreira marcada pela luta⁵⁸, uma luta que extrapola a profissão professor.a, uma vez que convoca um olhar para as minorias. Trazer a discussão das minorias – com Lapoujade, com Deleuze e Guattari, para este memorial é honrar esse compromisso. Para isso, tomo inicialmente as perguntas de Lapoujade sobre nossa capacidade de agir, de pensar. “O problema não é o de saber como agir, mas, primeiro, como se tornar capaz de agir [...] como se tornar capaz de sentir, de imaginar, de pensar?” (LAPOUJADE, 2015, p. 263).

Temos aí um problema de ação, e um sujeito que não pode mais agir enquanto sujeito e sim enquanto massa. “As massas não podem mais formar um sujeito unificado capaz de agir; são como que separadas das potências que lhes permitiriam se constituir como ‘povos’, perderam seu poder constituinte [...] não se pode mais agir como sujeito sem ser sujeitado desde sempre” (LAPOUJADE, 2015, p. 264).

Este autor alerta que atualmente estamos mergulhados não mais em uma sujeição aos aparelhos de estados, mas sim em uma submissão maquínica no que se constitui as sociedades de controle. “Não são só as populações humanas que são integradas nas máquinas, é a totalidade do mundo que entra nas imagens e se digitaliza. A reversão não é que as imagens do mundo se proliferam, é que não há mais mundo fora dessas imagens” (LAPOUJADE, 2015, p. 265). Segundo o referido autor o que torna a questão da ação mais difícil, é que não há mais mundo exterior aonde agir, há apenas tela e uma mesa de

⁵⁷ “Mil platôs é um livro movente, um dos mais moventes que existem. Tudo se desloca o tempo todo, não só os homens, mas todos os estratos que o plano de consistência faz comunicar entre si e que as máquinas abstratas agitam em todos os sentidos, enquanto elas próprias se encavalam, se confrontam ou se conjugam no menor agenciamento – e se o pensamento quer pensar esse conjunto, ele próprio deve se desterritorializar, circular entre a economia, a música, a física, a política, a história, a biologia [...]” (LAPOUJADE, 2015, p.227-228).

⁵⁸ Luta no contexto de Deleuze e Guattari retomados aqui por Lapoujade (2015, p. 261): “De um lado, a luta se dá por processos de desterritorialização que clamam por uma ‘nova terra’; de outro, por atos de fabulação que clamam por um ‘povo que falta’. Lutar por uma nova terra, lutar por um povo por vir. Trata-se de uma única e mesma luta, mas que o tempo todo assume formas renovadas”.

informação aonde as imagens deslizam como dados. Lapoujade (2015) acredita que esta é uma visão muito próxima a visão da mônada⁵⁹ que Deleuze atualiza a partir de Leibniz e afirma: “Tudo se passa como se a axiomática já não produzisse mais sujeitos, mas mônadas [...] o sujeito se torna uma mônada sem porta e sem janela; não é que ela não tenha mundo exterior, ocorre que é o próprio mundo exterior que não tem exterioridade. Trata-se de um mundo sem fora” (LAPOUJADE, 2015, p. 266). A questão que se coloca é como pensar, como agir se não há o fora. “É nesse sentido que a mônada é ‘para’ o mundo ao mesmo tempo em que o mundo já está nela: o visível e o enunciável se controlam mutuamente, determinando *a priori*, para cada mônada, sua linguagem e seu pensamento, mas também a organização do seu corpo e sua capacidade de ação” (LAPOUJADE, 2015, p. 267). Por isso que a partir da sociedade de controle “nossas possibilidades de vida se confundem com os modos de existência que a axiomática submete à nossa escolha. As possibilidades externas se tornam possibilidades internas” (p. 268). O que esse duplo – exterioridade imbricada na interioridade, mostra é que não são os possíveis que são submetidos à nossa escolha, mas sim nossa possibilidade de escolha que está pré-determinada pela axiomática. Ou seja, nossos modos de existência e de pensamento são determinados pelo mercado, “podemos escolher, mas não podemos escolher os termos da escolha” (LAPOUJADE, 2015, p. 268). É nesse sentido que o que temos é um porvir e não um dever. Uma vez que tudo está predeterminado ao sujeito pelo mercado. Lapoujade (2015) cita os programas aos quais aqueles que estão dentro do sistema pensam escolher como modo de existência e pensamento: “evolução de carreira, desenvolvimento pessoal, formação continuada, projetos conjugais, educação, linhas de conduta” (LAPOUJADE, 2015, p. 268). O referido autor complementa comentando que as formas de porvir são numerosas e, são essas populações que tem um porvir, que se encontram capturadas ou dentro da axiomática. “As populações que têm um futuro no âmbito desse quadro formam o que Deleuze e Guattari chamam de uma ‘maioria’. Uma maioria não se define pelo número, mas pela seleção que a axiomática opera no seio de uma massa qualquer para distribuir eletivamente, hierarquicamente, suas potências e direitos” (LAPOUJADE, 2015, p. 269). Citando a obra *Mil platôs*, Lapoujade afirma que

⁵⁹ Mônada “é uma unidade individual feita ‘para’ o mundo, mas porque o mundo foi posto nela como o que ela exprime” (LAPOUJADE, 2015, p. 266). Para esta citação Lapoujade está citando o livro *A dobra. Leibniz e o barroco* de Deleuze.

uma maioria é questão de poder e de dominação reafirmando em seguida que uma maioria não é uma questão de número e sim “um axioma e uma constante que tem por função determinar *quem* pertence a tal sistema e quem é dele excluído” (LAPOUJADE, 2015, p. 269).

Em contraposição, uma minoria abarca as classes que estão fora do sistema. Não que a axiomática exclua qualquer classe do sistema, “mas certas populações deixam de ser percebidas quando não respondem mais às exigências da axiomática em curso, à múltiplas redistribuições da divisão do trabalho” (LAPOUJADE, 2015, p. 269). E estas minorias sobrevivem de certa maneira apenas pelas imagens clichês que além de não condizer com o que elas realmente são, as fazem desaparecer.

Os clichês sobre miséria fazem desaparecer a própria miséria. As minorias são para assim dizer o exterior do mundo exterior percebido pelas mônadas; elas estão fora, são inexistentes, destituídas de todo direito e de todo modo de exercer qualquer potência social: são sem porvir [...]. Ser reduzido ao estado de minoria é ser literalmente confrontado com o impossível, com um porvir esvaziado de suas possibilidades (LAPOUJADE, 2015, p. 268-269).

Nesse embate entre as possibilidades que a axiomática impõe e, de outro a impossibilidade de ação que o axioma impõe a uma minoria, a ideia de porvir esvazia a própria ação esperada. Lapoujade (2015) então, lança mão do conceito de porvir e, diz que este, está desencantado para dar conta de uma batalha, defendendo que é preciso fender a mônada. “Para se tornar capaz de ação é preciso renunciar a ideia de porvir. É preciso saltar numa outra temporalidade e descobrir as novas forças do tempo [...] Para se liberar é preciso *fender* a mônada, afastar as garras que a encerram num puro meio de interioridade” (LAPOUJADE, 2015, p. 270).

Lapoujade (2015, p. 271) nos movimenta a pensar com Deleuze e Guattari na importância da força do que vem do fora “é preciso que alguma coisa venha do *fora*, alguma coisa que quebre o encantamento dos clichês que tornam o mundo suportável para nós”. Uma força que traga uma intuição vital, potências que fazem da percepção um acontecimento. E, assim, é possível pensar em termos de devir e não de porvir, citando Deleuze e Guattari, Lapoujade (2015) comenta que o devir é força de matilha, são potências moleculares, por isso “fazem vacilar o eu”. “Se o afeto nos faz nascer para o político, é porque nos tornamos o povo que esse intolerável provoca” (LAPOUJADE, 2015, p. 272). Forças de matilha, de coletivo que se abrem em multiplicidades.

A partir desta introdução que teve como propósito apresentar o posicionamento teórico no qual minha trajetória acadêmica foi se constituindo para apresentar as questões da luta pelas minorias, passo a escrever pensando com o filme *Los silencios*. Um filme que traz à cena o cinema no contexto dos migrantes e refugiados, e, portanto, meu pensamento se fará a partir da discussão das minorias e, de como o cinema pode trazer esse movimento de fender a mônada, de causar um movimento pelo que vem de fora. É também importante esclarecer que o cinema enquanto movimento do pensar não se descola do meu fazer docente, da profissão que escolhi: professora, bióloga, artista. Só aqui temos três categorias ou classes de trabalho que estão localizadas numa linha muito tênue quando as pensamos sob o ponto de vista da axiomática, uma vez que elas começam sofrer um processo de exclusão do sistema em razão da política brasileira dos governos que se instalaram em nosso país de 2017 à 2022. A intenção é deixar registrado neste memorial formas de fender a mônada, de se distanciar do porvir e se abrir para o devir. Um memorial que torna-se um grito para fazer levantar uma onda, mesmo que ela se desmanche nas areias de uma praia.

Uma marca cinema aconteceu quando frequentei o minicurso *O cinema em sala de aula: um recurso para os professores de Ciências* ministrado pela professora e pesquisadora Cristina Bruzzo na IV Escola de Verão para Professores de Prática de Ensino que ocorreu no Universidade Federal de Uberlândia no ano de 1998.

O cinema já fazia parte da minha formação inicial como animadora das sessões Curumim no Cineclubes Cauim em Ribeirão Preto, cidade onde realizei meu curso de graduação em Ciências Biológicas. Um ano depois de frequentar o mini curso sobre Cinema em sala de aula, ingressei no Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICAMP com um projeto de pesquisa voltado para o cinema ambiental. Sob a orientação da professora Cristina Bruzzo, passei a olhar as imagens e os sons a partir da linguagem cinematográfica, a realizar decupagens de filmes e de programas de televisão de cunho ecológico. Após a defesa do doutorado⁶⁰ que se concretizou a partir da análise do Programa televisivo Repórter Eco, acredito que demorou um tempo para

⁶⁰ Tese defendida na Faculdade de Educação da UNICAMP em 2005 intitulada: *Educação, televisão e natureza: uma análise do Repórter Eco*.

que eu estabelecesse uma metodologia de trabalho com o cinema. Passei pelo campo dos Estudos Culturais⁶¹ e durante o estágio de pós-doutoramento com o aprofundamento nos estudos da Filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, de David Lapoujade, de Didi-Hubermann e do contato com pesquisas no campo do cinema do grupo de pesquisa Humor Aquoso⁶² percebi que estudar o cinema perpassa todo um exercício de pensar com ele. Do cinema, das imagens e sons serem provocadoras, de serem um dispositivo que ativa pensamentos.

O cinema foi um importante intercessor de pensamentos ao longo da minha trajetória acadêmica, especialmente a partir do doutorado – tenho uma produção vasta/ampla de artigos, capítulos e organização de livros aliando o cinema e a educação. O cinema e a Educação Ambiental. Durante seis anos fui a responsável pela disciplina de Educação Ambiental e nas aulas além das atividades que sempre previam uma ação, muitas vezes acionada pelos estudantes – eram eles que escolhiam as temáticas a serem estudadas e a visitas de campo que realizamos com a disciplina, as imagens sempre se

⁶¹ SCHMIDT, M.; GUIDO, Lucia Estevinho. Ciência, Cultura e Arte: um estudo a partir dos registros fotográficos de professores da Educação Básica. In: 6o. Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 3o. Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2015, Canoas. Anais eletrônicos Educação, Transgressões, Narcisismos, 2015. p. 1-14. MIRANDA, A. B.; GUIDO, Lucia Estevinho. Narrativas fotográficas: a influência da mídia na percepção de meio ambiente e cultura. In: IV Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação/ I Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2011, Canoas. Anais do IV Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação/ I Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2011. p. 01-12. DIAS, I. R.; GUIDO, Lucia Estevinho. Causos do Cerrado: a construção audiovisual para promover a cultura de uma comunidade rural. In: IV Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação/ I Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2011, Canoas. Anais do IV Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação/ I Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação., 2011. p. 01-15. FERREIRA, G. L.; DIAS, I. R.; MIRANDA, A. B.; GUIDO, Lucia Estevinho. Reiventando a educação ambiental: a construção coletiva de uma obra audiovisual. In: VI Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, 2011, Ribeirão Preto. Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, 2011. p. 01-16. BRAZ, C. S.; GUIDO, Lucia Estevinho. As representações de natureza, água e códigos culturais no filme Simpsons. In: Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade, para uma ecologia de saberes, 2011, Brasília. Anais do 1º. Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade, para uma ecologia de saberes, 2011. BRAZ, C. S.; GUIDO, Lucia Estevinho. Avaliação de atividades de Educação Ambiental a partir do resgate ecológico e cultural dos quintais de Cruzeiro dos Peixotos pelos alunos do 2º e 3º ano do ensino fundamental. In: Encontro Nacional de pesquisadores (as) em Educação e Cultura Populares, 2011, Uberlândia. Anais do Encontro Nacional de pesquisadores (as) em Educação e Cultura Populares, 2011.

⁶² O grupo de pesquisa Humor Aquoso é coordenado pelo Prof. Dr. Antonio Carlos de Amorim, supervisor do meu pós-doutorado. Destaco as seguintes teses apresentadas pelo grupo no período que estive realizando o pós-doutoramento: *Azul profundo: ecologia de modos de experiência cinematográficos como aprendizagens mais que humanas* de Sebastián Alexi Widermann e *Ionizações de sentidos e infâncias em cinematografias* de Marcus Novaes, ambas orientadas pelo Prof. Dr. Antonio Carlos Rodrigues de Amorim.

faziam presentes. Filmes eram exibidos e estudados, imagens de capas de revistas⁶³ eram trabalhadas para desconstruir a ideia de ecologia veiculada. Nas aulas de metodologia de ensino que assumi após do período de doutoramento, o cinema foi um importante intercessor de pensamentos, a escola como instituição moderna foi estudada em aula a partir dos filmes *Tiros em Columbine* dirigido por Michael Moore e *Pai Patrão* dirigido pelos irmãos Taviani. A partir do primeiro filme foi introduzido nas aulas o clip da banda R.E.M. dirigido por Michel Moore e a partir do segundo filme, a obra literária *Pai Patrão* escrita por Gavino Leda, obra que inspirou o filme com título homônimo a obra literária. Trazer para a discussão a escola moderna e a escola contemporânea⁶⁴ foi uma importante entrada nas questões da pós-modernidade, estudos que realizei durante o doutorado e que pude aperfeiçoar durante o IV Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental⁶⁵ cujo tema era: *Questões epistemológicas contemporâneas: o debate modernidade e pós-modernidade*.

Com a retomada dos estudos do cinema no estágio de pós-doutorado, agora pela perspectiva de pensar com ele, de reivindicar o lugar de fala de grupos silenciados, de que o cinema tem potência de criar uma comunidade que resiste e de propor uma forma de resistência pelas imagens e sons. Um cinema que se faz em contextos que marcam essas resistências como o cinema quilombola, o cinema feminista, o cinema no contexto dos refugiados. Ao contrário da ideia de estabelecer classificações de trabalhar com gêneros cinematográficos, a ideia desses coletivos-cinema é criar grupos de resistências, uma vez que as pessoas podem se reunir em torno dessas lutas, e torna-las lutas de direitos. Neste caminho, do pensar com, o cinema no contexto dos refugiados foi um dos

⁶³ FARIA, R. L. de ; CUSTÓDIO, L. N.; GUIDO, Lucia Estevinho. Os produtos culturais como recurso didático para o ensino de Ciências e Biologia: a proposta de uma oficina. In: Encontro de Pesquisa em Educação do Centro-Oeste - Epeco, 2008, Brasília. Anais do Epeco, 2008. p. 237-248. BRAZ, C. S. ; GUIDO, Lucia Estevinho. Imagens da Reprodução humana na mídia. In: 9º Encontro de Pesquisa em Educação da ANPED - Centro Oeste, 2008, Brasília. Anais do 9º EPECO: Educação: tendências e desafios de um campo em movimento, 2008. p. 625-634.

⁶⁴ Com base nestes estudos várias produções foram construídas, destaco: o capítulo de livro GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. *O contexto escolar na narrativa cinematográfica: a disciplina e o comportamento*. In: Sandra Escovedo Selles, Marcia Serra Ferreira; Marco Antonio Barzano; Elenita Pinheiro de Queiroz e Silva. (Org.). **Ensino de Biologia: história, saberes e práticas formativas**. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 195-215. O artigo apresentado no XIV ENDIPE na mesa redonda intitulada "Inscrições e (re) configurações da escola: na literatura, no cinema e em planejamentos de ensino" em 2008.

⁶⁵ Este evento contribuiu para meu amadurecimento no campo da Educação Ambiental já que fui coordenadora do Grupo de Pesquisa (GDP) em Educação Ambiental em três edições do evento e coordenadora do GDP em Educação Ambiental e Culturas em uma das edições.

acontecimentos do estágio do pós-doutorado. Em uma das disciplinas do Programa de Pós Graduação em Educação que eu frequentei, trechos do filme *Los Silencios*⁶⁶ foram exibidos e abriram possibilidades de escrever com o cinema. Assim como nas caixinhas surpresas apresentadas no segundo capítulo deste memorial, o pensar com os filmes tem uma metodologia. Primeiro o filme chega de diversas maneiras, e quando ele chega assisto algumas vezes e vou elaborando uma cartografia, que seria algo como perceber as marcas que ele provoca em mim. Em que trechos do filme essas marcas me fazem pensar ou me tocam de alguma maneira. Eu faço uma primeira escrita desse movimento que o filme despertou, fico nas cenas olhando com mais atenção percebendo as imagens, as cores, os ângulos, os enquadramentos, o campo, o extra campo, o som, o extra som. E aí entram os silêncios, os ruídos que aparecem na cena ou aqueles que a gente só percebe porque o diretor trouxe pelo o que está fora da cena. Esses movimentos com o filme vão criando um mapa, um percurso, é muito interessante porque é um trabalho de dobra e de desdobra, são camadas que são retiradas, outras que são colocadas, porque outros filmes são trazidos e ativam pensamentos. Após esse movimento de ficar com o filme um tempo, entram os autores que de alguma maneira podem ajudar a pensar com e pelo filme. Com o filme *Los Silencios* a leitura do David Lapoujade no livro “Deleuze, os movimentos aberrantes” foi acionada. Essa escolha não foi aleatória, o filme foi apresentado em uma aula do prof. Antonio Carlos Amorim na disciplina “Linguagem, arte e educação”, uma aula que teve uma curadoria muito interessante⁶⁷ e no final da aula um trecho final do filme *Los Silencios* foi exibido. A despedida do professor nesta aula foi breve logo após o filme. Atitude importante para que continuássemos pensando com e no filme, mergulhadas nas imagens, sentindo essa captura. E nesse impacto que as imagens e sons causaram, uma sensação muito forte de vertigem aconteceu. Uma sensação de cair, de

⁶⁶ Com este filme construí uma cartografia que foi apresentada como trabalho final da disciplina XXX. Parte do texto que apresento neste memorial dialogando com este filme foi escrita para uma conferência “Refúgios em imagens reluzentes: ‘Los silencios’ e a captura do olhar estrangeiro” que apresentei no Ciclo de Seminários Estéticas Contemporâneas na América Latina e as pulsões da Educação na UNICAMP e para o trabalho “O cinema em refúgios” apresentado no 9º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação que ocorreu nos dias 23 a 26 de maio de 2022.

⁶⁷ Essa curadoria incluía: um vídeo-arte

(<https://drive.google.com/file/d/1fy6Wl85Yq5Gt0YWZxTnOKwxMUgMLvNXR/view>) de Mireille Astore e Fabian Astore, Oneyed Productions, shot location in Ain-Haj-Elias in Lebanon and Broken Hill Australia, University of Western Sidney, 2006), a leitura do livro *Siderar, considerar, migrantes, formas de vida* de Marielle Macé e o capítulo do livro *Aonde fica mesmo o centro?* Escrito por Francisco Foot Hardman no livro *Exodus, deslocamentos no cinema e em outras artes*.

sair da tela⁶⁸ do computador e ir para a tela da janela, uma vontade abrupta de sair pela janela, como se tivesse que migrar de mim mesma. Ou me impedir de um gesto fatal. Sair do lugar que eu me encontrava e ocupar outros. O filme e toda curadoria da aula causaram um grande impacto, me conduziram para olhar o filme inteiro e olhar e olhar... Este é um exercício fascinante, de ir trabalhando com as imagens e os sons, tecendo com as linhas que as imagens e os sons oferecem. E esta urdidura vai dando corpo ao pensamento.

Após esse olhar atento fui novamente para a leitura do Lapoujade, para a leitura do livro *Siderar, Considerar* de Marielle Macé, e incluí também a leitura do livro *A sobrevivência dos vaga-lumes* de Didi-Huberman. Conforme eu fui fazendo a releitura dos livros e de outros materiais – entrevistas com a diretora, outras obras cinematográficas⁶⁹, um pensamento foi se criando e uma escrita começando ali no próprio livro, na ficha de anotações, nos cadernos ou no arquivo do computador. É nessa perspectiva que o filme me ajuda a pensar, por ele ser também uma plataforma de registros. Mas também porque a forma fílmica é um pensamento, ela vai recortando as imagens e vai lendo um pensamento. Nesse sentido e me pautando nos estudos do campo do cinema, cito André Parente e Victa Carvalho no artigo *Entre cinema e arte contemporânea* (2009) pois vejo as imagens não mais como um objeto, mas como um acontecimento. “Campo de forças, sistemas de relações que coloca em jogo diferentes instâncias enunciativas, figurativas e perceptivas da imagem” (PARENTE; CARVALHO, 2009, p. 29).

O filme *Los Silencios* dirigido por uma mulher, Beatriz Seigner, e por uma equipe composta na sua maioria por mulheres já indica pensar o filme pelo olhar feminino e, portanto, um olhar das minorias. A narrativa se abre ao contexto dos refugiados em uma região de fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, trazendo para as cenas uma questão social, ecológica e cultural das minorias. Compreender a vida menor é algo que perpassa a cartografia construída no e pelo filme. Compreensão que ajuda a delinear o memorial

⁶⁸ As aulas dessa disciplina aconteceram de forma on-line em razão da pandemia COVID-19.

⁶⁹ As obras cinematográficas que despertaram um conversar com o filme *Los silencios* foram: *El mar, la mar* dirigido por Joshua Bonnetta e J.P. Sniadecki (Estados Unidos, 2017) e *Mujeres pasajeras* dirigido por Fran Rebelatto (Brasil, 2021).

de uma professora que ao focar suas energias da docência para o ensino superior o fazia pensando na possibilidade de atuar junto e com o povo menor⁷⁰. A escrita deste texto revela as marcas que foram se constituindo enquanto as imagens e os sons foram capturados pela própria cartografia. As marcas se fizeram pelas imagens que nos atravessam, movimentos forçados convocados pela narrativa do filme. Tais movimentos são entendidos como aquilo que vem do fora, que nos força a pensar pelos afetos, uma vez que somos impregnados pelas imagens que nos movimentam a pensar o contexto dos migrantes, dos refugiados; a sair do lugar de conforto e migrar para uma espécie de caos. Entendo que o filme convoca esse movimento de luta pelas minorias. Entendo com Deleuze e Guattari trazido pela leitura de Lapoujade em seu livro *Deleuze, os movimentos aberrantes*, a pensar no cinema, nas imagens e sons como algo que pode estabelecer uma luta de direitos. Passar das minorias de fato para o devir minoritário, dito em outras palavras buscar o minoritário de direito. Em relação a ideia de minorias proposta por Deleuze, Lapoujade esclarece:

Por definição não há ‘minorias visíveis’; toda minoria é invisível. Reencontramos um aspecto central que evocávamos no início deste estudo: os gritos, os múltiplos gritos que atravessam a filosofia de Deleuze. [...] Consequentemente, é preciso chamar minoritário o que não tem nenhum direito de existir, um modo de existência desprovido de legitimidade, que não dispõe de corpo algum, de nenhum espaço, de nenhuma terra e de nenhuma linguagem para existir (LAPOUJADE, 2015, p. 276).

No artigo *Aonde fica mesmo o centro?* Hardman (2020) apresenta o número de refugiados de todo o planeta, em nota ele informa que pelos dados mais recentes da ONU “existem atualmente mais de 70 milhões de refugiados internacionais em todo o mundo” (HARDMAN, 2020, p. 18). Dados que forçam o pensamento a pensar nas questões das minorias. São muitos os refugiados, no entanto são minorias porque suas vozes não são ouvidas, seus gritos não são ouvidos, são corpos silenciados e invisíveis.

Gritos exalados pelas imagens do filme *Los Silencios*. Gritos que não são ouvidos pelos silêncios que a narrativa em imagens e sons trazem, mas sim, gritos que se

⁷⁰ Estar na luta em prol e com o povo menor foi algo que me movimentou durante os quase 28 anos de UFU. Penso que ela ficou mais forte quando trabalhei no campo da Educação Ambiental atrelando a este campo, não só o cinema, mas também o conhecimento popular sobre plantas. A defesa da educação pública que perpassa todo meu exercício profissional e a perspectiva de que lutar pelas minorias é uma luta constante, é o que pretendo mostrar com a cartografia deste filme.

entranham em nós, espectadores do filme. Há um efeito muito grande do extra som pelo silêncio.

Para ouvir os gritos que o filme *Los Silencios* convoca, uma cartografia foi composta com cenas do filme, com leituras do campo do cinema e da filosofia da diferença, além das falas da diretora como comentadora do próprio filme, do que foi pensado para realiza-lo. E nestes movimentos, movimento forçado que impele a questionar o filme, quem sabe sob um olhar feminino – olhar de minoria que encontra-se em processo constante de se transformar em um movimento minoritário de direitos, com alguns direitos já conquistados, com alguns gritos já sendo ouvidos, mas com outros calados e que nos irrompe, nos convoca a questionar com o filme: que imagens insurgem e geram movimentos aberrantes nestes contextos? Contexto dos migrantes, dos refugiados, dos silêncios? Em que momento a aberrância se abre para um refúgio? Seria a aberrância um devir minoritário que atravessa o espectador? Os realizadores do filme? As atrizes e atores do filme? Os moradores da Ilha da Fantasia? Um filme encenado por atrizes e atores que vivem no local aonde foram registradas as filmagens. São não atores, mobilizadas.os pela diretora que os dirigem⁷¹ para atuarem em um cotidiano que vivem. As falas, segundo a diretora não são decoradas, ela passa no último momento, na pré-filmagem. Penso nessas falas pelo improvisado como um movimento forçado. Um movimento aberrante provocado pela diretora para ouvirmos as próprias histórias dos personagens. Suas vidas naquele lugar, em cenas pensadas por uma história narrada por uma amiga da diretora que vive o refúgio, que convive com fantasmas, seus mortos. História que levou a diretora a ir até uma comunidade de uma ilha na fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru – a Ilha da Fantasia, com casas de palafitas. Ruas de uma cidade-ilha que ficam alagadas por quatro meses durante o ano, perdendo seu chão. Fronteiras borradas pela água. A locação é escolhida para que o lugar possa narrar, as imagens narrarem mais do que as vozes. É nesse sentido que o lugar vira um personagem também. Essas imagens, esse lugar personagem é entendido como um plano que é traçado e traçar esse plano segundo Lapoujade (2015, p.37) “reside inteiramente no intervalo entre o indistinto e o distinto, na passagem de um ao outro: é o que se distingue. Nem indeterminado, nem determinado, é a própria determinação”. Lapoujade cita Deleuze no

⁷¹ A preparação dos artistas foi realizada também pelo preparador colombiano Carlos Medina.

livro *Diferença e Repetição* comentando sobre o plano, de como a partir do fundo, das profundezas as coisas se fazem visíveis pela superfície. Fazer emergir o fundo para traçar um plano com o que emerge. Percorrer as superfícies é assim traçar um plano. No filme tudo fica na superfície porque boia na água, e o que de fundo aparece na superfície das imagens? A crise dos refugiados que pela narrativa fílmica se rompem em movimentos aberrantes – luzes reluzentes, fazem emergir a luta, a continuidade dela dos mortos para os vivos. O cinema como potência do (re) existir porque é resistência.

Portanto, o território em *Los Silencios* é tão desfundante que a escolha do lugar para a narrativa se desenrolar é um não lugar, uma ilha localizada na tríplice fronteira amazônica (Brasil, Colômbia e Peru). Os limites não são muito demarcados porque não se tem bem delimitado o que é a terra de um país e o que é a de outro. *Front.ei.ra*. A língua é o espanhol, mas também o português e a língua dos povos originários, em especial dos povos Ticuna, que é perceptível no canto nas cenas finais do filme. E também porque a ilha fica parte do tempo alagada, mostrando um fluxo inquieto dos rios: ora rasos – as pessoas podem caminhar no seu leito, ora cheios – preenchendo o interior das casas, e, assim, os personagens-pessoas tem que ficar o tempo todo atravessando o rio, o que cria uma atmosfera inquieta para nós espectadores. Mas o que nos abala é a aceitação dessas mudanças constantes no fluxo do rio pelos/as personagens. Eles/as aceitam, movimentam-se pelos barcos, entram em suas casas com água até os joelhos. E esses gestos que mudam com a água parecem não abalar os/as personagens – mulheres e crianças com sua capacidade de resistência e de reinvenção, mas abalam a nós, espectadores do filme. Portanto, não há na Ilha da Fantasia nem território, nem fundo. Tudo está à superfície, mas quanto de fundo há nessa superfície?

Retomando Deleuze por Lapoujade (2017) em uma passagem do livro *Cinema I – imagem movimento* quando Deleuze descreve o movimento aberrante pelas linhas de fuga, temos: “Elas próprias desprendem um estranho desespero, como um odor de morte e de imolação, como que um estado de guerra do qual se sai destroçado”. Lapoujade continua:

Os movimentos aberrantes ameaçam a vida tanto quanto liberam suas potências [...] seria preciso passar por mortes que nos desorganizam, que de fato nos desorganicizam. É que, em Deleuze, a vida não se limita a produzir organismos, nem assume invariavelmente uma forma orgânica. Pelo contrário, os movimentos aberrantes atestam uma ‘vida inorgânica’ que atravessa os organismos e ameaça sua integridade; uma

vida tão indiferente aos corpos que transtorna [...] (LAPOUJADE, 2015, p. 22).

No filme *Los silencios*, a morte é apresentada como potência, como um movimento forjado para trabalhar a potência das vidas em migração, em situação de refúgio. São os fantasmas e as coisas inorgânicas – escuro, luz, água, fluorescência, sons, que movem a vida rondada pela morte. A partir dos fantasmas que não sabemos quem são, se vivos ou se mortos, mas é por eles, pela morte que a potência da narrativa nos atravessa, nos “desorganiciza”. A água, o escuro, a luz e a fluorescência atravessam os corpos humanos e os extra humanos.

Nas cenas iniciais do filme temos uma sequência de sons de água com a tela toda escura, somos transportados para este local. Um lampejo de luzes ilumina discretamente a tela, luzes que piscam no horizonte escuro, um trecho de borda com terra e plantas marcam a cena. Observamos a tudo isso como se estivéssemos sentados na proa do barco. Quando as imagens mudam de foco e observamos a cena se desenrolar, a pessoa que está sentada na frente do barco é a personagem Núria, uma menina que durante todo o filme aparece com o corpo pintado com tinta reluzente, fluorescente: as vezes em sua roupa, as vezes no brinco, ou no tênis que brilha: um lampejo de vagalume? O silêncio da personagem chama a atenção, mas vamos seguindo pelo filme com esses silêncios que potencializam as imagens, a narrativa é muito visual e sonora – o som da água, dos bichos, do vento, dos fantasmas. Núria, personagem principal do filme liga todas as cenas, está presente nelas e por vezes é pelo seu olhar que vemos o desenrolar da narrativa como nas cenas iniciais do filme, é por ela, ou melhor, pelos olhos dela que vemos os fantasmas. Ela própria se anuncia como fantasma pelas cores, pelo silêncio, pelo semblante sério, pelo tremor do seu corpo.

As pistas sobre os fantasmas vão se espalhando na sequência das cenas – Núria não aparece refletida no espelho, a bala de uma arma apontada na sua direção não a atinge, mas é na cena final, uma assembleia dos mortos e de “alguns vivos” que percebemos os fantasmas. E são eles que em votação [“perdoam”] ou fazem existir os vivos e os mortos, criam potências, forças, movimentos aberrantes enquanto movimento de refugiados, dos que lutam, das minorias. E, de como, mesmo em outro plano de vida, uma vida extra humana [são fantasmas] eles “cuidam” do real, dos vivos – em todas as cenas em que aparecem, estão ali para amparar uma vida: um aperto de mão, um abraço, ajudam a

alimentar o fogo dos que precisam de luz. Mas é no escuro que todos estão na maior parte das cenas, iluminados pelas lanternas em barcos reunidos em um velório, mortos e vivos dão vazão a vida, a vida que Deleuze interroga: *Quid vitae?*

[...] nenhum gosto, nenhum fascínio pela morte, mas sim a percepção da vida como coextensiva à morte e aos mortos pelos quais ela nos faz passar [...] [a morte] é a instância silenciosa que, por sua vez, torna a vida aberrante, [...] daí seu caráter extensivo. Os movimentos aberrantes nos arrancam de nós mesmos, segundo um termo que retorna com frequência em Deleuze. Há algo forte demais na vida, intenso demais, que só podemos viver no limite de nós mesmos. [...] (LAPOUJADE, 2017, p. 23).

Só a morte pode tornar a vida aberrante. Como isso se dá no filme? Qual vida precisa ser libertada pela morte? Só quando a mãe (Amparo) de Núria recebe o documento que certifica a morte do marido é que ela recebe a indenização, o dinheiro para recomeçar a vida em outro lugar, um refúgio. Como a morte ronda a vida no filme? Pelo silêncio dos mortos, pelo som da água no deslizar do barco, pela falta de chão que a inundação pela água provoca, pela falta de raiz com o chão. O enraizamento tem que se realizar por outros modos, outras lutas, uma luta, um luto na água, pela água. Os movimentos aberrantes são agenciamentos guerreiros. Quais são os guerreiros agenciados pelo filme? Os refugiados e seus fantasmas. Criam novos espaços-tempos, gritam! “[...] Que direitos esses movimentos aberrantes reivindicam? Em prol de que novas existências testemunham?” Talvez esteja aí o segredo: fazer existir e não julgar. Os mortos existem em *Los Silencios* nesse sentido, fazem existir as lutas, mesmo que sejam elas a luta pela sobrevivência daqueles que ficaram vivos em existências tão frágeis que é preciso dar a elas vidas, possibilidades de existir para que a luta pelo direito à vida continue existindo, que passe do ser que não está mais no espectro visível para os que estão e que podem assim continuar vivendo. Vivos e mortos, coexistem. “Veremos que, em determinadas condições, os movimentos aberrantes constituem a mais alta potência de existir, enquanto que as lógicas irracionais constituem a mais alta potência do pensar” (LAPOUJADE, 2015, p. 13). Essa potência do existir se faz na e pelas imagens que dão a existir, que podem dar a existir os seres invisíveis, aqueles que nosso olho humano ocidental não vê: “Ver e falar deixam de ser exercícios empíricos e de preencher sua função social preestabelecida. Eles são submetidos a um uso transcendental, ou ‘menor’, que os faz atingir o indizível do dizível, o invisível do visível” (LAPOUJADE, 2015, p. 280).

Mas o cinema pode dar a ver o invisível aos nossos olhos, é isso que o filme *Los Silencios* faz nos convocando para o movimento das minorias, daqueles que não tem vozes, os refugiados. Mesmo que as cenas não revelem no campo de visão a violência e o grito, estes nos invadem pelo extracampo, nos movimentando em busca da luta de trazer o minoritário de direito. Movimentos aberrantes. Vemos o intolerável por cenas que se fazem belas e de uma ternura que nos tocam, purificam. A água tão presente no filme faz lavar a alma? Purifica? A cena do banho de Núria, o carinho que a cena exala: a mãe cuidadosamente lava a filha, sua mão passa pelos cabelos da filha numa suavidade, puxam a água com um carinho que rompe a tela e nos atinge, talvez porque ouvimos o barulho da água que percorre o cabelo. Um luto sendo tratado/acolhido.

Tais acontecimentos não afetam apenas os indivíduos; pode acontecer que um campo social inteiro ‘veja’ o intolerável e se rebele. Não vivemos num mundo onde toda ação política é impossível, vivemos num mundo onde o impossível é a condição de toda ação, de toda nova criação de possíveis. É o paradoxo da ação: só o impossível faz agir. (LAPOUJADE, 2015, p. 271).

Esse impossível nos atinge, como espectadores podemos ver o que os nossos olhos não vêem e sentimos sem que as cenas mostrem violência e, com isso somos provocados pelo olhar daqueles que veem o que não se vê. A imagem, o cinema nos dão essa possibilidade.

A cena final do filme “Los Silencios” com a procissão de barcos ao som de um canto de vários povos: uma “música de renascimento”, diz a diretora do filme: “vamos renascer para fazer desse lugar de abundância, um lugar para todos”. Núria fecha os olhos na última cena. Somos perdoados ou convocados para lutar por eles? Pelos refugiados, pelas minorias?

Nos créditos finais do filme podemos ler a dedicatória: “Dedicado a todos aquellos que lucharam antes de nosotros, y los que lucharán siempre”. Cito Lapoujade: “[...] A luta não concerne mais às minorias de fato, mas atinge as potências revolucionárias do que é minoritário de direito. Luta eterna” (LAPOUJADE, 2015, p. 279).

Começo agora a escrita com o livro *A sobrevivência dos vaga-lumes*. Neste livro ensaio, uma escrita flui pelos lampejos dos vaga-lumes, ideia que Didi-Huberman apreende de Pasolini em que este cineasta, “escritor político”, teórico e crítico da

modernidade, escreve uma carta a um amigo de adolescência em 31 de janeiro de 1941, um período conturbado no entre guerras na Itália fascista, como diz Didi-Huberman “palavras de um jovem em plena treva” (DIDI-HUBERMAN, 2011 p. 18) uma descrição de uma noite como um sonho que trazem para a cena uma revoada de vaga-lumes que no escuro da noite, escapando do canhão luminoso, ilumina e convoca a luminosidade dos corpos, “corpos líricos”: “Poder-se-ia dizer que, nessa situação extrema, Pasolini se desnudava como uma larva, afirmando ao mesmo tempo a humildade animal – próxima ao solo, da terra, da vegetação – e a beleza de seu corpo jovem”. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 22).

Trinta e quatro anos depois dessa noite, dessa carta, Pasolini publica um artigo sobre a situação política na Itália, que ele afirma ainda fascista intitulado *O vazio do poder na Itália* que fica conhecido por *O artigo dos vaga-lumes*: “Trata-se de um lamento fúnebre sobre o momento em que, na Itália, os vaga-lumes desapareceram, esses sinais humanos da inocência aniquilados pela noite – do fascismo triunfante” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 25-26).

Pasolini citado por Didi-Huberman comenta:

Com efeito [...] não é mais possível, em 1975, opor os ‘corpos inocentes’ à massificação cultural e comercial, à trivialização de qualquer realidade, pela boa razão de que a indústria cultural apossou-se dos corpos, do sexo, de eros e os injetou nos circuitos do consumo” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 40).

Por esta razão, ou ainda, esta seria a razão da extinção dos vaga-lumes. Uma extinção ecológica e humanitária que atinge humanos e não humanos, a ponto de não vermos mais essas luzes em pirilampos. Mas que o cinema pode mostrar. Retomo que a defesa dessa escrita recai no cinema como a arte de pensar, de nos colocar em pensamentos, mas também de mostrar aquilo que não é visível. O cinema pode pelo escuro mostrar pequenos lampejos, mesmo que a sociedade de consumo esteja aderida aos brilhos nefastos que nos condenam a uma claridade eterna do consumo 24 horas, nas luzes que não se apagam das propagandas e da própria mercadoria.

Didi-Huberman (2011) faz interessantes questionamentos a respeito da sobrevivência-desaparecimento dos vaga-lumes, em um deles ele questiona se de fato eles desapareceram e se todos eles desapareceram: “Emitem ainda – mas de onde? Seus maravilhosos sinais intermitentes? Procuram-se ainda em algum lugar, falam-se, amam-

se apesar de tudo, *apesar do todo* da máquina, apesar da escuridão da noite, apesar dos projetores ferozes?” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.45). Penso esses questionamentos com o filme *Los silencios*: seria o filme a nos convidar a esse brilho intermitente da luz? Ao brilho discreto dos vaga-lumes pelas luzes fosforescentes e lanternas refletidas nos corpos e nas águas? Seria esse o brilho da resistência? Resistência dos próprios vaga-lumes? Didi-Huberman (2011, p. 46) afirma: “A intermitência da imagem (image-saccade) nos leva de volta aos vaga-lumes certamente: luz pulsante, passageira, frágil [...]”. Para em seguida questionar:

Mas como os vaga-lumes desapareceram ou red desapareceram? É somente aos nossos olhos que eles desapareceram pura e simplesmente. Seria mais justo dizer que eles se vão, pura e simplesmente. Que eles ‘desaparecem’ apenas na medida em que o espectador renuncia a segui-los. Eles desaparecem de sua vista porque o espectador fica no seu lugar que não é mais o melhor lugar para vê-los (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 47).

Ficar no seu lugar é como ficar medusado, petrificado usando duas expressões de Marielle Macé na obra *Siderar-considerar, migrantes, formas de vida*. Ficar no seu lugar é siderar. Só que mais do que siderar é preciso considerar:

[...]deixar-se siderar, como é preciso fazer, por tudo que é de fato e sem trégua siderante é, no entanto, também permanecer medusado, petrificado, enclausurado em uma emoção [...] ‘Considerar’ seria, ao contrário, ir ver ali, levar em conta os vivos, suas vidas afetivas, uma vez que é desse modo e não de outro que essas vidas são furtadas ao presente – levar em conta suas práticas, seus dias, e então desenclausurar o que a sideração enclausura [...] (MACÉ, 2018, p. 60).

Mas como não ficar absorta na sideração? Petrificada, paralisada diante das imagens e considerar? O que precisamos para que diante das catástrofes anunciados pela própria mídia ao que acontece com os migrantes e refugiados, considerar? Olhar o filme *Los Silencios*, pensar com ele e com outros materiais me trouxeram a consideração pelo próprio cinema. Acredito que o cinema pode nos ajudar a considerar ou a pelo menos sair do lugar petrificado, nos movimentar a pensar e a agir. No filme *Los Silencios* a diretora nos mostra os refugiados pelas luciolas – pequenas luzes diante da escuridão da noite anunciada. No filme *El mar la mar* atravessamos o deserto junto com os migrantes no escuro da noite, iluminada por vezes pelos raios e relâmpagos, pelo fogo, pela luz de uma chama, pelas vozes dos depoimentos que nos fazem ouvir o que acontece no escuro total e absoluto da tela, por ouvir no escuro o trepidar de passos na relva, do trepidar das

pequenas chamas que iluminam um abrigo. São imagens-resistências e nos mostram que acolher é possível, encontrar refúgios mesmo que seja na procura dos vaga-lumes, que nossos olhos encontrem os vaga-lumes.

Quem sabe assim, as imagens de *Los Silencios*, do filme *El mar la mar* possam nos mover na escuridão a procura destes lampejos em gestos de cuidado, de escuta, de visão na escuridão. Não podemos perder a capacidade de ver os lampejos, de encontrar refúgios pelas imagens. O cinema como lugar de (re)existências porque vemos no escuro das salas de cinema. Vemos as telas escuras com lampejos de luzes para continuarmos a ver a sobrevivência. Tem coisas que só são possíveis de ver no escuro, daí a escuridão ser tão presente nos dois filmes (*Los silencios* e *El mar la mar*). Imagens em brilhos intermitentes mostram ou impactam nosso olhar para olhar as imagens do estrangeiro, a como sobreviventes. Imagens em sobrevivência fazem ver a necessidade da sobrevivência, a luta por ela que no filme *Los Silencios* é travada dos mortos para os vivos e, que pelo silêncio, pela luz dos lampejos convoca a nós espectadores a considerar essa sobrevivência. Mais uma vez Didi-Huberman (2011, p. 85-86) ajuda a pensar: “Ora, *imagem* não é horizonte. A imagem nos oferece algo próximo a lampejos (*luciole*), o horizonte nos promete a grande e longínqua luz (*luce*) [...]. A imagem se caracteriza por sua intermitência, sua fragilidade, seu intervalo de aparições e de redessaparecimentos incessantes”. Ora, no filme *Los Silencios*, os lampejos também estão nos mortos que aparecem e desaparecem, ou melhor dizendo aparecem para nós espectadores pela possibilidade do cinema em nos dar a ver o invisível. Não estão fixos nas imagens. Em *El mar la mar*, são os raios, são as vozes daqueles que procuram refúgio ao atravessarem o deserto de Sonora. “Lampejos de contrapoder” escreve DIDI-HUBERMAN (2011, p. 91) fazendo referência à Walter Benjamin, Giorgio Agamben, a Pasolini. Ressalto com Didi-Huberman (2011) que as imagens lampejos são as imagens que vem nos tocar, nos atravessar; já as imagens horizontes são “os ferozes projetores” que nos incapacitam de ver as imagens menores.

Retomando os fantasmas do filme *Los Silencios* e de alguma maneira há fantasmas também no filme *El mar la mar*, nas mortes que são “contadas”, narradas pela fala dos vivos, e nos corpos mortos encontrado pelos vivos que acompanham os *pasajeros*. Uso a palavra *pasajeros* por conta do filme *Pasajeras*, primeiro longa da diretora Fran Rebelatto, que também no território da tríplice fronteira (Argentina, Brasil e Paraguai)

trata sobre as “mujeres pasajeras”, mulheres que lutam, pela sobrevivência a custo de passar as mercadorias pela ponte da amizade na fronteira entre Paraguai e Brasil. “O filme registra as oscilações diárias dessas vidas atravessadas por uma paisagem em movimento, construindo narrativas femininas de sacrifício e resistência” (CATALOGO OLHAR DE CINEMA, 2022). O elenco também é composto de não atores, como no filme *Los Silencios*. Por mulheres paraguaias, argentinas e brasileiras. Mulheres fortes, que imprimem na película essa força. E nesse filme o rio é colocado como personagem. O rio atravessa, leva de um lugar ao outro. Atravessa, não tem lugar fixo, nem país, nem cidade, apenas atravessa e, nesse atravessar permite atravessamentos, o levar-conduzir de um lado ao outro, como que pedindo socorro. Será que é isso que ele grita quando se agita? Um rio não tem lado, ele conduz, é fluidez, fluxo e permite a fruição, o escape. Um devir que rompe a mônada. Imagens aberrantes.

Ao trazer para esta seção estes filmes minha intenção foi colocar as imagens como lugar de resistência, como potência de contestação. Didi-Huberman (2011) traz o texto *O narrador* de Walter Benjamin sobre o fim da experiência, para contra-argumentar que a falta de experiência nos leva a um mergulho na incapacidade de reagir diante da destruição, de não vermos diante da luz dos projetores, esta luz que nos impede de ver os lampejos; ele contesta nos convocando a pensar que não estamos mergulhados nessa falta de luz, de experiência, mas que elas podem ser contadas, narradas de uma outra maneira. Nas palavras do autor:

Os vaga-lumes depende de nós não vê-los desaparecerem [...] fazer aparecer parcelas de humanidade, o desejo indestrutível. Devemos, portanto, - em recuo do reino da glória, na brecha aberta entre o passado e o futuro – nos tornar vaga-lumes e, dessa forma, formar novamente uma comunidade do desejo, uma comunidade de lampejos emitidos, de danças apesar de tudo, de pensamentos a transmitir. Dizer *sim* na noite atravessada de lampejos e não se contentar em descrever o *não* da luz que nos ofusca (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.154-155).

Ser vaga-lume é considerar, é movimento, é não estar petrificado diante do mundo, é não ser ofuscado pela luz permanente do “reino e da glória”. Macé (2018) esclarece e mostra a importância de considerar, de não ficar petrificado diante do absurdo, de ouvir o que foi silenciado pela morte ou em vida:

Aos outros, aos invisíveis (como às coisas, aos oceanos, e mais ainda aos mortos, uma vez que se deve pensar em sua vida, falar ‘à sua não escuta, dizia Pierre Pachet), é preciso perguntar o que elas têm a dizer: o que diriam, o que

podiam, o que poderiam e que, portanto, nós poderíamos [...] (MACÉ, 2018, p. 60).

A essa fala acrescento um comentário sobre as imagens-coletivas, o foco que o cinema pode dar ao coletivo, como nas cenas finais do filme *Los Silencios*⁷² que eu trago novamente para fechar essa seção. O filme *Los Silencios* termina com o velório na água, uma cena muito trabalhada pela diretora que queria que fosse tomada por barcos no escuro da noite e do rio, algo que não foi poupado financeiramente. Cena elogiada pela revista *Cahiers du Cinema* como “Um final hipnotizante”. E que Foot Hardman (2020) comenta como que diante de toda dificuldade que o filme mostra, ela [a cena] exala uma poesia a ser celebrada:

Ao final, o ritual funerário fluvial cantado em língua indígena sugere, além de toda a sua poesia visual e dramática, um encontro difícil, mas solidário, de comunidades étnicas e nacionais dispersas pelo poder do Estado e pelos exploradores da Amazônia, com vozes distintas e tempos distantes. Mesmo nos limites imponderáveis entre floresta, rio e cidade, entre três países tristes e atroz, e na completa indefinição entre vida e morte, há um espaço de poesia a ser celebrado. (HARDMAN, 2020, p. 29).

E é com esse convocar os vagalumes que encerro essa seção, trazendo narrativas que podem re(existir) pelo cinema, pelas imagens vaga-lumes. Porque o cinema faz aparecer esses povos. Didi-Huberman cita o filme *Border* (2002). Nesta seção ativamos pensamento com e pelos filmes no contexto dos migrantes, dos refugiados. O Quilombo cinema congrega realizadores de filmes que trazem a resistência negra. Os festivais de cinema, os coletivos de cinema, são como vagalumes a emitirem suas luzes intermitentes.

Pelo intermezzo, fecho-abrindo com a ideia de ficarmos com os pirilampos, de continuarmos a ver essas pequenas luzes e do cinema como lugar de resistência porque dá a nós espectadores a possibilidade de re-existência dos povos. O minoritário de direito pode ser conquistado, afinal somos peixes que nadamos contra corrente. A luta é eterna.

A política sempre atravessa: a profissão professora é política.

⁷² Fica claro o engajamento com os movimentos sociais pelos refugiados como Caritas e Pastoral da mobilidade humana, que logo nas primeiras cenas aparecem no mural de um suposto escritório de migrantes.

Fecho este capítulo com as políticas que me atravessaram durante mais de 30 anos de profissão professora. Aquilo que era um começo logo após a abertura política no início da década de 1980 tem reverberações até hoje. Comecei a profissão como professora de Escolas Públicas do Estado de São Paulo. No primeiro ano de docência me coloquei a disposição para ser a representante da escola no Sindicato dos professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo – APEOESP. Com esse sindicato participei da reforma curricular para o Ensino de Ciências do Estado de São Paulo como leitora crítica junto com as professoras de Ciências da Escola Estadual Monsenhor João Telho e Escola Estadual Capitão Horácio do Nascimento. Recebíamos a proposta da Secretaria Estadual de Educação, estudávamos e depois devolvíamos o texto com as nossas questões para a Secretaria, uma reforma curricular discutida com as bases é algo privilegiado para uma professora em início de carreira. Esta representação também se fazia no próprio sindicato, na sua sucursal da região de Catanduva, interior do Estado de São Paulo representando as escolas do Município de Tabapuã. Nas reuniões do sindicato me surpreendia pela participação de professoras e professores mais velhos, com tempo de aposentadoria, mas que perceberam na formação sindical mais um sentido na carreira como professor.a, após a abertura política. Participamos dos movimentos grevistas⁷³, viajamos para São Paulo para participar de passeatas, para Brasília em caravanas do Brasil todo. Nestas viagens admirava a força dos colegas mais velhos⁷⁴, com a vontade política de lutar pelos seus direitos, pela alegria de viajarmos juntos, mesmo que para passar duas noites em um

⁷³ Segundo a APEOESP: “**1987/1988** - Também foram anos de luta na Assembleia Nacional Constituinte. Novamente caravanas vão a Brasília. Foram contempladas algumas de nossas principais reivindicações: a definição de 18% do Orçamento Federal e 25% dos Estados e Municípios para a Educação; aposentadoria aos 25 anos; plano de carreira; direito a piso salarial; direito de sindicalização de funcionários públicos; estabilidade para professores com mais de 5 anos de magistério; direito ao 13º salário integral; gratificação de 1/3 do salário de férias; direito de greve; direito para as entidades entrarem com ações coletivas em nome de seus associados etc.”. No ano de 1988 a APEOESP informa: **1988** - Quércia tenta destruir o nosso Estatuto. Após 30 dias de greve, o Governo aceita transformar os famosos NCr\$ 27,00 fixos em um percentual de 18% sobre a carreira. O Governo se recusa a estender os 18% aos aposentados. Pressão sobre os deputados, Secretarias da Educação e Administração, abaixo-assinados, cartas ao governador e formação de Comissões de Aposentados em muitas das nossas subseções garantem os 18% também aos aposentados. Fonte: <http://www.apeoesp.org.br/o-sindicato/historia/>. Acesso no dia 25/10/2022.

⁷⁴ Em uma das viagens, estes professores e professoras mais velhos me surpreenderam lendo o livro *Se os velhos pudessem* de Doris Lessing. Uma coincidência inusitada. Acredito que naquele momento eles tinham muita força, muita energia e muito chão para trilhar e quanto chão eles proporcionaram para a gente que veio depois.

ônibus, e um dia de luta e conversas com os deputados federais⁷⁵ e senadores em Brasília. Se refugiar em cantos e se expressar em gritos, em coro. Em vida!

Importante registrar a importância de estar vinculada ao sindicato, às associações que agregam e defendem nossa profissão, que estudam as políticas públicas para fazerem sugestões e críticas. Logo que ingressei na Universidade Federal de Uberlândia me filiei à Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia – ADUFU. E no início de minha carreira no Magistério Superior participei da criação da Associação Brasileira do Ensino de Biologia – SBEnBio, que foi fundada no VI Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia em 1997⁷⁶. Nesta associação fui da equipe de gestores da Regional 4 desde a sua criação, sendo vice-diretora nos períodos de 2012-2013; 2014-2015 e diretora no período de 2016-2017. Participei da organização do I Encontro da Regional 4 – EREBIO e II Encontro Nacional de Ensino de Biologia - ENEBIO que aconteceu em Uberlândia no período de 12 a 15 de agosto de 2007; do II EREBIO (regional 4) e IV ENEBIO que aconteceu em Goiânia no período de 18 a 21 de setembro de 2012; do III EREBIO (regional 4)⁷⁷ no período de 28 a 30 de abril de 2015; e participei como coordenadora da organização do IV EREBIO (regional 4)⁷⁸ no período de 24 a 26 de agosto de 2017. Fui convidada como palestrante de cinco edições do ENEBIO, sendo duas como mediadora de mesas redondas e conferências e três como conferencista⁷⁹. A

⁷⁵ Nosso ônibus foi sorteado a falar com então deputado federal Luís Inácio Lula da Silva. Uma emoção para nós professoras e professores. Um dos colegas de Catanduva fez questão de levar um paletó na viagem temendo não entrar na Câmara dos Deputados com roupa comum. Ele queria ver o Lula, e conseguiu. Sua emoção era tanta que esqueceu de tirar a tampa da lente da máquina fotográfica. Ficamos sem a foto com então deputado Luiz Inácio Lula da Silva e hoje nosso presidente.

⁷⁶ Nesse encontro apresentei o trabalho “A evolução conceitual na prática pedagógica do professor de Ciências das séries iniciais” também publicado no Anais do evento. In: BIZZO, N. et. al. Encontro “Perspectivas do Ensino de Biologia”, Campinas: Gráfica Central, 2000.

⁷⁷ Neste evento ministramos um mini curso que foi publicado em um número especial da revista Educação em Foco: CARVALHO, D. F.; GUIDO, Lucia Estevinho. Biologias atravessadas por sensibilidades e inquietações da contemporaneidade. Educação em Foco (Juiz de Fora), v. 21, p. 125-139, 2016.

⁷⁸ A organização deste evento foi publicada no livro “Trajetórias em festa nos 15 anos da Regional IV da SBEnBio” no capítulo intitulado “Sorrisos como gesto em encontros acadêmicos”. In: Gustavo Lopes Ferreira; Sandro Prado Santos; Guilherme Trópia; Ana Paula Vigário; Claudia Avellar Freitas. (Org.). Trajetórias em festa nos 15 anos da Regional IV da SBEnBio. 1a.ed. Uberlândia: Editora Culturatrix, 2022, p. 93-111.

⁷⁹ No II ENEBIO fiz uma fala na mesa redonda: “Formação de professores em foco: diálogos com a escola” publicada como capítulo de livro: “O contexto escolar na narrativa cinematográfica: a disciplina e o comportamento”. In: Sandra Escovedo Selles, Marcia Serra Ferreira; Marco Antonio Barzano; Elenita Pinheiro de Queiroz e Silva. (Org.). Ensino de Biologia: história, saberes e práticas formativas. Uberlândia: EDUFU, 2009, v., p. 195-215... No V ENEBIO participei da mesa redonda intitulada: “Articulações entre imagens, mídia, tecnologias e os currículos de ciências”. No VII ENEBIO participei como expositora da

SBEnBio é marcante na minha carreira acadêmica, foi lá que eu pude dialogar com meus pares, apresentar as pesquisas oriundas dos trabalhos na pós-graduação como também compartilhar os trabalhos desenvolvidos na graduação, trocando experiências sobre as mudanças curriculares que os cursos de Licenciatura tiveram que fazer ao longo dos anos. Essa troca de ideias, de pesquisas sempre foi acompanhada de uma alegria contagiante que nos coloca como professores e professoras em festa. Os posicionamentos políticos que fizemos e fazemos por meio da SBEnBio foram e são sempre marcados de uma leitura crítica da nossa profissão e das legislações nas quais esta profissão perpassa. O trabalho de gestão da Regional 4 sem dúvida nos coloca como partícipes de um grande e potente coletivo a professorar, a artistar, a criar, a pesquisar, a colaborar, a dialogar.

As políticas do Governo Federal também me atravessaram e foi por elas que a valorização da educação, da formação de professoras e professores foi honrada. Logo que cheguei na UFU em 1995 participei do Projeto ProLicen. Mas foi nos governos do Partido dos trabalhadores que eu encontrei uma valorização efetiva em políticas de formação e valorização da profissão professor.a. Tive a honra de coordenar a primeira equipe do Programa de Licenciaturas Internacionais – PLI da UFU, projeto financiado pela CAPES e que consentia pela primeira e única vez no Brasil a dupla titulação para os cursos de Licenciaturas. Política de formação de professores. Orgulho de acompanhar oito estudantes dos cursos de Licenciatura em Biologia, em Química, em Física e em Letras que cursaram dois anos de seus cursos na Universidade de Coimbra. Um enriquecimento para os estudantes e para nós que coordenamos os projetos de 28 universidades brasileiras entre os anos de 2010 e 2012. Viajar para Portugal trouxe a oportunidade de conhecer o lugar que meu pai nasceu e viveu até os 24 anos de idade. Paredes, um distrito de Bragança. Na Universidade de Coimbra a alegria de estar na primeira reunião que abriu os trabalhos deste projeto inovador de formação de professores.as e saber que um primo e uma prima de meu pai eram profissionais dessa Universidade, encontra-los lá foi uma emoção. Assim como foi uma emoção ouvir depois no Brasil de uma aluna da Educação Básica de uma escola pública de Uberlândia que ela queria ser professora como o irmão dela que estava na Universidade de Coimbra. Era requisito para os estudantes que

mesa redonda “Artes da vida e vida com arte no ensino de biologia”. Esta fala foi publicada como capítulo de livro: “Quando as coisas ganham vida: ensinando vida pela arte”. FERREIRA, M. S. et al. (Orgs) *Vidas que ensinam o ensino da vida*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020.

pleiteavam uma vaga neste programa ter estudado em escolas públicas. Acompanhar o sucesso desses jovens, conhecer os projetos pedagógicos dos cursos da UFU e da Universidade de Coimbra com certeza agregaram muito ao meu trabalho no magistério do ensino superior. Esta participação me levou a ser coordenadora do Curso de Ciências Biológicas da UFU nos anos de 2011 e 2012. A coordenação do curso é um grande enriquecimento na nossa formação, lidar com as políticas da Licenciatura, do Bacharelado a nível nacional e dentro da UFU. Fazer uma reforma curricular é enfrentar os novos posicionamentos da profissão biólogo.a e da profissão professor.a de ciências e biologia, desafio que permitiu transitar entre as disciplinas do fluxo curricular para acompanhar a formação profissional dos estudantes. Organizar uma Semana de Estudos junto com os estudantes em seus agrupamentos: Diretório Acadêmico da Biologia, Empresa Júnior Minas Bio; Atlética da Biologia e PET-Biologia. Um encontro político com convidados dos movimentos sociais. Momento de muito trabalho, mas de muito convívio e aprendizado. Valorizar e orientar estudantes em mobilidade nacional e internacional, estabelecer novos convênios internacionais pela UFU com certeza foi um aprendizado que ganhei ao participar do PLI, de entender e valorizar a internacionalização do ensino superior.

A coordenação do Curso me fez também participar como coordenadora de mais um projeto a partir de políticas públicas de formação de professores do Governo Federal. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação À Docência - PIBID/UFU/ Subprojeto Ciências da Natureza de 2012 a 2013 e Subprojeto Biologia de 2014 a 2018. A gestão deste programa em que nos encontramos em formação – os estudantes de licenciatura, as professoras da escola e as professoras coordenadoras dos subprojetos na UFU, envolve um pensar que atravessa a universidade e chega na escola. Um trabalho que valoriza a profissão professor.a, uma vez que todos e todas tem o incentivo de uma bolsa de estudos. Tive o prazer de acompanhar professoras de Ciências de três escolas públicas de Uberlândia. Estar na escola a cada quinze dias enriquece nossas vivências. A arte e a cultura atravessaram nosso fazer-pensar-pibid em vários projetos que desenvolvemos: conhecer a escola pelas fotografias registradas e apresentadas em Mostra artística e cultural⁸⁰. Reavivar o Centro Acadêmico e jornal da escola, distribuir os jornais impressos

⁸⁰ O trabalho com as fotografias se constitui como marca do PIBID desde o momento de suas primeiras ações. Um vídeo produzido no encontro de apresentação aos novos integrantes do PIBID-Ciências da

pela escola em uma bicicleta. Reativar o laboratório de ciências e uma horta vertical, comemorar os 50 anos de uma das escolas homenageando a primeira alfabetizadora da escola com uma calçada da fama. Fazer intercâmbios com outros projetos do PIBID na Universidade Federal de Santa Catarina trocando cartões postais. Conhecer pessoalmente o PIBID e uma escola estadual na cidade de Curitiba junto com o PIBID-Biologia da Universidade Federal do Paraná. Conhecer espaços de arte e de Cultura de duas capitais brasileiras: São Paulo e Curitiba. Conhecer uma escola municipal da cidade de São Paulo que tem como referência os trabalhos da Escola da Ponte de Portugal. Visitar a exposição “Gênesis” do fotógrafo Sebastião Salgado⁸¹ e o sistema Sesc-São Paulo, abrir possibilidades de aprimorar e valorizar a cultura do.a professor.a em formação.

Ainda atravessada por políticas de formação de professores.as, participei do Projeto *Mais ciência, cultura e integração: uma parceria universidade, escolas públicas e museus / novos talentos* no período de 2013 a 2016. Este projeto buscou incentivar a parceria Universidade e Escolas Públicas contribuindo para o aprimoramento dos processos de ensino e aprendizagem e a ampliação da bagagem científico-cultural dos todos os participantes. Participaram deste projeto 35 professores de quatro escolas públicas do município de Uberlândia, seus estudantes, professores e estudantes da UFU. Um projeto que se abriu para a cultura, para a produção do conhecimento científico e para pesquisas no campo da Educação e do campo da Biologia. Encontros aos sábados foram realizados durante quase dois anos e a partir deles conversas foram estabelecidas entre os estudantes das escolas e os pós-graduandos dos cursos de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação dos Recursos Naturais e de Biologia Vegetal; conversas entre os professores da Educação Básica envolvidos no projeto com pós-graduandas do Curso de Pós-Graduação em Educação da UFU. Na parte cultural foram realizadas viagens à três capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte com os 35 professores das Escolas Públicas envolvidos no projeto. Estas viagens tinham por objetivo ampliar os conhecimentos culturais e artísticos e de envolvimento pessoal e profissional entre

natureza gerou uma apresentação no VII ENEBIO com a publicação nos anais de tal evento: SILVA, L. P; CREPALDI, T. A; SILVA, D. F; ESTEVINHO, L. F. *Lendo e produzindo imagens: exercícios de pensar a escola*. In: VII Encontro Nacional de Ensino de Biologia e I Encontro Regional de Ensino de Biologia - Norte, 2018, 4495-4503.

⁸¹ Visitar esta exposição gerou uma apresentação no 19º. Cole e publicação do artigo intitulado *O que vejo e o que desejo ver nas fotografias de Sebastião Salgado*. Linha Mestra (Associação de Leitura do Brasil), v. 24, p. 96-107, 2014.

estes.as professores.as, os.as professores.as e estudantes da UFU pela mediação dos objetos museais, artísticos, culturais dos espaços não formais de formação – museus, espaços de ciências, bibliotecas, espaços de cultura. Nestes encontros foram desenvolvidas sob minha orientação duas pesquisas de iniciação científica⁸², uma dissertação de mestrado⁸³, a produção de um produto audiovisual e vários trabalhos apresentados em congressos e reuniões científicas⁸⁴.

Todas esses atravessamentos reforçaram o entendimento de entender a profissão professor.a como uma política. Assim como não é possível separar a prática da teoria, não é possível separar a política da profissão. Participar ativamente de uma comunidade seja ela universitária ou escolar ou uma comunidade de compartilhar nossa vida cotidiano não está apartado do nosso posicionamento político. Defender a democracia, a educação, a saúde, a cultura, a arte é ter um posicionamento político, é acreditar que nos constituímos pelo outro. O outro importa, o outro compõem a minha vida, a minha luta.

⁸² As duas pesquisas de Iniciação científica foram desenvolvidas por: Maisa Peixoto Garcia com o trabalho “Ciências, Cultura e Arte, o que dizem os professores da educação básica sobre suas visitas a espaços não formais de educação”, 2016. Com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Mariane Schmidt. “Ciência, Cultura e Arte: um estudo a partir dos registros fotográficos de professores da Educação Básica”. 2014. Com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

⁸³ Pesquisa desenvolvida por Dalila de Souza Ferreira: “Os discursos dos docentes sob projetos ambientais empresariais no ambiente escolar: o grupo focal mediando diálogos”. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

⁸⁴ GARCIA, M. P. ; GUIDO, Lucia Estevinho . *Ciência, cultura e arte: o que dizem os professores da educação básica sobre suas visitas a espaços a espaços não formais de educação*. **Revista de Ensino de Biologia** da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), v. 9, p. 4954-4965, 2016. SCHMIDT, Mariane; GUIDO, Lucia Estevinho. *Narrativa de viagens: espaços não formais de educação (des)encantando a formação inicial de uma professora de biologia*. **Alexandria** (UFSC), v. 8, p. 21, 2015. GUIDO, Lucia Estevinho; CREPALDI, T. A. A. T. S. ; SCHMIDT, M. . *Espaços culturais na formação inicial de professores de Biologia: entrelaçando imagens e memórias*. **Revista de Ensino de Biologia**, v. 07, p. 7200-7213, 2014. SCHMIDT, Mariane; GUIDO, Lucia Estevinho. *Ciência, Cultura e Arte: um estudo a partir dos registros fotográficos de professores da Educação Básica*. In: **6o. Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação** e 3o. Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2015, Canoas. Anais eletrônicos Educação, Transgressões, Narcisismos, 2015. p. 1-14. CREPALDI, T. A. A. T. S. ; GUIDO, Lucia Fatima Estevinho. (Documentário) *Leve-me para sair: um convite à reflexão do formar-se professor/a em Museus*. 2016.

QUEM SOU? O QUE AINDA DESEJO?

Embora minha formação inicial seja em Ciências Biológicas, minha trajetória acadêmica me conduziu para a área das humanidades. Comecei minha carreira docente

em 1987 assim que me graduei em Licenciatura em Ciências Biológicas. Enquanto estudante da graduação tive oportunidade de trabalhar como professora em uma Escolinha de Artes para crianças pequenas quando a Educação Infantil ainda não era obrigatória. Nesse tempo na Escolinha e também por frequentar um grupo experimental de teatro de bonecos pude conhecer um pouco mais a obra de alguns pedagogos que trabalham em uma perspectiva mais aberta e menos conservadora, dentre eles destaco Célestin Freinet. Essa experiência profissional e de estudos me possibilitaram entender que a aprendizagem é algo que deve trazer sempre a ludicidade, a arte e o contexto dos/as estudantes, o que me levou a sempre buscar formas alternativas de ensinar. O cinema acompanhou minha formação inicial, enquanto estudante integrava o grupo que organizava a sessão Curumim do Cine Clube Caim em Ribeirão Preto. Sessão dedicada às crianças sempre havia um convite para ver as cores do cinema mesmo quando se tratava de filmes do Chaplin em branco e preto, a ludicidade trabalhada com as crianças trouxe para a minha formação a surpresa, a indagação, o faz de conta, o transformar uma coisa em outra. Nos primeiros anos no exercício da docência em escolas públicas de ensino fundamental e médio procurava trabalhar com o lúdico, aproveitar os espaços ao ar livre e encenações para aprender conceitos eram uma constante em minhas aulas. Encenamos o ciclo de Krebs, o parto de uma bezerra, ativei o laboratório da escola. Aulas no pátio com os bichos de estimação para treinar os olhos de observadores dos animais e plantas. O cuidado com a horta. Mesmo com toda essa abertura para o fazer na prática, havia momentos que eu não conseguia exercer a profissão, nada fazia os/as estudantes de uma 6ª. Série do ensino fundamental se interessar pela ciência, pela possibilidade de exercer a plena cidadania, de ativar o pensamento. Nestes primeiros anos de docência, os questionamentos sobre o que faltava eram constantes, até que um dia me deparei com um folder da UNICAMP e lá encontrei informações sobre o mestrado em metodologia do ensino na Faculdade de Educação. Pensei ter encontrado a solução para os meus problemas: era necessário um aprofundamento nas disciplinas do campo das humanidades e foi aí que ingressei no curso de Pedagogia da UNICAMP e dois anos depois no mestrado no departamento de Metodologia de Ensino na Faculdade de Educação dessa mesma universidade. No mestrado, o construtivismo reforçou e embasou teoricamente as crenças de que o ensino deveria passar pelo lúdico, pela contextualização, pela construção das teorias da ciência. A formação dos conceitos na infância foi estudada

com Ausubel, Piaget e Vygotsky. E, a pergunta de pesquisa que advinha do meu exercício docente, o que acontece nas séries iniciais do ensino fundamental que tira a curiosidade das crianças sobre o que acontece no mundo natural começou a ser respondida pela pesquisa de mestrado⁸⁵. No término do mestrado já estava como professora do magistério superior alocada no Departamento de Biociências, atual Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia. No período após a defesa do mestrado o então departamento de Biociências criou Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação dos Recursos Naturais, sendo que todos os esforços foram canalizados para a consolidação deste programa e, assim para compor com esses esforços iniciei meus estudos no campo da Educação Ambiental⁸⁶. Passei a ministrar a disciplina Educação Ambiental nos Cursos de Especialização em Ecologia e Conservação dos Recursos Naturais e orientar pesquisas de Trabalho de Conclusão de Curso na graduação⁸⁷ e na especialização *lato sensu*⁸⁸. No ano 2000 ingressei no doutorado em Educação para trabalhar com Cinema e Educação Ambiental. Após a defesa do doutorado ministrei a disciplina de Educação Ambiental que foi incluída no currículo do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Biologia e Cultura foi outro degrau na docência e na pesquisa e foi por e com ela que fui fazer o pós-doutorado. Em anexo a este memorial está toda a

⁸⁵ A dissertação mestrado intitulada “A evolução conceitual na prática pedagógica do professor de Ciências das séries iniciais”, defendida em 1987 e orientada pela professora e pesquisadora Rosália Maria Ribeiro de Aragão, foi apresentada em vários eventos já citados nas notas anteriores e publicada na revista Ensino Em Revista, v.9, 2002 e intitulado “Ações e desafios na formação do professor reflexivo”. Um pesquisa-ação foi realizada nas aulas de ciências do 4º. Ano do ensino fundamental com a intenção de diagnosticar a realidade deste ensino agindo também sobre ele, de maneira a transformar a prática pedagógica.

⁸⁶ Esta entrada no campo da Educação Ambiental foi marcada pelo curso que frequentei: I Etapa do Curso de Capacitação de Multiplicadores em Educação Ambiental - Acordo Brasil/UNESCO. Uberlândia, MG, 23 a 27 de novembro de 1998.

⁸⁷ As primeiras pesquisas na graduação que orientei foram no campo da Educação Ambiental, são elas: Cecília Langoni Salgado. *Levantamento etnobotânico nos quintais do distrito de Martinésia, Uberlândia, MG. 2007.* Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Polyana Vieira dos Santos. *A natureza nas histórias em quadrinhos.* 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Terêncio José Silva Pinto. *Ações de preservação ambiental na bacia hidrográfica do rio Uberabinha.* 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Mirny Angélica Pires. *Concepções de crianças do Ensino Fundamental a respeito de alguns animais do Cerrado: uma questão em Educação Ambiental.* 1999. Monografia - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

⁸⁸ No primeiro curso de especialização em Ecologia e Recursos Naturais orientei a pesquisa da Isabel Cristina de Queiroz. *Oficina para Educação Ambiental.* 1999. Monografia - Universidade Federal de Uberlândia.

minha formação, projetos de pesquisa, de ensino e de extensão, assim como as orientações e publicações desde os dois primeiros trabalhos apresentados quando ainda fazia pesquisa no campo da biologia estudando o comportamento de abelhas *Apis mellifera* até o artigo escrito com a pesquisa do pós-doutorado.

Falar dos desejos que insistem em se fazer presentes em minha carreira docente e terminar com eles esse memorial me faz acreditar nesta profissão que nunca termina, pois é parte da vida. Vida em pulsações, corações que batem ritmando o movimento dos corpos. Corpo sala de aula, corpo pesquisa, corpo artista, corpo extensão... corpo caderno, corpo linhas, corpo afetos. Ainda desejo estudar as metodologias feministas que tem nos saberes situados sua premissa. Um trabalho que vem do feminino que tem outro tempo, outras intuições. Afetos. Valorizá-las no saber docência-pesquisa-extensão-arte.

As leituras para os saberes femininos começaram no pós-doutorado com as filósofas feministas Donna Haraway e Isabelle Stengers e a antropóloga Anna Tsing. Pretendo dar continuidade a leituras destas autoras com orientandos de doutorado. Também no pós-doutorado pude aprofundar nas discussões dos saberes dos povos originários. Conhecer o Ciclo de Estudos Selvagem tem movimentado as aulas de Biologia e Cultura e a perspectiva de contribuir com esse grupo na produção de Cadernos de Criança Selvagem é um desejo que se abriu. Retomar a docência por onde comecei, pela Educação Infantil.

Termino com uma música, já que as manhãs do mês de novembro vieram tão bonitas, cheias de esperança e é, aspirando esse ar, que provoco o fim dos nossos trabalhos nesta manhã, tão bonita manhã...

Manhã, tão bonita manhã

De um dia feliz que chegou

O sol no céu surgiu

E em cada cor brilhou

Voltou o sonho então

Ao coração

Depois deste dia feliz

Não sei se outro dia haverá

É nossa manhã, tão bela afinal

Manhã de carnaval (MEMORIAL)

Canta o meu coração

A alegria voltou, tão feliz

A manhã desse amor

(Luiz Bonfá e Antonio Maria)

AGRADECIMENTOS

Gratidão a toda diversidade que se abriu diante de mim nesses mais de 30 anos de profissão PROFESSORA. Muito orgulho! Gentes diversas são a alegria maior desse mundo.

REFERÊNCIAS

BELINASO, Leandro Guimarães. Desnaturalizando práticas de ensino de Biologia. **Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa**. Martha Marandino; Sandra Selles; Marcia Serra Ferreira; Antônio Carlos Amorim (orgs.). Niterói: EDUFF, 2005, p. 171-181.

BRASIL. Ministério da Educação. PNLD 2017: **Guia de livros didáticos**. Ciências nos anos finais do ensino fundamental / Ministério da Educação - Secretária de Educação Básica SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: 2015. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/guias-do-pnld/escolha-pnld-2017>>. ISBN: 978-85-7783-227-9.

CUTLER, Randy Lee. Open and Wide, Figuring Digestion as Research-Creation (Provocation). In LOVELESS, Natalie (orgs). **Knots and Knowings: Methodologies and Ecologies in Research-Creation**. Edmonton, Alberta, Canadá: The University of Alberta Press, 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vagalumes**. Trad. por Vera Casa Nova, Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ESTEVINHO, Lucia de Fatima Dinelli. Quando as coisas ganham vida: ensinando vida pela arte. FERREIRA, M. S. et al. (Orgs) **Vidas que ensinam o ensino da vida**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020.

_____. **Movendo Pensamentos e Criações no Ensino e na Pesquisa em Educação pela Filosofia de Deleuze**. (Projeto de Pós-Doutorado). Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 2021.

_____. Cartas para conversar. **Revista Coletiva**, Dossiê “Educação e diferenças e ...” (Antonio Carlos Rodrigues de Amorim e Alik Wunder, editores temáticos), número 19, 08 de outubro de 2021. <https://www.coletiva.org/educa%C3%A7%C3%A3o-e-diferen%C3%A7as-e-n19-cartas-para-conversar>.

_____. Movendo pensamentos em busca de um currículo vida.. In: **Anais do V Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares e VI (IN)FORMACCE - 2021**. Anais...Salvador(BA) FAGED-UFBA (ONLINE), 2021. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/vcoloquiolusoafrobrasileirodecureculo/396009-MOVENDO-PENSAMENTOS-EM-BUSCA-DE-UM-CURRICULO-VIDA>>. Acesso em: 24/10/2022 21:01

ESTEVINHO, Lucia de Fatima Dinelli; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Movimentando pensamentos e criações no experienciar docências. **Revista Educação Em Questão**, 60(64), 2022. <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2022v60n64ID28977>

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, (5), 7–41, 2009. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>

_____. **O manifesto das espécies companheiras** – cachorros, pessoas e alteridade significativa. Traduzido por Pê Moreira. Rio de Janeiro. Bazar do Tempo, 2021.

HARDMAN, Francisco Foot *Onde fica mesmo o centro? Deslocamento de paradigmas culturais na era dos refugiados*. In BIRMAN, Daniela; HARDMAN, Francisco Foot (Orgs.) **Exodus: deslocamentos na literatura, no cinema e em outras artes**. Belo Horizonte: Relicário, 2020.

HROCH, Petra. Tasting Notes. Gastroenterological Ecologies and Working Knowledges (Response). In LOVELESS, Natalie (orgs). **Knots and Knowings: Methodologies and Ecologies in Research-Creation**. Edmonton, Alberta, Canadá: The University of Alberta Press, 2020.

INGOLD, Tim. **Estar vivo, ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ, 2015.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.

_____. **William James, a construção da experiência**. Tradução de Hortência Santos Lancaster. São Paulo: n-1 Edições, 2017.

_____. **Existências Mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?** – Como se orientar politicamente no Antropoceno. Tradução de Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. 10.^a edição de “Reinações de Narizinho” publicada na 2.^a Série das Obras Completas de Monteiro Lobato, Editora Brasiliense Ltda., 1960.

LOURENÇO, Keyme Gomes; SALES, Tiago Amaral; SILVA, Roberta Paixão Lelis; BORGES, Nicole Cristina; ESTEVINHO, Lucia de Fatima Dinelli. A criação audiovisual em potências de afetos na formação de professores de Ciências e Biologia. **Revista Tecnê, Episteme y Didaxis: TED, número extraordinário**. Acesso: <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/TED/article/view/15385/10170>.

LOVELESS, Natalie (orgs). **Knots and Knowings: Methodologies and Ecologies in Research-Creation**. Edmonton, Alberta, Canadá: The University of Alberta Press, 2020

MACÉ, Marielle. **Siderar, considerar**, migrantes, formas de vida. Trad. por Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

MANNING, Erin. Em direção a uma política da imediação. DIAS, Susana Oliveira; WIEDEMANN, Sebastian; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de (Orgs.) **Conexões: Deleuze e cosmopolítica e ecologias radicais e nova terra e ...**. Coleção Conexões. Campinas, SP: ALB/ClimaCom, 2019.

MORRISON, Toni. **Jazz**. Trad. por José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOVAES, Marcus Pereira. **Ionizações e infâncias em cinecartografias latinoamericanas**. Campinas: Unicamp, Faculdade de Educação, tese de doutoramento, 2021.

OLHAR DE CINEMA – 6º. Festival Internacional de Curitiba. Isabele Orengo (orgs.). Curitiba: Olhar distribuição, 2017.

_____. 11º. Festival Internacional de Curitiba. Antonio Gonçalves Junior (orgs.). Curitiba: Olhar distribuição, 2022.

PARENTE, André; CARVALHO, Victa. Entre o cinema e a arte contemporânea. **Galáxia**, revista do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Semiótica. São Paulo, v. 7, p. 27-40, 2009.

ROLNIK, Suely. Pensamento corpo e devir – uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. In **Cadernos de subjetividade**. São Paulo: PUC, n. 2, 1993.

_____. Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

ROUSSEL, Raymond. **Bertha, a menina-flor**. Trad. por Felipe Augusto Vicari de Carli. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2015.

TRUMAN, Sarah E.; LOVELESS, Natalie; MANNING, Erin; MYERS, Natasha; SPRINGGAY, Stephanie. The Intimacies of Doing Research-Creation. In LOVELESS, Natalie (orgs.) **Knots and Knowings: Methodologies and Ecologies in Research-Creation**. Edmonton, Alberta, Canadá: The University of Alberta Press, 2020.

TSING. Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno**. Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o tempo**. Trad. por Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Livraria Matins Fontes Editora, 1990.

WIEDEMANN, Sebastian Alexi. **Azul profundo: ecologia de modos de experiência cinematográficos como aprendizagens mais do que humanas**. Campinas: Unicamp, Faculdade de Educação, tese de doutoramento, 2021.

WOOLF, Virgínia. **As ondas**. Trad. por Lya Luft. São Paulo: Novo Século Editora, 2011.

ANEXOS

ANEXO 1- PRODUÇÕES GESTADAS NO DECORRER DA VIDA ACADÊMICA.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

2021 - 2022

Pós-Doutorado.

Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil.

Grande área: Ciências Humanas

2000 - 2005

Doutorado em Educação (Conceito CAPES 5).

Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil.

Título: Educação, televisão e natureza: uma análise do Repórter Eco, Ano de obtenção: 2005.

Orientadora: Cristina Bruzzo.

Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

Palavras-chave: Desenvolvimento Sustentável; Educação Ambiental; Imagem; Meios de Comunicação de Massa; Reservas Naturais.

Grande área: Ciências Biológicas

Grande Área: Ciências Humanas / Área: Educação / Subárea: Ensino-Aprendizagem.

Setores de atividade: Educação Superior.

1991 - 1997

Mestrado em Educação (Conceito CAPES 5).

Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil.

Título: A evolução conceitual na prática pedagógica do professor de Ciências das séries iniciais, Ano de Obtenção: 1997.

Orientadora: Rosália Maria Ribeiro de Aragão.

Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

Palavras-chave: Ensino de Ciências; Formação de Professores; Construtivismo.

Grande área: Ciências Humanas

Grande Área: Ciências Humanas / Área: Educação / Subárea: Ensino-Aprendizagem /

Especialidade: Metodologia do Ensino de Ciências.

Setores de atividade: Educação Superior.

1983 - 1986

Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas.

Centro Universitário Barão de Mauá - Jardim Paulista, CBM, Brasil.

PROJETOS DE PESQUISA

2021 - 2022

Movendo pensamentos e criações no ensino e na pesquisa em educação pela filosofia de Deleuze.

Descrição: A Pesquisa envolve o estágio de Pós-doutorado realizado na Faculdade de Educação (FE) na UNICAMP sob a supervisão do Prof. Dr. Antônio Carlos Rodrigues de Amorim. O objetivo da pesquisa se ancora em percorrer os processos criativos pela Filosofia da diferença no experienciar docência-pesquisa. Pensar entre as disciplinas? Biologia e Cultura do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da UFU, e a disciplina Escola e Cultura do curso de Licenciaturas da Faculdade de Educação da UNICAMP. Pensar entre a Filosofia da Diferença e autores que a discutem e que também pensam a vida para além da vida orgânica. Autores como Lapoujade (2017), Tim Ingold (2012; 2015), Zourabichvili (2016) e especialmente Deleuze e Guattari, para pensar em um currículo entre a licenciatura da UNICAMP e a licenciatura em Ciências Biológicas da UFU. Criar espaços entre o pensar e a arte e a vida e a música e o cinema e a formação do/a professor/a..

Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Antônio Carlos R. Amorim - Integrante.

2019 - Atual

Ciência na escola e no museu: as obras de arte contemporânea como base para a argumentação e construção de conhecimentos

Descrição: O objetivo principal dessa proposta é promover o ensino de ciências tendo como base a argumentação e construção de conhecimentos a partir das obras de arte contemporânea que tangenciam a ciência e a biologia. A proposta está delineada em duas fases: desenvolvimento e produção, para um período de 24 meses. Os objetivos da fase de desenvolvimento são: 1) Elaboração de um curso para professores da educação básica, de todas as áreas do conhecimento sobre os questionamentos da ciência por meio da arte; 2) Realização de oficinas, a serem ofertadas pelos professores que realizaram o curso para outros professores e estudantes da educação básica; 3) Promoção de encontros promovidos pelos participantes das oficinas, em áreas urbanas como parques e praças, para ações junto à comunidade. Os objetivos da fase de produção são: A) organização de uma coletânea de inspirações multi-formato (ebook, podcasts, vlogs) a partir do desenvolvimento das oficinas que traga as provocações das interfaces das ciências, biologia, tecnologia e arte contemporânea; B) Estruturação de um protótipo de aplicativo

que possa arquivar as sensações e pensamentos dos usuários a partir de uma imagem de uma obra de arte que possa vir a questionar o campo da ciência.

Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (8) / Mestrado acadêmico: (2) .

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Integrante / Vinicius Abrahão de Oliveira - Integrante / Daniela Franco Carvalho - Coordenador / João Henrique Lodi Agreli - Integrante / Ana Luiza Santos Tizzo - Integrante / Douglas de Paula - Integrante.

Financiador(es): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Auxílio financeiro.

2018 - Atual

Conexões entre biologia, arte e cultura na formação de professores de Ciências e Biologia

Descrição: A pesquisa propõe discutir a formação de professores de Ciências e Biologia pelo viés cultural, utilizando como instrumento da coleta de dados os artefatos culturais. Livros didáticos, currículos dos cursos de formação de professores, assim como entrevistas, grupos focais, intervenções artísticas e culturais serão os instrumentos de coleta de dados.

Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (2) / Mestrado acadêmico: (2) / Doutorado: (1).

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Liciane Mateus da Silva - Integrante / Maisa Peixoto Garcia - Integrante / Nicole Cristina Machado Borges - Integrante / Ana Luiza de Souza Silveira - Integrante / Marcus Alexandre Garcia. - Integrante.

Financiador(es): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Bolsa. Número de produções C, T & A: 3

2018 - Atual

Criações em Arte e Vida

Descrição: A pesquisa parte do movimento criativo na tentativa de produzir e discutir a Vida para além do conceito biológico. Cinema, obras de arte, música, literatura em conexão com estudos da filosofia da diferença trazem forças para entender o mundo contemporâneo e produzir novos significados para este mundo.

Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (1) / Mestrado acadêmico: (2) / Doutorado: (1) .

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Keyme Gomes Lourenço - Integrante / Roberta Paixão Lelis da Silva - Integrante / Yulnak Tito Kadiwel - Integrante / Tiago Amaral Sales - Integrante.

Financiador(es): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Bolsa. Número de produções C, T & A: 1 / Número de orientações: 2

2016 - 2017

Ciência, Cultura e Arte: um estudo a partir dos registros fotográficos de professores da Educação Básica.

Descrição: A presente proposta de pesquisa traz questões refletidas na formação continuada de professores da Educação Básica, bem como no modo como espaços não formais de educação e seus artefatos interferem no exercício da docência. Entender, significar a relação que existe entre esses professores e espaços científicos / culturais abrange questões ecoadas pela importância de uma formação que não seja puramente acadêmica, mas acima de tudo, humana.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (1) / Mestrado acadêmico: (1)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Fernanda Helena Nogueira-Ferreira - Integrante / Mariane Schmidt - Integrante / Daniela Franco Carvalho - Integrante / Maisa Peixoto Garcia - Integrante.

Número de produções C, T & A: 2

2016 - 2019

As Práticas como Componentes Curriculares: acompanhando o currículo de duas universidades públicas mineiras.

Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (1) / Doutorado: (1).

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Liciane Mateus da Silva - Integrante / Keyme Gomes Lourenço - Integrante.

2015 - 2017

As novas mídias e os desafios da educação: o uso do celular em sala de aula

Descrição: Esta pesquisa busca incitar a reflexão sobre o uso do celular em sala de aula, não com o intuito de indicar respostas, mas abrindo possibilidades de novas discussões sobre as dúvidas que ainda surgem quanto à utilização deste recurso multimídia no espaço educativo, visto que este já faz parte da vida cotidiana dos alunos, propiciando novos

conhecimentos acerca dos processos pelos quais os professores que atuam na educação constroem os saberes necessários para tratar as questões que envolvem os questionamentos e os debates no espaço da sala de aula. Pelo suporte teórico de diversos autores, tais como Costa (2009), Silva (2010), Schimidt e Petersen (2015), Moran, Masetto e Behrens (2013), dentre outros, buscamos desenvolver a metodologia deste trabalho através do método cartográfico, onde o caminho para se atingir os objetivos não é pré- estabelecido, visto que sua construção é feita passo a passo no caminho, com a finalidade de descrever, discutir e principalmente coletivizar toda a experiência vivenciada pelo cartógrafo.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Mestrado acadêmico: (1)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Nísia Maria Teresa Salles - Integrante.

Número de produções C, T & A: 1

2015 - 2016

Formação Docente Para O Ensino De Ciências Biológicas

Descrição: Em consonância com a linha de pesquisa em Educação em Ciências e Matemática do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, objetiva-se, com esse projeto, em nível de Doutorado, compreender os caminhos delineados pela Prática Pedagógica Componente Curricular (PPCC), do curso de Licenciatura de Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro - IFTM, Campus Uberaba/MG. Optou-se, como metodologia, pelo método cartográfico, possibilitando uma visão mais plural da realidade, à medida que se delineiam os caminhos sem simplificações, enfatizam-se vivências e experiências que tomam formas imprevisíveis durante o percurso, uma vez que sua construção é realizada passo a passo no caminho, com o intuito de descrever, discutir e coletivizar toda a experiência vivenciada pelo pesquisador/cartógrafo.

Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Doutorado: (1)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Liciane Mateus da Silva - Integrante.

Número de produções C, T & A: 1

2014 - 2015

Conexões de saberes: ciência, cultura e tecnologia na formação de professores

Descrição: A pesquisa tem por objetivo promover e avaliar o desenvolvimento de atividades extracurriculares voltadas a professores e estudantes da rede pública municipal e estadual de Uberlândia (MG), que visem a divulgação científica em diferentes espaços educativos e o contato com as metodologias de produção da Ciência e os pesquisadores da UFU, no intuito de contribuir para o aprimoramento dos processos de ensino e aprendizagem e a ampliação da bagagem científico-cultural dos mesmos.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (2) / Mestrado acadêmico: (3)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Renata Carmo de Oliveira - Integrante / Fernanda Helena Nogueira-Ferreira - Integrante / Daniela Franco Carvalho Jacobucci - Integrante / Mariane Schmidt - Integrante / Karina Fuzaro - Integrante / Dalila de Sousa Ferreira - Integrante / Ludmila Rodrigues - Integrante.

Número de produções C, T & A: 3

2013 - 2015

Educação ambiental escolar e parcerias empresariais

Descrição: O presente projeto tem como objetivo compreender a parceria empresas/escolas no desenvolvimento da Educação Ambiental escolar, tendo como enfoque os projetos empresariais: Reciclou Ganhou, De grão em grão e Municípios Canavieiros, estes atuantes nas escolas públicas do município de Uberlândia. Para levantamento de dados será utilizado Grupo focal, análise documental, e notas de campo. Espera-se contribuir com as escolas ao apresentarmos a análise dos discursos empresariais de Educação Ambiental presente nestes projetos em questão. A fala dos professores neste estudo é extremamente importante uma vez que eles são os principais mediadores do processo ensino-aprendizagem, assim ao utilizarmos a técnica do grupo focal eles poderão problematizar sua participação nos projetos empresariais como também trocar experiências, a fim de aprimorar sua prática docente.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Mestrado acadêmico: (1)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Fernanda Helena Nogueira-Ferreira - Integrante / Dalila de Sousa Ferreira - Integrante / Daniela Franco Carvalho - Integrante.

Número de produções C, T & A: 1

2013 - 2014

A Educação Ambiental na escola ecológica em rede pelo olhar dos alunos

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Mestrado acadêmico: (1)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Elenita Pinheiro de Queiroz Silva - Integrante / Emylia Angélica da Costa - Integrante.

Número de produções C, T & A: 1

2012 - 2014

Conhecimento biológico, cultura e sexualidade: análise das propostas metodológicas em livros didáticos brasileiros e portugueses de biologia

Descrição: Esta pesquisa, com financiamento do CNPQ, tem como objetivo investigar a articulação entre conhecimento biológico, culturas e sexualidade, no ensino de Biologia, presente nas propostas metodológicas das obras didáticas nacionais aprovadas pelo PNLD/2012, e, em obras didáticas portuguesas. Estabeleceremos um paralelo entre as obras brasileiras e portuguesas acerca das orientações metodológicas existentes sobre o trabalho com os aspectos culturais e com as questões de sexualidade e a partir das análises desenvolvidas produziremos um material de divulgação e orientação (digital e impresso) a serem divulgados entre professores do ensino médio que atuem em escolas públicas em Uberlândia-MG. Metodologicamente, a pesquisa estará inserida no campo da análise documental, na medida em que nos debruçaremos sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para educação Básica e Ensino Médio; sobre o Edital de Convocação para inscrição no Processo Seletivo de Avaliação e Seleção de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro didático PNLD 2012- Ensino Médio, e sobre todos os Manuais do Professor das obras didáticas aprovadas neste edital, e, ainda sobre obras didáticas portuguesas. A análise destes documentos será desenvolvida a partir da compreensão de que a escola e o trabalho do professor são gestados por políticas públicas e sociais que prescrevem, normatizam e regulamentam saberes e fazeres escolares. A nossa apropriação de obras didáticas portuguesas, se justifica pela nossa participação no Programa de Licenciaturas Internacionais/CAPES, com acompanhamento de estudantes do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia em universidades portuguesas...

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (1) / Mestrado acadêmico: (2)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Integrante / Ana Maria de Oliveira Cunha - Integrante / Elenita Pinheiro de Queiroz Silva - Coordenador.

2010 - 2011

O potencial de uma proposta de educação ambiental articulando a cultura popular sobre plantas e a cultura midiática

Descrição: A pesquisa parte de uma reflexão sobre educação ambiental a partir do conhecimento popular sobre plantas em distritos rurais do município de Uberlândia, MG. Partimos da ideia de uma crise cultural que dificulta a transmissão do conhecimento sobre as plantas. Os mais jovens demonstram desinteresse no aprendizado do conhecimento transmitido pela tradição oral; esta situação demanda a discussão de outras maneiras para a conservação desse conhecimento, sendo necessária a atuação não apenas da instituição escolar como também de outros espaços típicos dessas localidades. Nosso propósito é incentivar os moradores (conhecedores de plantas e lideranças comunitárias), estudantes e professores das escolas dos distritos de Cruzeiro dos Peixotos, Tapuirama e Martinésia a preservar o conhecimento da flora nativa da cultura local utilizando a mídia. Avaliar o potencial desta proposta para a educação ambiental é meta dessa pesquisa.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (3) / Mestrado acadêmico: (1)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Renata Carmo de Oliveira - Integrante / Elenita Pinheiro de Queiroz Silva - Integrante / Gustavo Lopes Ferreira - Integrante / Aline Bertoldo Miranda - Integrante / Inez Repton Dias - Integrante / Thais Lacerda Neves - Integrante.

Financiador(es): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Bolsa.

Número de produções C, T & A: 1

2009 - 2011

A mídia como elemento articulador entre o conhecimento popular sobre plantas e a educação ambiental de jovens e crianças

Descrição: A pesquisa apresenta como meta resgatar o conhecimento popular sobre plantas através da produção coletiva de um produto audiovisual. Serão desenvolvidas coletivamente oficinas de produção audiovisual nos distritos de Cruzeiro dos Peixotos e Tapuirama com a intenção de verificar se a educação ambiental e a mídia são propostas que possibilitam resgatar esse conhecimento.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (2) / Mestrado acadêmico: (1)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Ana Maria de Oliveira Cunha - Integrante / Renata Carmo de Oliveira - Integrante / Gustavo Lopes Ferreira - Integrante / Aline Bertoldo Miranda - Integrante / Inez Repton Dias - Integrante.

Financiador(es): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Bolsa.

Número de produções C, T & A: 7

2008 - 2009

Discussão dos temas da Biologia na mídia: a escola e a pedagogia cultural

Descrição: Este trabalho visa atingir a compreensão do conhecimento biológico veiculado nas produções culturais e, com isso, vivenciar uma educação para a mídia junto aos professores em formação inicial e continuada e estudantes do ensino médio.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (2)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Sara de Almeida e Castro - Integrante / Jovana Morais Costa - Integrante / Daniele Nobre de Lima - Integrante.

Financiador(es): Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - Bolsa.

Número de produções C, T & A: 14

2007 - 2009

O Potencial de uma Proposta Coletiva para o Ensino de Biologia, na Transformação

Descrição: A maioria dos programas de formação continuada de professores está baseada em cursos pré-moldados, onde os professores são considerados apenas ouvintes e pouco podem aproveitar para discutir de forma aprofundada os reais motivos que interferem na qualidade do ensino-aprendizagem. Este projeto pretende constituir um grupo de discussão pedagógica onde os professores envolvidos possam se colocar como colegas de trabalho de pesquisadores e graduandos. Nossa proposta pretende investigar de que forma a elaboração de uma proposta coletiva de ensino de Biologia, construída a partir da colaboração de professores de Ciências, pesquisadores/professores e alunos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia contribui para a transformação da prática docente de Ciências no Ensino Fundamental. Esta pesquisa se insere na linha da pesquisa qualitativa, modalidade da pesquisa -ação. O projeto será organizado em seis momentos: diagnóstico e opção metodológica para o ensino, definição de grupos temáticos, aplicação e avaliação das atividades e divulgação dos resultados.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (2)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Integrante / Ana Maria de Oliveira Cunha - Coordenador / Oswaldo Marçal Júnior - Integrante / Giuliano Buzá Jacobucci - Integrante / Renata Carmo de Oliveira - Integrante.

Financiador(es): Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - Auxílio financeiro.

2006 - 2008

Levantamento dos usos de plantas do bioma Cerrado no município de Uberlândia, MG

Descrição: Levantamento do conhecimento etnobotânico junto à população dos distritos rurais pertencentes ao município de Uberlândia. Este será realizado mediante entrevistas junto à população destas comunidades, bem como a coleta de exemplares utilizados nas práticas cotidianas. Pretende-se com esta pesquisa verificar o uso, o manejo e a conservação do bioma Cerrado, bem como valorizar o conhecimento popular por meio de atividades de Educação Ambiental.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (8) / Mestrado acadêmico: (1)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Integrante / Ana Angélica Almeida Barbosa - Coordenador / Hudson Aramando Canabrava - Integrante / Adriana de Assis Damasceno - Integrante / Elisabeth Chirieleison - Integrante.

Financiador(es): Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - Bolsa / Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - Auxílio financeiro.

Número de produções C, T & A: 5

2006 - 2008

Educação Ambiental a partir do resgate dos quintais e seu valor etnobotânico em distritos rurais do município de Uberlândia, MG

Descrição: O projeto tem como objetivo realizar uma caracterização dos quintais de alguns grupos familiares residentes nos distritos rurais do município de Uberlândia do ponto de vista etnobotânico, visando gerar informações capazes de dar visibilidade à atividades de educação ambiental. Ao conhecer como as pessoas se relacionam com as plantas no seu cotidiano entendemos ser possível resgatar e valorizar o conhecimento dessa população, as práticas de manejo por elas utilizadas e assim contribuir para uma educação ambiental voltada para a troca de conhecimentos e para a conservação do Cerrado.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (8) / Mestrado acadêmico: (1) .

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Ana Angélica Almeida Barbosa - Integrante / Adriana Assis Arantes - Integrante / Oswaldo Marçal Júnior - Integrante / Elisabeth Chirieleison - Integrante / Juliana Foresti Milani - Integrante.

Financiador(es): Pro-Reitoria de Pesquisa e pós-Graduação - Bolsa.

Número de produções C, T & A: 18

PROJETOS DE EXTENSÃO

2020 - 2020

1ª Mostra [em] curtas

Descrição: Atualmente, com a crescente utilização de veículos digitais para acesso à lives, cursos, vídeos, filmes, fotografias etc., a utilização desse recurso também se vê necessária para a promoção de atividades científicas, inclusive de cunho artístico e cultural. Nesse contexto de isolamento social, vide a doença COVID-19, a sociedade demonstrou depender ainda mais dessas tecnologias, consumindo mais produtos da rede. Conexões atravessam essa rede em direção ao telespectador, trazendo sentidos e sensações que causam afetos e dialogam com nossa realidade. Compreender conexões entre mídias digitais e sujeitos sociais, nos direciona à investigação de como estes artefatos ultrapassam as multitelas da contemporaneidade e se assentam em construções individuais e coletivas na sociedade. Portanto, esta proposta tem o objetivo de construir disparadores por meio de recursos midiáticos on-line, para auxiliar nossa compreensão sobre linhas e relações entre ciência, arte e cultura que formam nossos territórios. Assim, o seguinte projeto Mostra (em)curta, resume-se em um festival de cinema, constituído por mídias na modalidade de curta-metragens, que discutam cinema e reflexões sobre filosofia, sociedade, contemporaneidade, ciência, meio ambiente, tecnologias, arte e cultura em uma perspectiva multidisciplinar. Por meio desta atividade artística, cultural e científica, podemos compreender fenômenos e processos intrínsecos a experimentação de produções virtuais pelos participantes, uma vez que, as obras transmitidas pelos curta-metragens serão discutidas entre convidados, permitindo comunicações e discussões sobre ciência, arte e cultura.

Situação: Concluído; Natureza: Extensão.

Alunos envolvidos: Graduação: (9) / Especialização: (1) / Mestrado acadêmico: (5) / Doutorado: (1)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Keyme Gomes Lourenço - Integrante / Roberta Paixão Lelis da Silva - Integrante / Yulnak Tito Kadiwel - Integrante / Ezequias Cardozo da Cunha Júnior - Integrante / Tiago Amaral Sales - Integrante / Augusto Helberty Silva - Integrante / Thais Barros Pimenta - Integrante / Daniel Matos de Moura - Integrante / Gabrielly Raphaella Rodrigues Cabral - Integrante / Jaqueline Cristiane dos Reis Fretas - Integrante / Krishina Amanda Grandi - Integrante / Matheus Ribeiro Camargo - Integrante / Raimundo Kleberson de Oliveira Benício - Integrante / Renata Suellen Dorea da Cruz Silva - Integrante / Wanessa da Costa - Integrante.

2019 - 2020

Luz, Câmera... Educação! As possibilidades do Cinema na Escola.

Descrição: Criar situações que demandem um grupo de estudo em cinema e educação com um grupo de professoras da Educação infantil, uma vez que este nível de ensino possui na rede municipal de Uberlândia um horário destinado ao uso do cinema na sala de aula.

Situação: Concluído; Natureza: Extensão.

Alunos envolvidos: Doutorado: (1)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Ludmila Rodrigues Rosa - Integrante.

2013 - 2014

Aplicação de princípios ecológicos, de educação ambiental e extensão rural na comunidade do assentamento Valci dos Santos (fazenda Sete Irmãos), Uberlândia (MG)

Descrição: A revolução verde influenciou no modelo de ocupação rural no bioma Cerrado. A agricultura convencional contribuiu com a disseminação em larga escala de problemas ambientais, como o desmatamento, erosão do solo, desertificação, poluição por agrotóxicos e perda de biodiversidade. Em contrapartida, a Agroecologia, ciência em construção, valoriza as questões ecológicas de cada ecossistema e fornece os princípios ecológicos básicos para o estudo e tratamento de ecossistemas produtivos quanto dos recursos naturais. Dessa maneira, este projeto propõe a aplicação de princípios ecológicos e de educação ambiental na comunidade rural do assentamento Valci dos Santos (fazenda Sete Irmãos) e adjacências, no município de Uberlândia (MG). Através da criação de um viveiro coletivo de espécies vegetais do Cerrado com potencial de uso, pretende-se contribuir com o conhecimento ecológico dos agricultores sobre a identificação e manejo dessas espécies, desenvolver métodos de produção de mudas, e ainda, a partir de espaços de discussões teóricos e práticos, favorecer a transição agroecológica, a produção de alimentos saudáveis e ecologicamente viáveis. Os conhecimentos gerados serão reproduzidos em uma cartilha informativa para a população de Uberlândia e região, e assim, permitir a comunicação entre Universidade e comunidade.

Situação: Concluído; Natureza: Extensão.

Alunos envolvidos: Graduação: (3) / Mestrado acadêmico: (2)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Fernanda Vieira Souto - Integrante / Ana Marcela Manzatto Kita - Integrante / Eduardo Nascimento Manfrim - Integrante / Henrique Lomônaco Pedroso - Integrante / Luiza Azevedo Ribeiro - Integrante.

Financiador(es): Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis - UFU - Auxílio financeiro.

2013 - 2017

Mais ciência, cultura e integração: uma parceria universidade, escolas públicas e museus / novos talentos

Descrição: Promover o desenvolvimento de atividades extracurriculares voltadas a professores e estudantes da rede pública municipal e estadual de Uberlândia (MG), que visem a divulgação científica em diferentes espaços educativos e o contato com as metodologias de produção da Ciência e os pesquisadores da UFU, no intuito de contribuir para o aprimoramento dos processos de ensino e aprendizagem e a ampliação da bagagem científico-cultural dos mesmos. Objetivos Específicos: 1) Possibilitar o acesso de professores e estudantes da educação básica aos laboratórios de ensino e pesquisa da

UFU, para que possam ter contato direto com o lócus de produção da Ciência e as metodologias utilizadas na construção e desenvolvimento de projetos de pesquisa; 2) Promover encontros e debates que explicitem a relação existente entre o conhecimento científico produzido nos laboratórios e na escola; 3) Estimular a busca por relações possíveis entre o conhecimento científico produzido na Academia e elementos da vida cotidiana, retratados em espaços não formais de educação; 4) Possibilitar o reconhecimento do MBC como um espaço que permite a conexão entre os saberes científicos e escolares, através da transposição didática; 5) Incentivar a elaboração de recursos didáticos e tecnológicos que venham a integrar o acervo expositivo do MBC, por meio da participação coletiva de professores da educação básica, Licenciandos, pós-graduandos e docentes da UFU; 6) Propiciar reflexões sobre a acessibilidade na escola e nos espaços não formais de educação, considerando que a apropriação de diferentes discursos científicos é fundamental para a construção da cidadania, no intuito de desenvolver propostas inovadoras de inclusão; 7) Promover ações que estimulem a troca de experiências entre os jovens universitários e os estudantes da educação básica favorecendo a integração social, vivencia universitária no campo das Ciências Naturais e a atividade do pesquisador em formação..

Situação: Em andamento; Natureza: Extensão.

Alunos envolvidos: Graduação: (3) / Mestrado acadêmico: (1)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Integrante / Renata Carmo de Oliveira - Integrante / Fernanda Helena Nogueira-Ferreira - Coordenador / Daniela Franco Carvalho Jacobucci - Integrante / Mariane Schmidt - Integrante / Dalila de Sousa Ferreira - Integrante / Thiago Augusto Arlindo Tomaz da Silva Crepaldi - Integrante / Vinicius Abrahão de Oliveira - Integrante.

Financiador(es): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Auxílio financeiro.

Número de produções C, T & A: 3

2010 - 2010

A mídia como elemento articulador do conhecimento popular sobre plantas e a educação ambiental de jovens e crianças

Descrição: A proposta de extensão está articulada à reflexões realizadas a partir de um projeto de pesquisa que realizou um levantamento etnobotânico nos distritos rurais de Uberlândia, MG. Foi verificado que os mais jovens apresentam desinteresse pela acultura local e conseqüentemente não apresentam interesse em adquirir o conhecimento popular sobre plantas que é passada de geração em geração. A proposta de extensão está fundada no uso da mídia para tentar reavivar o conhecimento sobre plantas nos distritos de Tapuiram e Cruzeiro dos Peixotos. Serão trabalhadas oficinas de produção audiovisual que culminaram na produção de um filme documentário de curta metragem.

Situação: Concluído; Natureza: Extensão.

Alunos envolvidos: Graduação: (2) / Mestrado acadêmico: (1)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Ana Maria de Oliveira Cunha - Integrante / Renata Carmo de Oliveira - Integrante / Gustavo Lopes Ferreira - Integrante / Aline Bertoldo Miranda - Integrante / Inez Repton Dias - Integrante.

Financiador(es): Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis - UFU - Auxílio financeiro / Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis - UFU - Bolsa.

Número de produções C, T & A: 1

2006 - 2007

Jardim de Plantas Medicinais e Aromáticas: a educação ambiental valorizando o conhecimento popular

Descrição: Implementar um jardim de plantas medicinais e aromáticas na praça São João Batista localizada no distrito de Martinésia, MG. Esse jardim será desenvolvido junto aos professores, alunos e funcionários da Escola Municipal Antonino Martins Silva e durante sua implantação serão desenvolvidas atividades de Educação Ambiental.

Situação: Concluído; Natureza: Extensão.

Alunos envolvidos: Graduação: (10)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Ana Angelica Almeida Barbosa - Integrante / Adriana Assis Arantes - Integrante / Elisabeth Chirieleison - Integrante / Aliny Gaudard Oliveira - Integrante / Camila Bonizário de Andrade - Integrante / Fernanda Brich dos Santos - Integrante / Ivanéia Alves Pereira Sobrinho - Integrante / Mellina Brito da Silveira - Integrante / Taíce Gonçalves de Oliveira - Integrante.

Financiador(es): Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis - UFU - Auxílio financeiro.

OUTROS PROJETOS

2018 - Atual

Grupo de pesquisa UIVO - matilha de Estudos em criação, arte e vida

Descrição: O grupo tem desenvolvido estudos e pesquisas nos campos da arte, biologia e educação. Dentre suas produções de 2018 está o projeto de extensão UIVO, voltado a estudos, exibição de filmes e ações artísticas embasadas por conceitos deleuzianos, que culminou em uma apresentação no Festival EntreArtes (IARTE/UFU).

Situação: Em andamento; Natureza: Outra.

Alunos envolvidos: Graduação: (2) / Mestrado acadêmico: (3) / Doutorado: (1) .

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Integrante / Daniela Franco Carvalho - Integrante / Tamiris Vaz - Coordenador / Nicole Cristina Machado Borges - Integrante / Keyme Gomes Lourenço - Integrante / Roberta Paixão Lelis da Silva - Integrante / Tiago Amaral Sales - Integrante / Sandro Prado Santos - Integrante / Franciele Regina Garlet - Integrante / Luísa Malta Lima Fernandes Danta - Integrante / Yulnak Tido Kadiwel - Integrante / Ana Carolina Gomes Araújo - Integrante.

Número de produções C, T & A: 6 / Número de orientações: 2

2017 - 2018

(Re)discutindo, (re)diversificando, (re)ampliando, (re)possibilitando: elaboração de material didático para a educação de jovens e adultos

Descrição: Acompanhar as matérias da licenciatura que realizam produções audiovisuais-musicais (Educação e sociedade, Biologia e Cultura, Ciências e Mídias, estágios 1,2 e 3) para reunir esses materiais produzidos e criar um banco virtual acessível a todos alunos da biologia, para consultas, pesquisas, acesso, utilização e etc.

Situação: Em andamento; Natureza: Outra.

Alunos envolvidos: Graduação: (1)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Eduardo Gomes Lourenço - Integrante.

Número de produções C, T & A: 1

2014 - 2018

Programa Institucional de Bolsa de Iniciação À Docência - PIBID/UFU/ Subprojeto Biologia

Descrição: O Programa tem por objetivo contribuir com a formação inicial de professores/as da disciplina Ciências e Biologia da Educação Básica. São 16 bolsistas do Curso de graduação em Ciências Biológicas e duas professoras de Ciências de duas escolas públicas. Os trabalhos desenvolvidos nas escolas são planejados em grupo sob a supervisão das professoras de Ciências e da professora universitária coordenadora do subprojeto. Ações a partir de metodologias inovadoras são executadas pelos bolsistas e avaliadas constantemente, gerando reflexões que contribuem para o desenvolvimento profissional dos professores em formação inicial e continuada.

Situação: Concluído; Natureza: Outra.

Alunos envolvidos: Graduação: (16).

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Fernanda Helena Nogueira-Ferreira - Integrante.

2012 - 2013

Programa Institucional de Bolsa de Iniciação À Docência - PIBID/UFU/ Subprojeto Ciências da Natureza

Descrição: O Subprojeto Ciências da Natureza atende a uma demanda do Curso de Ciências Biológicas referente à melhoria do ensino de Ciências, disciplina que compõem a grade curricular da Educação Básica do 6º ao 9º ano. Esta melhoria refere-se não apenas ao ensino e aprendizagem dos conteúdos/saberes previstos para esta disciplina, mas também em atender um assunto já diagnosticado por professores e alunos do referido Curso, quais sejam: propostas de trabalhos que envolvam questões contemporâneas da educação e que fazem parte dos Temas Transversais apontados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Os temas transversais envolvem várias áreas e os PCN recomendam que devam ser tratados por todas as áreas do conhecimento sendo abordado de forma transversal no currículo. Os PCN também assumem que alguns temas apresentam maior afinidade com determinadas áreas, citamos como exemplo o tema Meio Ambiente, que se vincula especialmente à disciplina de Ciências. Diante do exposto a presente proposta, em consonância com o Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, prevê uma articulação entre a universidade e a escola, inserindo os estudantes do Curso de Ciências Biológicas neste espaço educativo, além de mostrar outros espaços educativos que se articulam ao ensino de Ciências como Museus, Centros de Ciências, Parques, Zoológicos, Jardins.

Situação: Concluído; Natureza: Outra.

Alunos envolvidos: Graduação: (16).

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador.

2010 - 2012

O Programa de Licenciaturas Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia: na busca de vivências e saberes da profissionalização docente

Descrição: Este programa envolve estudantes dos cursos de Biologia, Química, Física e Letras da Universidade Federal de Uberlândia em mobilidade acadêmica com a Universidade de Coimbra com a intenção de promover a dupla diplomação.

Situação: Em andamento; Natureza: Outra.

Alunos envolvidos: Graduação: (7)

Integrantes: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - Coordenador / Camila Lima Coimbra - Integrante / Hélder Eterno da Silveira - Integrante.

Financiador(es): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Auxílio financeiro.

ARTIGOS COMPLETOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS

1. VAZ, T.; ESTEVINHO, L. de F. D. Potência do uivo para existências nômades em matilha. *Revista Apotheke, Florianópolis*, v. 8, n. 2, p. 055-068, 2022.

2. ESTEVINHO, L. de F. D.; AMORIM, A. C. R. Movimentando pensamento e criações no experimentar docências. *Revista educação em questão (online)*, v. 60, p. 1-23, 2022.

3. SALES, TIAGO AMARAL; ESTEVINHO, LÚCIA DE FÁTIMA DINELLI. Carta para além dos muros biológicos. *Revista de Ensino de Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio)*, v. 14, p. 290-311, 2021.

4. SILVA, LICIANE MATEUS DA; ESTEVINHO, LÚCIA DE FÁTIMA DINELLI. (Re) Contextos da Prática como Componente Curricular: formação inicial de professores de Ciências e Biologia. *Ciência & educação (online)*, v. 27, p. 1-19, 2021.

5. SALES, T. A.; ESTEVINHO, LÚCIA DE FÁTIMA DINELLI. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga. *Revista m. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer (online)*, v. 6, p. 275-293, 2021.

6. SALES, T. A.; BORGES, N. C. M.; LOURENCO, K. G.; ESTEVINHO, L F D. Corpos-máscaras e a pandemia de covid-19: diálogos com obras de Johanna Goodman. *Linha Mestra*, v. 4, p. 123-133, 2021.

7. LOURENCO, K. G.; SALES, T. A.; BORGES, N. C. M.; ESTEVINHO, L F D. Cinecartografias entre corpos e sessões e o que pode um corpo em sessão? *Linha Mestra*, v. 4, p. 77-88, 2021.

8. LOURENCO, K. G.; SALES, T. A.; SILVA, R. P. L.; BORGES, N. C. M.; ESTEVINHO, L F D. A criação audiovisual em potências de afetos na formação de professores de ciências e biologia. *Tecné, episteme y didaxis: ted (revista de la facultad de ciencia y tecnología)*, v. especial, p. 1542-1551, 2021.

9. ESTEVINHO, L F D. Cartas para conversar. *REVISTA COLETIVA FUNDAJ*, v. 19, p. 1-10, 2021.

10. SALES, T. A.; ALVES, M. C.; LOURENCO, K. G.; SILVA, R. P. L.; BORGES, N. C. M. ; ESTEVINHO, L F D; CARVALHO, D. F. . Narrativas de um mundo em ruínas: conexões entre ciências, artes, filosofias e educação. *Ouvirouver (uberlândia. Impresso)*, v. 17, p. 232-256, 2021.

11. BORGES, N. C. M. ; ESTEVINHO, L F D . Fotografias-bordadas: construindo paisagens para (re)existir. *Climacom cultura científica - pesquisa, jornalismo e arte*, v. 8, p. 01-24, 2021.
12. SALES, T. A. ; LOURENCO, K. G. ; ESTEVINHO, L F D . Escavando o rizoma: devires a partir de uma filosofia-vegetal. *Alegrear (campinas)*, v. 25, p. 271-282-282, 2020.
13. VAZ, T. ; ESTEVINHO, LÚCIA . Potencia del aullido para existencias singulares en manada. *La Deleuziana - Revista online de filosofía*, v. 1, p. 12-22, 2020.
14. SALES, T. A. ; VAZ, T. ; GARLET, F. R. ; ESTEVINHO, LÚCIA ; LOURENCO, K. G. ; BORGES, N. C. M. . Tricotando janelas: encontros e desencontros a espreita de um pesquisar. *Alegrear (campinas)*, v. 26, p. 375-392, 2020.
15. VAZ, T. ; GARLET, F. R. ; ESTEVINHO, LÚCIA ; SALES, T. A. ; BORGES, N. C. M. . Uivo caminhante para dias de nuvens. *Linha Mestra*, v. 41-A, p. 74, 2020.
16. BELINASO, LEANDRO ; ESTEVINHO, LÚCIA ; BRASIL RAMOS, MARIANA . Environmental education in television narratives: a Brazilian case study. *Environmental education research (online)*, v. 28, p. 1-11, 2019.
17. CARVALHO, D. F. ; GUIDO, Lucia Estevinho . Corações para além do Biológico em processos de questionamentos do mundo. *Revista observatório*, v. 4, p. 115-130-130, 2018.
18. ESTEVINHO, L F D; CARVALHO, D. F. . As setas nos livros didáticos de ciências e biologia: objetos híbridos?. *Ensaio Pedagógicos*, v. 2, p. 28-36, 2018.
19. CARVALHO, D. F. ; GUIDO, Lucia Estevinho . Biologias atravessadas por sensibilidades e inquietações da contemporaneidade. *Educação em Foco (Juiz de Fora)*, v. 21, p. 125-139, 2016.
20. SCHMIDT, M. ; GUIDO, L. E; OLIVEIRA, V. A. . Leituras sobre a produção do conhecimento científico nos laboratórios: graduandos(as) em Biologia se propõem a sérios devaneios. *Linha Mestra (Associação de Leitura do Brasil)*, v. 30, p. 1367-1373, 2016.
21. DE FÁTIMA ESTEVINHO GUIDO, LÚCIA; DA COSTA, EMYLIA ANGÉLICA . A utilização do grupo focal em pesquisas de educação ambiental como estratégia metodológica qualitativa: uma análise do projeto escola ecológica em rede (Uberaba/MG).. *Ensino em Revista*, v. 23, p. 460-477, 2016.
22. GARCIA, M. P. ; GUIDO, Lucia Estevinho . Ciência, cultura e arte: o que dizem os professores da educação básica sobre suas visitas a espaços a espaços não formais de educação. *Revista de Ensino de Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio)*, v. 9, p. 4954-4965, 2016.

23. OLIVEIRA, V. A. de ; SCHMIDT, M. ; GUIDO, L. E; CARVALHO, D. F. . O Estúdio MMUCCE como espaço de encontro e encantamento. Revista de Ensino de Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), v. 9, p. 6246-6254, 2016.
24. BIANCHI, R. A. ; BENAVALLI, L. ; BARCELOS, L. S. ; GUIDO, Lucia Estevinho . Diversidade no âmbito escolar: diferentes perspectivas na formação docente. Revista de Ensino de Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), v. 9, p. 5957-5967, 2016.
25. MEDEIROS, M. C. A. ; GUIDO, Lucia Estevinho . A educação ambiental divulgada no site do Greenpeace: elementos para uma análise. Revista de Ensino de Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), v. 9, p. 5346-5355, 2016.
26. SCHMIDT, MARIANE ; GUIDO, Lucia Estevinho . Narrativa de viagens: espaços não formais de educação (des)encantando a formação inicial de uma professora de biologia. Alexandria (UFSC), v. 8, p. 21, 2015.
27. GUIDO, Lucia Estevinho; SCHMIDT, M. ; OLIVEIRA, V. A. de ; CARVALHO, D. F. . Alices. Educação & Imagem (UERJ), v. 4, p. 1-3, 2015.
28. DIAS, I. R. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Narrativas fotográficas sobre ambiente e cultura. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. especial, p. 15-30, 2014.
29. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. O que vejo e o que desejo ver nas fotografias de Sebastião Salgado. Linha Mestra (Associação de Leitura do Brasil), v. 24, p. 96-107, 2014.
30. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CREPALDI, T. A. A. T. S. ; SCHMIDT, M. . Espaços culturais na formação inicial de professores de Biologia: entrelaçando imagens e memórias. Revista de Ensino de Biologia, v. 07, p. 7200-7213, 2014.
31. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; DIAS, I. R. ; FERREIRA, G. L. ; MIRANDA, A. B. . Educação Ambiental e Cultura: articulando mídia e conhecimento popular sobre plantas. Trabalho, Educação e Saúde (Online), v. 11, p. 129-144-144, 2013.
32. PINHO JUNIOR, G. V. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO ; NASCIMENTO, A. R. T. . Relações de valor de uso e parâmetros fitossociológico em duas fitofisionomias de Cerrado do município de Uberlândia, MG. Bioscience Journal (Online), v. 29, p. 1338-1348-1348, 2013.
33. BRUZZO, C. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . A Ecologia na televisão: o que se espera da TV pública?. ETD. Educação Temática Digital, v. 14, p. 141, 2012.
34. BRAZ, C. S. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Luz, Câmera, Ação: as representações de Ciência, Cultura e Identidade no filme UP: Altas aventuras. Revista da SBEnBIO, v. 5, p. 01-12, 2012.

35. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; LIMA, J. G. S. ; CARVALHO, L. M. C. de . Pesquisa em Educação Ambiental no contexto escolar: considerações a partir do GDP. Pesquisa em Educação Ambiental (Online), v. 7, p. 105-118, 2012.
36. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BRUZZO, C. . Apontamentos sobre o cinema ambiental: a invenção de um gênero e a educação ambiental. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 27, p. 57-68, 2011.
37. MILANI, J. F. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO ; BARBOSA, A. A. A. . Educação Ambiental a partir do resgate dos quintais e seu valor etnobotânico no distrito Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Horizonte Científico (Uberlândia), v. 5, p. 01-32, 2011.
38. CASTRO, S. A. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . A influência da TV na construção do conhecimento e no cotidiano de alunos (as) do ensino médio de uma escola publica de Uberlândia, MG. Horizonte Científico (Uberlândia), v. 5, p. 01-26, 2011.
39. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; FERREIRA, G. L. ; DIAS, I. R. ; MIRANDA, A. B. ; LEMOS, J. C. . Histórias do Cerrado: um encontro entre a educação ambiental e a cultura popular. Captar - ciência e ambiente para todos, v. 3, p. 01-15, 2011.
40. LOPES, I. S. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO ; CUNHA, A. M. O. ; JACOBUCCI, D. F. C. . Oficina de Plantas Mediciniais e do Cerrado como Intercâmbio entre a Pesquisa Acadêmica e a Prática Docente no Espaço Escolar.. Ensino, Saúde e Ambiente, v. 4, p. 34-48, 2011.
41. LOPES, I. S. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO ; CUNHA, A. M. O. ; JACOBUCCI, D. F. C. . Estudos Coletivos de Educação Ambiental como Instrumento Reflexivo na Formação Continuada de Professores de Ciências em Espaços Educativos Formais e Não-formais.. REEC. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, v. 10, p. 516-530, 2011.
42. SANTOS, F. B. ; OLIVEIRA, T. G. ; PEREIRA SOBRINHO, I. A. ; OLIVEIRA, A. G. ; ANDRADE, C. B. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Construção de um jardim de plantas medicinais e aromáticas: a educação ambiental valorizando o saber popular. Educação Ambiental em Ação, v. VIII, p. 31, 2010.
43. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; TAVARES-JUNIOR, M. . Pesquisa sobre educação ambiental no contexto escolar: a imersão nos ambientes educativos. Pesquisa em Educação Ambiental (UFSCar), v. 4, p. 175-189, 2010.
44. SAIKI, Patrícia Thieme Onofri ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO ; CUNHA, A. M. O. . Etnoecologia, Enotaxonomia e valoração cultural de Psittacidae em distritos rurais do Triângulo Mineiro, Brasil. Ararajuba (Rio de Janeiro), v. 17, p. 41-52, 2009.
45. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BRUZZO, C. . O uso de imagens nas aulas de Ciências Naturais. Em Extensão (Uberlândia), v. 7, p. 43-54, 2008.

46. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BRUZZO, C. . O desenvolvimento sustentável nas imagens do Repórter Eco: o projeto Barú como modelo. Pesquisa em Educação Ambiental (UFSCar), v. 2, p. 153-172, 2007.

47. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Ações e desafios na formação do professor reflexivo. Ensino em Revista, Uberlândia, v. 9, n.1, p. 25-40, 2002.

LIVROS PUBLICADOS/ORGANIZADOS OU EDIÇÃO

1. GUIMARÃES, L. B. (Org.) ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO (Org.) ; SCARELI, G. (Org.) . Cinema, Educação e Ambiente. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2013. v. 1. 179p .

2. ANDRADE, S.M.R. de ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Da Asa da Borboleta ao Nariz da Baleia - e-book, 2009 p.78. 2009.

CAPÍTULOS DE LIVROS PUBLICADOS

1. ESTEVINHO, L F D; CARVALHO, D. F. . Sorrisos como gesto em encontros acadêmicos. In: Gustavo Lopes Ferreira; Sandro Prado Santos; Guilherme Trópia; Ana Paula Vigário; Claudia Avellar Freitas. (Org.). Trajetórias em festa nos 15 anos da Regional IV da SBEnBio. 1a.ed.Uberlândia: Editora Culturatrix, 2022, v. , p. 93-111.

2. ESTEVINHO, L F D. Com que roupa eu vou?. In: Keyme Gomes Lourenço; Ezequias Cardozo da Cunha Júnior. (Org.). Variações em Apropria. 1a.ed.Uberlândia: , 2021, v. , p. 43-45.

3. ESTEVINHO, L F D. Coisas companheiras. In: Annelise Estrella; Claudio Melo Filho, Flora Villas Carvalho; Isabela Domingues Oliveira e Susana Dias. (Org.). Coisas Terranas. 1a.ed.Campinas, SP: BBCCL/UNICAMP, 2021, v. , p. 122-123.

4. ESTEVINHO, L F D. Quando 'as coisas' ganham vida: ensinando biologia pela arte.. In: Marcia Serra Ferreira; Silvia Nogueira Chaves; Antônio Carolos Rodrigues Amorim; Maria Luiza de Araujo Gastal; Sandra Nazaré Dias Bastos. (Org.). Vidas que ensinam o ensino da vida. 1ed.São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020, v. 1, p. 149-162.

5. LOURENCO, K. G. ; ESTEVINHO, LÚCIA ; CUNHA JUNIOR, E. C. . O cinema de Kiarostami em devir biologia. In: Wender Faleiro; Alessandra Aparecida Viveiro; Maria Paulina de Assis. (Org.). Inovação & Letramento científico: caminhos e descobertas no ensino de ciências da natureza. 1ed.Goiânia: Kelps, 2020, v. , p. 137-159.

6. CARVALHO, D. F. ; ESTEVINHO, L F D . Formar-se professor com amor, festa e devoção. In: Váldina Gonçalves Costa. (Org.). Teorizando a prática e praticando a teoria na formação de professores. 1ed.Campinas: Mercado de Letras, 2019, v. , p. 123-134.

7. BRAZ, C. S. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Os Simpsons, o filme: questões ecológicas em foco. In: Leandro Belinaso Guimarães; Lucia Estevinho Guido; Giovana

Scareli. (Org.). Cinema, Educação e Ambiente. 1ed.Uberlândia: EDUFU, 2013, v. 1, p. 103-117.

8. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; FERREIRA, G. L. . "Causos" do Cerrado: a mídia revelando processos de hibridação cultural. In: Ana Maria Hoepers Preve; Leandro Belinaso Guimarães; Valdo Barcelos; Julia Schadeck Locatelli. (Org.). Ecologias inventivas: conversas sobre educação. 1ed.Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012, v. , p. 133-146.

9. Guido, Humberto ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . A poética do movimento: considerações preliminares ao cinema. In: Ronie A. T. da Silveira; Sérgio Schaefer. (Org.). O cinema Brasileira e a Filosofia. 1ed.Uberlândia: EDUFU, 2012, v. , p. 09-31.

10. Guido, Humberto ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Pós-Estruturalismo sem estruturalismo: Para além do temor da escrita, uma leitura de Deleuze. In: André Roberto Cremonesi; Rogério Baptistella. (Org.). Sociedade Pós-Moderna - Luzes e Sombras. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2011, v. unico, p. 89-99.

11. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. O contexto escolar na narrativa cinematográfica: a disciplina e o comportamento. In: Sandra Escovedo Selles, Marcia Serra Ferreira; Marco Antonio Barzano; Elenita Pinheiro de Queiroz e Silva. (Org.). Ensino de Biologia: história, saberes e práticas formativas. Uberlândia: EDUFU, 2009, v. , p. 195-215.

12. GUIDO, L. F. E. A evolução conceitual na prática pedagógica do professor de Ciências das séries iniciais. In: BIZZO, N. et. al. Encontro "Perspectivas do Ensino de Biologia", Campinas: Gráfica Central, 2000.

TRABALHOS COMPLETOS PUBLICADOS EM ANAIS DE CONGRESSO

1. ESTEVINHO, LÚCIA DE FÁTIMA DINELLI. Movendo pensamentos em busca de currículo vida, 2021. p. 1-11.

2. SILVA, L. P; CREPALDI, T. A; SILVA, D. F; ESTEVINHO, L. F. Lendo e produzindo imagens: exercícios de pensar a escola. In: VII Encontro Nacional de Ensino de Biologia e I Encontro Regional de Ensino de Biologia - Norte, 2018, 4495-4503.

3. SILVA, L. M. ; GUIDO, LFE . A configuração da prática como componente curricular nos cursos de licenciatura em ciências biológicas dos institutos federais de educação, ciência e tecnologia. In: V Encontro Regional de Ensino de Biologia, 2019, Catalão. Biografias: tecendo nós e entrenós na Educação em Ciências e Biologia?, 2019. v. 1. p. 245-253.

4. SCHMIDT, M. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Ciência, Cultura e Arte: um estudo a partir dos registros fotográficos de professores da Educação Básica. In: 6º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 3o. Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2015, Canoas. Anais eletrônicos Educação, Transgressões, Narcisismos, 2015. p. 1-14.

5. MIRANDA, A. B. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Narrativas fotográficas: a influência da mídia na percepção de meio ambiente e cultura.. In: IV Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação/ I Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2011, Canoas. Anais IV Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação/ I Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2011. p. 01-12.
6. DIAS, I. R. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Causos do Cerrado: a construção audiovisual para promover a cultura de uma comunidade rural. In: IV Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação/ I Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2011, Canoas. Anais do IV Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação/ I Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação. 2011. p. 01-15.
7. FERREIRA, G. L. ; DIAS, I. R. ; MIRANDA, A. B. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Reinventando a educação ambiental: a construção coletiva de uma obra audiovisual. In: VI Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, 2011, Ribeirão Preto. Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, 2011. p. 01-16.
8. BRAZ, C. S. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . As representações de natureza, água e códigos culturais no filme Simpsons. In: Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade, para uma ecologia de saberes, 2011, Brasília. Anais do 1ª Seminário Internacional Água e Transdisciplinaridade, para uma ecologia de saberes, 2011.
9. BRAZ, C. S. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Avaliação de atividades de Educação Ambiental a partir do resgate ecológico e cultural dos quintais de Cruzeiro dos Peixotos pelos alunos do 2º e 3º ano do ensino fundamental. In: Encontro Nacional de Pesquisadores (as) em Educação e Cultura Populares, 2011, Uberlândia. Anais do Encontro Nacional de Pesquisadores (as) em Educação e Cultura Populares, 2011.
10. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Apontamentos sobre o cinema ambiental. In: XV ENDIPE, 2010, Belo Horizonte. Anais do XV ENDIPE, 2010. p. 01-13.
11. FERREIRA, G. L. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . O conhecimento popular sobre plantas como subsídio para uma pesquisa em educação ambiental. In: X Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental da ANPED Centro-Oeste, 2010, Uberlândia, MG. Desafios da produção e divulgação do conhecimento. Uberlândia: FAGED-UFU, 2010. p. 01-11.
12. DIAS, I. R. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . O cultivo de plantas medicinais e aromáticas, como metodologia para o ensino de Ciências. In: X Encontro de Pesquisa em Educação da ANPED Centro-Oeste, 2010, Uberlândia. Desafios da produção e divulgação do conhecimento. Uberlândia, MG: FAGED-UFU, 2010. p. 1-6.
13. MIRANDA, A. B. ; FERREIRA, G. L. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Conceitos sobre meio ambiente: a fotografia como dispositivo para a sensibilização ambiental de

uma comunidade rural no município de Uberlândia, MG. In: III Encontro Nacional de Ensino de Biologia, 2010, Fortaleza. Revista da SBEnBio, n. 03, 2010.

14. FERREIRA, G. L. ; DIAS, I. R. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Meio ambiente fotografado: a sensibilização de uma comunidade rural no município de Uberlândia. In: III Encontro Nacional de Ensino de Biologia, 2010, Fortaleza. Revista da SBEnBio, n. 03, 2010.

15. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. A educação ambiental na interface das identidades locais e híbridas. In: XII Congresso da Association Internationale pour la Recherche Interculturale, 2009, Florianópolis. Anais do Congresso da Association Internationale pour la Recherche Interculturale, 2009.

16. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. A Escola vista pelo cinema: ruptura e continuidade. In: XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2008. Trajetórias e processos de ensinar: lugares, memórias e culturas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 1-13.

17. FARIA, R. L. de ; CUSTÓDIO, L. N. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Os produtos culturais como recurso didático para o ensino de Ciências e Biologia: a proposta de uma oficina. In: Encontro de Pesquisa em Educação do Centro-Oeste - Epeco, 2008, Brasília. Anais do Epeco, 2008. p. 237-248.

18. BRAZ, C. S. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Imagens da reprodução humana na mídia. In: 9º Encontro de Pesquisa em Educação da ANPED - Centro Oeste, 2008, Brasília. Anais do 9º EPECO: Educação: tendências e desafios de um campo em movimento, 2008. p. 625-634.

19. SALGADO, C. L. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . O conhecimento popular sobre plantas: um estudo etnobotânico em quintais do distrito de Martinésia, MG. In: IV ENANPPAS - Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade, 2008, Brasília. Anais do IV ENANPPAS - Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade, 2008.

20. PEREIRA, I. A. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO ; OLIVEIRA, T. G. . Jardim de plantas medicinais e aromáticas: a educação ambiental valorizando o conhecimento popular. In: VI Encontro Nacional do ensino de ciências, 2007, Florianópolis. Anais do VI Enpec, 2007.

21. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Educação, Televisão e Natureza: uma análise do Repórter Eco. In: 29ª Reunião anual da ANPED, 2006, Caxambu. Anais da 29ª Reunião anual da ANPED, 2006. p. 01-18.

22. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. A biodiversidade nas imagens e sons do programa Repórter Eco. In: VIII Encontro de Pesquisa em educação da região Centro-Oeste, 2006. Anais do VIII Encontro de Pesquisa em educação da região Centro-Oeste. Cuiabá: Gráfica UFMT, 2006. p. 1-15.

23. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BRUZZO, C. . O Desenvolvimento Sustentável nas Imagens do Repórter Eco: o Projeto Baru como modelo. In: III Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, 2005, Ribeirão Preto. Anais do III Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental: Práticas de Pesquisa em Educação Ambiental. Ribeirão Preto: FFCLRP/USP, 2005. p. 01-12.
24. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Imagens de educação ambiental na TV: o Repórter Eco. In: II Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental: abordagens epistemológicas e metodológicas, 2003, São Carlos. II Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental: abordagens epistemológicas e metodológicas. São Carlos: UFScar, 2003. p. 01-11.
25. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CUNHA, A. M. O. ; SALLES, J. C. . Atividades de Educação Ambiental no Ensino sobre Ecossistemas Brasileiros. In: VIII Encontro Perspectiva do Ensino de Biologia, 2002, São Paulo. VIII Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia, 2002. p. 1-12.
26. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CUNHA, A. M. O. ; RODRIGUES, M. S. C. . Fauna e Flora do Cerrado: conhecimento dos alunos do ensino médio de uma escola pública do Triângulo Mineiro. In: I Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental: Tendências e perspectivas, 2001, Rio Claro. Pesquisa em Educação Ambiental: Tendências e perspectivas, 2001. p. 1-14.
27. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CUNHA, A. M. O. ; RODRIGUES, M. S. C. . Fauna e Flora do Cerrado. In: I EPEA - Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, 2001, Rio Claro. Atas do I Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, 2001.
28. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. A disciplina Prática de Ensino e a formação do Educador Ambiental. In: V Escola de Verão para professores de Prática de Ensino de Física, Química, Biologia e áreas afins, 2000, Bauru. Cadernos de Textos da V Escola de Verão para professores de Prática de Ensino de Física, Química, Biologia e áreas afins, 2000.
29. CUNHA, Ana Maria de Oliveira; GUIDO, Lúcia de Fátima. Dificuldades na elaboração de instrumentos para levantar a concepção de ciência de professores. In: II Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Valinhos - SP, 1999.
30. ARAGÃO, Rosália; GUIDO, Lúcia Estevinho. Investigando o ensino de ciências em parceria: Algumas reflexões sobre a prática pedagógica. In: I Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências, Águas de Lindóia - SP, 1997.

RESUMOS EXPANDIDOS PUBLICADOS EM ANAIS DE CONGRESSO

1. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Imagens de Educação Ambiental na TV: o Repórter Eco. In: IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2003, Bauro. Atas do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2003. p. 1-3.

RESUMOS PUBLICADOS EM ANAIS DE CONGRESSO

1. PINHO JUNIOR, G. V. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO ; NASCIMENTO, A. R. T. . Conhecimento dos recursos vegetais existentes em fragmentos de cerradão e cerrado denso em Uberlândia, MG. In: I Encontro Mineiro de Etnobiologia e Etnoecologia e V Simpósio Regional de Etnobiologia e Etnoecologia /Sudeste, 2010, Viçosa. Biodiversidade e saberes locais: como alcançar a terceira margem?, 2010. p. 27.
2. OLIVEIRA, T. G. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO ; BARBOSA, A. A. A. . Categorias de uso de plantas do bioma Cerrado: estudos de caso na zona rural do distrito de Miraporanga, Uberlândia, MG. In: 59º Congresso Nacional de Botânica, 2008, Natal. Atualidades, desafios e perspectivas da Botânica no Brasil. Natal: Imagem Gráfica, 2008.
3. SAIKI, Patrícia Thieme Onofri ; CUNHA, A. M. O. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Conhecimento local sobre Psittacidae nos distritos rurais de Uberlândia. MG. In: XVI Congresso Brasileiro de Ornitologia, 2008, Palmas. XVI Congresso Brasileiro de Ornitologia, 2008, Palmas-TO. Anais, 2008.
4. OLIVEIRA, T. G. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO ; BARBOSA, A. A. A. . Uso de plantas medicinais do bioma Cerrado: estudos de caso na zona rural do Distrito de Miraporanga e Tapuirama, Uberlândia, MG. In: XX Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil e X International Congress of Ethnopharmacology, 2008, São Paulo. Anais do XX Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil e X International Congress of Ethnopharmacology, 2008.
5. MILANI, J. F. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO ; OLIVEIRA, T. G. . Educação Ambiental a partir do resgate dos quintais e seu valor etnobotânico no distrito de Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. In: 58º Congresso Nacional de Botânica, 2007, São Paulo. A Botânica no Brasil: pesquisa, ensino e políticas públicas ambientais, 2007.
6. OLIVEIRA, T. G. ; PEREIRA SOBRINHO, I. A. ; SANTOS, F. B. ; ANDRADE, C. B. ; OLIVEIRA, A. G. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . A educação ambiental valorizando o conhecimento popular sobre plantas medicinais. In: II Encontro Nacional de Ensino de Biologia, 2007, Uberlândia. Os 10 anos e o ensino de Biologia no Brasil: histórias entrelaçadas, 2007. p. 142-142.
7. MILANI, J. F. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Educação Ambiental a partir do resgate cultural dos quintais e seu valor etnobotânico no distrito Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. In: II Encontro Nacional de ensino de biologia, 2007, Uberlândia. Os 10 anos da Sbenbio e o ensino de biologia no Brasil: histórias entrelaçadas, 2007. p. 136-136.
8. OLIVEIRA, T. G. ; BARBOSA, A. A. A. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Potencial de uso de plantas de Cerrado: estudo de caso no distrito de Tapuirama, Uberlândia, MG. In: 58º Congresso Nacional de Botânica, 2007, São Paulo. A Botânica no Brasil: pesquisa, ensino e políticas públicas ambientais, 2007.

9. CUNHA, A. M. O. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO ; CHIRIELEISON, E. . Conhecendo a própria concepção de Educação Ambiental. In: Perspectivas do Ensino de Biologia, 2006, São Paulo. Caderno de resumos do Epeb.
10. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BARBOSA, A. A. A. ; OLIVEIRA, A. G. ; ANDRADE, C. B. ; SANTOS, F. B. ; PEREIRA, I. A. ; SALGADO, C. L. ; OLIVEIRA, T. G. . A educação ambiental a partir de um levantamento etnobotânico no distrito de Martinésia, MG. In: XII Seminário Mineiro de Plantas Mediciniais, 2006, Ituiutaba. Anais do XII Seminário Mineiro de Plantas Mediciniais, 2006.
11. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BARBOSA, A. A. A. ; DAMASCENO, A. A. ; OLIVEIRA, A. G. ; OLIVEIRA, T. G. ; PEREIRA SOBRINHO, I. A. ; SALGADO, C. L. ; SANTOS, F. B. ; SILVEIRA, M. B. ; ANDRADE, C. B. . Avaliação do conhecimento sobre plantas medicinais entre escolares do ensino fundamental no distrito de Martinésia, Uberlândia, MG. In: 57º Congresso Nacional de Botânica, 2006, Gramado. caderno de resumos do 57º Congresso Nacional de Botânica, 2006. p. 1-1.
12. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BRUZZO, C. . O desenvolvimento sustentável nas imagens do Repórter Eco: o projeto baru como modelo. In: III EPEA Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, 2005, Ribeirão Preto. Práticas de Pesquisa em Educação Ambiental. Ribeirão Preto: LAIFE DPE FFCLRP/USP, 2005. v. único. p. 61-61.
13. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BRUZZO, C. . Imagens de biodiversidade no programa Repórter Eco. In: IX EPEB - Encontro Perspectiva do Ensino de Biologia, 2004, São Paulo. Biodiversidade. A Biologia em contextos diversos. Campinas: Gráfica FE/ Unicamp, 2004. v. único. p. 50-51.
14. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CUNHA, A. M. O. ; SALLES, J. C. . Atividades de Educação Ambiental no ensino sobre ecossistemas brasileiros. In: VIII EPEB Encontro Perspectivas do ensino de biologia, 2002, São Paulo. Biologia e Cidadania Contextos de ensino e produção científica. Campinas: Graf. FE/Unicamp, 2002. v. único. p. 30-30.
15. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BRUZZO, C. . O movimento ecológico via internet: uma análise do texto-imagem do site do Greenpeace. In: 13º Cole - Encontro sobre linguagens, letras e ensino das Ciências, 2001, Campinas. Cole - Com todas as letras para todos os nomes. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, 2001. v. único. p. 73-74.
16. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CHIRIELEISON, E. . Relação entre a proporção das flores hermafroditas e o tamanho dos frutos de quatro espécies de Solanum na Estação de Pesquisa e Desenvolvimento Ambiental de Galheiros. In: XIII Congresso da Sociedade Botânica de São Paulo, 2000, São Paulo. A Botânica nas grandes Metrópoles, 2000. v. único.

APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

1. ESTEVINHO, Lucia de Fatima Dinelli; AMORIM, Antonio Carlos de. Moviementando pensamentos e criações de um currículo-escrita-vida at IAACS 2022, 7th Triennial Conference of The International Association for the Advancement of Curriculum Studies, held in Braga, at the University of Minho (Portugal), on June 20th, 21st and 22nd 2022.
2. ESTEVINHO, Lucia de Fatima Dinelli. Movendo pensamentos em busca de um currículo vida. V Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares. Faculdade de Educação da UFBA nos dias 09 a 11 de novembro de 2021.
3. SILVA, L. P. C. ; CREPALDI, T. A. A. T. S. ; SILVA, D. F. ; ESTEVINHO, L F D . Lendo e produzindo imagens: exercícios de pensar a escola. 2018. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
4. ROSA, L. R. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . As pistas culturais materializadas no filme de animação O lorax: em busca da trúfula perdida. 2017. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
5. OLIVEIRA, L. M. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Aprendizagens em devir-professor,. 2017. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
6. BARBOSA, C. P. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . A animação Go, Diego, Go! ? análise de uma forma de educação ambiental. 2017. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
7. CREPALDI, T. A. A. T. S. ; GUIDO, Lucia Estevinho . Documentário Leve-me para sair: um convite à reflexão sobre formar-se professor/a em Museus. 2016. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
8. OLIVEIRA, V. A. ; GUIDO, Lucia Estevinho ; CARVALHO, D. F. . Do encontro entre provas e fabulações. 2016. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
9. SCHMIDT, M. ; GUIDO, Lucia Estevinho ; OLIVEIRA, V. A. . Leituras sobre a produção do conhecimento científico nos laboratórios: graduandos(as) em Biologia se propõem a sérios devaneios. 2016. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
10. GUIDO, Lucia Estevinho; MEDEIROS, M. C. A. . A educação ambiental divulgada no site do Greenpeace: elementos para uma análise. 2016. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
11. BIANCHI, R. A. ; GUIDO, LFE ; BARCELOS, L. S. . Diversidade no âmbito escolar: diferentes perspectivas na formação docente. 2016. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
12. OLIVEIRA, V. A. de ; SCHMIDT, M. ; GUIDO, LFE ; CARVALHO, D. F. . O Estúdio MMuCCCE como espaço de encontro e encantamento. 2016. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

13. GARCIA, M. P. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Ciência, cultura e arte: o que dizem os professores da Educação Básica sobre suas visitas a espaços não formais de educação.. 2016. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
14. SCHMIDT, M. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Ciência, Cultura e Arte: um estudo a partir dos registros fotográficos de professores da Educação Básica. 2015. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
15. FERREIRA, G. L. ; DIAS, I. R. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Aproximações entre Ciência e Cultura na produção de um documentário. 2015. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
16. SILVA, A. C. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Museu de Biodiversidade do Cerrado (MBC) como articulador da educação ambiental crítica. 2015. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
17. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; SCHMIDT, M. ; CREPALDI, T. A. A. T. S. . Espaços culturais na formação inicial de professores de Biologia: entrelaçando imagens e memórias. 2014. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
18. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. O que vejo e o que desejo ver nas fotografias de Sebastião Salgado. 2014. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
19. ANDRADE, C. A. ; GUIZZETTI, R. A. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . O PAV e a questão social em uma escola estadual de Uberlândia. 2013. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).
20. ANDRADE, C. A. ; GUIZZETTI, R. A. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Contribuições gerais do Estágio I e do PIBID para a formação inicial docente. 2013. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).
21. BRAZ, C. S. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Luz, Câmera, Ação: as representações de Ciência, cultura e identidade no filme UP: Altas aventuras. 2012. (Apresentação de Trabalho/Outra).
22. DIAS, I. R. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Causos do Cerrado: a construção audiovisual para promover a cultura de uma comunidade rural. 2011. (Apresentação de Trabalho/Seminário).
23. MIRANDA, A. B. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Narrativas fotográficas: a influência da mídia na percepção de meio ambiente e cultura. 2011. (Apresentação de Trabalho/Seminário).
24. FERREIRA, G. L. ; DIAS, I. R. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Meio Ambiente fotografado: a sensibilização ambiental de uma comunidade rural do município de Uberlândia, MG. 2010. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

25. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. A educação ambiental na interface das identidades locais e híbridas. 2009. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
26. CASTRO, S. A. ; LIMA, D. N. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . A presença da mídia na vida de estudantes da educação básica. 2009. (Apresentação de Trabalho/Seminário).
27. WORTMANN, M. L. C. ; GUIMARÃES, L. B. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . Inscrições e (re) configurações da escola: na literatura, no cinema e em planejamentos de ensino.. 2008. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
28. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Pedagogia cultural: onde e quando se aplica. 2008. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
29. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Mídia, Poder, Conhecimento e Alienação. 2008. (Apresentação de Trabalho/Outra).
30. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Formação de professores em foco: diálogo com a escola. 2007. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
31. OLIVEIRA, T. G. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO ; PEREIRA SOBRINHO, I. A. ; ANDRADE, C. B. ; OLIVEIRA, A. G. ; SANTOS, F. B. . A educação ambiental valorizando o conhecimento popular sobre plantas medicinais. 2007. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
32. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Produção, divulgação e proteção do conhecimento na Universidade Federal de Uberlândia. 2007. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
33. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; Cunha, A. F. ; Brogгинi, A. C. ; Cunha, C. M. C. ; Silva, M. C. P. . Os produtos culturais como recursos didáticos no ensino de ciências e biologia. 2007. (Apresentação de Trabalho/Outra).
34. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Educação e Natureza no Repórter Eco. 2007. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
35. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CUNHA, A. M. O. . Conhecendo a própria concepção de Educação Ambiental. 2006. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
36. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. A biodiversidade nas imagens e sons do programa Repórter Eco. 2006. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
37. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Educação, televisão e natureza: uma análise do Repórter Eco. 2006. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
38. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. O uso de imagens na Educação Ambiental. 2006. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

39. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BRUZZO, C. . O Desenvolvimento Sustentável nas Imagens do Repórter Eco: o Projeto Barú como modelo. 2005. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
40. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Imagens na Educação Ambiental. 2005. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
41. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BRUZZO, C. . Imagens de biodiversidade no programa Repórter Eco. 2004. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
42. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Imagens de Educação Ambiental na TV: o Repórter Eco. 2003. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
43. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BRUZZO, C. . Imagens de educação ambiental na TV: o Repórter Eco. 2003. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
44. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; SALLES, J. C. . Atividades de Educação Ambiental no ensino sobre ecossistemas brasileiros. 2002. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
45. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CUNHA, A. M. O. ; RODRIGUES, M. S. C. . Fauna e Flora do Cerrado. 2001. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
46. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BRUZZO, C. . O movimento ecológico via internet: uma análise do texto-imagem do site do Greenpeace. 2001. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
47. FERNANDES, E. C; GUIDO, L. F. E. Relação entre a proporção das flores hermafroditas e o tamanho dos frutos de quatro espécies de *Solanum* na estação de pesquisa e desenvolvimento ambiental de Galheiro - MG. 2000. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
48. GUIDO, LUCIA DE FATIMA ESTEVINHO. Os meios de comunicação social; e sua influência na representação de ambiente em alunos do ensino fundamental. 2000. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
49. GUIDO, LUCIA DE FATIMA ESTEVINHO. A evolução conceitual na prática pedagógica do professor de ciências das séries iniciais. 1999. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
50. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. A construção da prática pedagógica do professor de Ciências: uma reflexão sobre o ensino nas séries iniciais. 1998. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
51. ESTEVINHO, LUCIA DE FATIMA. Estudo do comportamento de coleta de alimento em abelhas africanizadas (*Apis mellifera*). 1986. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

52. BRANDEBURGO, MALCON; ESTEVINHO, LUCIA DE FÁTIMA. Utilização de um dispositivo em circuito fechado no estudo do comportamento de coleta em abelhas africanas (*Apis mellifera*). 1986. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

PRODUÇÃO DE TRABALHOS TÉCNICOS

1. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Comissão Científica do IV Encontro Nacional de Ensino de Biologia. 2012.

2. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Revista Educação e Filosofia. 2012.

3. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Comissão Científica do VI Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental. 2011.

4. BARBOSA, A. A. A. ; ARANTES, A. A. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO ; OLIVEIRA, T. G. . Levantamento dos usos de plantas do bioma Cerrado no município de Uberlândia, MG. 2009.

5. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Comitê Científico do V Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental. 2009.

6. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Revisor Revista Horizonte Científico. 2009.

7. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Parecerista da Revista Pesquisa em Educação Ambiental vol. 04, n. 1, 2009. 2009.

8. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Comitê científico anped GT Educação Ambiental. 2007.

9. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Comitê científico do IV Encontro de pesquisa em educação ambiental. 2007.

10. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Comissão responsável pela avaliação de projetos de extensão da UFU. 2007.

11. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. II Encontro Nacional de Ensino de Biologia. 2007.

12. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BARBOSA, A. A. A. ; CHIRIELEISON, E. ; OLIVEIRA, A. G. ; OLIVEIRA, T. G. ; PEREIRA, I. A. ; SANTOS, F. B. . Jardim de Plantas Medicinais e Aromáticas: a Educação Ambiental valorizando o conhecimento popular. 2007.

DEMAIS TIPOS DE PRODUÇÃO TÉCNICA

1. PRADO, S. P; ESTEVINHO, L. F. O corpo no livro didático de Ciências-Biologia: Criando/criação de corpos em/com arte. (Ateliê de curta duração ministrado).

2. ESTEVINHO, L. Artes da vida e vidas com arte no Ensino de Biologia. 2018. (Palestra proferida em mesa redonda).
3. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Educação Ambiental e a divulgação da natureza na mídia. 2009. (Curso de curta duração ministrado/Outra).
4. BARBOSA, A. A. A. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO ; ARANTES, A. A. ; OLIVEIRA, T. G. . Relatório final do projeto FAPEMIG CRA-1451-06. 2009. (Relatório de pesquisa).
5. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CUNHA, A. M. O. ; MARCAL JUNIOR, O. Relatório final Programa especial de apoio aos recém-doutores da UFU. 2008. (Relatório de pesquisa).
6. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BARBOSA, A. A. A. ; CHIRIELEISON, E. ; ANDRADE, C. B. ; OLIVEIRA, A. G. ; OLIVEIRA, T. G. ; PEREIRA SOBRINHO, I. A. ; SILVEIRA, M. B. ; SANTOS, F. B. . Relatório projeto PEIC/UFU/2006. 2007. (Relatório de pesquisa).
7. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BARBOSA, A. A. A. ; CHIRIELEISON, E. ; ARANTES, A. A. . Plantas Medicinais e aromáticas. 2006. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Cartilha).
8. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Imagens na Educação Ambiental. 2006. CEMEPE. (Curso de curta duração ministrado/Extensão).
9. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Imagens na educação ambiental. 2005. (Curso de curta duração ministrado/Outra).
10. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CUNHA, A. M. O. . Projetos participativos em educação ambiental - I curso de Especialização em ensino de ciências e biologia com ênfase em educação ambiental. 2004. (Curso de curta duração ministrado/Especialização).
11. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Educação Ambiental. 2003. (Curso de curta duração ministrado/Extensão).
12. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. A prática de Ensino e a Formação do Professor. 1997. (Palestra proferida).
13. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. O uso da natureza nas aulas de ciências. 1995. (Curso de curta duração ministrado/Extensão).
14. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Ciclo de Estudos - Projeto Investindo na Qualidade. Escola Estadual Messias Pedreiro. 1995. (Curso de curta duração/Extensão).
15. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. A prática de ensino de Biologia e a Formação do professor de Biologia. 1995. (Palestra proferida).

16. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Pesquisa educacional e sua contribuição para o ensino de ciências. 1993. (Palestra proferida).

PRODUÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL

1. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; RIBEIRO, D. ; FERREIRA, G. L. ; MIRANDA, A. B. ; DIAS, I. R. . Causos do Cerrado. 2010. Vídeo.

2. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; RIBEIRO, D. Produção audiovisual como resgate do conhecimento popular sobre plantas. 2010 (coordenadora oficina).

PARTICIPAÇÃO EM BANCAS

MESTRADO

1. SAMPAIO, S. M. V.; MOREL, A. P. M.; DIAS, S. O.; ESTEVINHO, L. F. D. Participação em banca de defesa de Ana Paula Valle Pereira. Fins de mundos cinematográficos e Educação Ambiental: entrelaçamentos cosmopolíticos. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense.

2. ANDRADE, E. C. P. ; CARVALHO, D. F. ESTEVINHO, L. F. D. Participação em banca de Roberta Paixão Lelis da Silva. Biologia e arte e literatura: possibilitando educação no Intermezzo. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

3. AMORIM, A. C. ; SANTOS, S. P. ESTEVINHO, L. F. D. Participação em banca de Keyme Gomes Lourenço. Cinecartografando imagens aberrantes entre camadas, paisagens, educação e cinema. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

4. IARED, V. G.; CAMPOS, M. A. T. ESTEVINHO, L. F. D. Participação em banca de Sonia Mara Samsel Geraldo. Arte Visuais e Educação Ambiental em territórios Ecofenomenológicos: uma experiência de formação docente em Campo Magro-PR. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Curitiba.

5. SAMPAIO, S. M. V.; CARVALHO, D. F.; ESTEVINHO, LÚCIA. Participação em banca de Máisa Peixoto Garcia. O discurso da agroecologia encontrado nos livros de

ciências aprovados pelo PNLD 2017 e escolhidos pelas escolas do município de Uberlândia - MG.. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

6. CARVALHO, D. F.; SAMPAIO, S. M. V.; ESTEVINHO, L F D. Participação em banca de Ana Cláudia da Motta Coelho de Resende Morato. Colecionando memórias docentes: O Museu dos Sonhos Possíveis. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

7. GUIDO, Lucia Estevinho; AMORIM, A. C.; CARVALHO, D. F. Participação em banca de Mariane Schmidt da Silva. Bio-anti-logias, corpos impossíveis. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

8. GUIDO, Lucia Estevinho; SCARELI, G.; CARVALHO, D. F.. Participação em banca de Lidiane Martins de Oliveira. (DES)CAMINHOS DE UM DEVIR-PROFESSOR. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

9. BOSSLER, A. P.; OVIGLI, D. F. B.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Maria dos Anjos Pereira Rodrigues. Linguagem cinematográfica: como os professores reconhecem suas potencialidades como. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

10. GUIDO, Lucia Estevinho; BOSSLER, A. P.; CARVALHO, D. F.. Participação em banca de Ludmila Rodrigues Rosa. A natureza no filme de animação O Lorax: em busca da trífula perdida. 2016. Dissertação (Mestrado em Mestrado em educação) - Universidade Federal Uberlândia.

11. GUIDO, Lucia Estevinho; SAMPAIO, S. M. V.; CARVALHO, D. F.. Participação em banca de Karina Fuzaro. O filme bicicletas de Nhanduru revelando processos de hibridação cultural. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

12. GUIDO, Lucia Estevinho; PASQUALI, M. S.; CARVALHO, D. F.. Participação em banca de Dalila de Souza Ferreira. O discurso dos docentes sobre projetos ambientais empresariais no ambiente escolar: o grupo focal mediando diálogos. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

13. TAKAHASHI, E. K.; BOSSLER, A. P.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Flávia Machado dos Reis. Encontros e desencontros entre personagens em um museu de Ciências: entre o realizado e o possível. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

14. OLIVEIRA, H. T.; LOGAREZI, A. J. M.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Lakshmi Juliane Vallim Hofstatter. O imagético de uma comunidade catingueira e os sentidos atribuídos à onça: uma contribuição da educação ambiental crítica. 2013.

15. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BRUZZO, C.; JACOBUCCI, D. F. C.. Participação em banca de Carolinne Santos Braz. Infância e Cinema de animação: o poder da mídia na (re) construção das identidades. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.
16. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; GUIMARÃES, L. B.; CICILLINI, G. A.. Participação em banca de Inez Repton Dias. Híbridação cultural e educação ambiental: memórias de uma comunidade rural de Uberlândia. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.
17. PASQUALI, M. S.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; SOARES, M. H. F. B.. Participação em banca de Rafaella Librelon de Faria. O projeto A Escola vai ao Bosque Auguste Saint - Hilaire: atividades lúdicas em um espaço de educação não formal". 2011. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Goiás.
18. GUIMARÃES, L. B.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Gabriele Nigra Salgado. Educação Ambiental e Foto-dispositivo: outras imagens do sertão do Peri.. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
19. LONGHINI, M. D.; MACHADO, M. I.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Adriana Silva Mello. Um estudo sobre as concepções de educação ambiental em livros didáticos de ciências. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.
20. OLIVEIRA, Leandro Gonçalves; BARRIO, J. B. M.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Fabíola Simões Rodrigues da Fonseca. Educação ambiental no zoológico de Goiânia: contribuições para a formação do sujeito ecológico? 2010. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Educação em Ciências e matemática) - Universidade Federal de Goiás.
21. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CUNHA, A. M. O.; FREITAS, Denise de. Participação em banca de Paulo Teodoro Garcia. A preocupação com questões ambientais das empresas privadas de Uberlândia e o seu envolvimento com a educação ambiental. 2007. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação de Recursos Naturais) - Universidade Federal de Uberlândia.
22. GUIDO, L. F. E.; AMORIM, A. C.; CICILLINI, G. A.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Antonio Neto Ferreira dos Santos. A tecnologia Hidropônica como prática pedagógica na construção de concepções de ambiente. 2006. Dissertação (Mestrado em mestrado em educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

DOCTORADO

1. FONSECA, F. S. P.; GARLET, F. R.; SANTOS, S. P.; CARVALHO, D. F.; ESTEVINHO, LÚCIA. Participação em banca de Tiago Amaral Sales. Educação Menore em HIV/AIDS: o que pode a Educação em Ciências e Biologia em cartografais

audiovisuais? 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

2. TAKAHASHI, E. K.; COLOMBO JUNIOR, P. D.; NASCIMENTO, S. S.; CARVALHO, D. F.; ESTEVINHO, LÚCIA. Participação em banca de Flávia Machado dos Reis. Experiências Museais de Professores de Ciências da Natureza: possibilidades para aproximar escolas e museus.. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

3. GASTAL, M. L. A.; ESTEVINHO, LÚCIA; AVANZI, M. R.; ERBS, R. T. C.. Participação em banca de Gustavo Lopes Ferreira. Pesquisa-Formação com professoras de Ciências e Biologia: uma perspectiva Hermenêutica-narrativa. 2020. Tese (Doutorado em EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS) - Universidade de Brasília.

4. ESTEVINHO, L F D; Shuvartz, M.; SILVA, W. F.; CARVALHO, D. F. Participação em banca de Liciane Mateus da Silva. ITINERÁRIOS DA 'PRÁTICA COMO COMPONENTE CIRCULAR': formação inicial de professores de Ciências e Biologia no Instituto Federal do Triângulo Mineiro - IFTM". 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

5. CARVALHO, D. F.; SAMPAIO, S. M. V.; ESTEVINHO, L. F. D.; AGRELI, J. H. L. P. Participação em banca de Fabíola Simão Rodrigues da Fonseca. Bactérias transgênicas, pincéis e bancada de laboratório. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

6. CARVALHO, D. F.; GUIMARÃES, L. B.; CLARETO, S. M.; COIMBRA, C. L. ESTEVINHO, L. F. D. Participação em banca de Daniela Beraldo Barbosa. No jardim do agora: a potência de um grupo de professores que tem o laboratório e a ciência como marcas em suas práticas pedagógicas. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

7. CARVALHO, D. F.; GUIMARÃES, L. B.; MACHADO, F. E.; ESTEVINHO, L. F. D.; BUENO, P. R. L. Improvisações formativas através de encontros com professoras/es-formadoras/es. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

8. OLIVEIRA, M. W.; ARAUJO-OLIVEIRA, S. S.; JOLY, I. S. L.; SILVA, H. C.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Djalma Ribeiro Júnior. Processos Educativos em Experiências de Comunicação Popular na Mostra Audiovisual de Cambuquira (Mosca). 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos.

9. CICILLINI, G. A.; CARVALHO, L. M. C. de; PESSOA, J. M. de; SILVA, E. Q. P.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Mônica Maria Lopes da Fonseca. Pedagogia da terra: interfaces entre a formação docente, a educação do campo e a educação ambiental. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

10. BRUZZO, C.; FRANCO, M. S.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; AMORIM, A. C. R.; KOSSOVITH, E. A. Participação em banca de Giovana Scareli. Santo Forte: a entrevista no cinema de Eduardo Coutinho. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas.

QUALIFICAÇÕES DE MESTRADO

1. IARED, V. G.; ESTEVINHO, LÚCIA; CAMPOS, M. A. T.; LUZ, A. A.. Participação em banca de Sonia Mara Samsel Geraldo. Artes visuais em Educação Ambiental em territórios ecofenomenológicos: uma experiência de formação docente em Campo Magro/PR. 2020. Exame de qualificação (Mestrando em Educação) - Universidade Federal do Paraná.

2. ESTEVINHO, LÚCIA; CARVALHO, D. F.; DIAS, S. O.. Participação em banca de Nicole Cristina Machado Borges. "Cartografando conceitos biológicos pela educação: o percurso da abelha". 2020. Exame de qualificação (Mestrando em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

3. CARVALHO, D. F.; ESTEVINHO, LÚCIA; LEITE, A.. Participação em banca de Paula Vicente Marcelino. 1, 2, 3 ... Gravando! Entre quadros e enquadramentos: a estereotipização do ser professor nas telas do cinema.. 2020. Exame de qualificação (Mestrando em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

4. CARVALHO, D. F.; ESTEVINHO, L F D; COIMBRA, Camila Lima. Participação em banca de Regiany Alves Carvalho. MURO DAS PALPITAÇÕES: A FORÇA TRANSFORMADORA DE SER MÃE NA UNIVERSIDADE. 2019. Exame de qualificação (Mestrando em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

5. ESTEVINHO, L F D; CARVALHO, D. F.; CUNHA, A. M. O.. Participação em banca de Maisa Peixoto Garcia. O DISCURSO DA AGROECOLOGIA ENCONTRADO NOS LIVROS DE CIÊNCIAS APROVADOS PELO PNLD 2017 E ESCOLHIDOS PELAS ESCOLAS RURAIS DO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA-MG. 2019. Exame de qualificação (Mestrando em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

6. CARVALHO, D. F.; ESTEVINHO, L F D; VAZ, T.. Participação em banca de Tiago Amaral Sales. PARA ALÉM DO BIOLÓGICO: CARTOGRAFIAS DA COMIDA. 2019. Exame de qualificação (Mestrando em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

7. CARVALHO, D. F.; COIMBRA, Camila Lima; ESTEVINHO, L F D. Participação em banca de Ana Luiza Santos Tizzo. Reverberando a potencialidades dos afetos pelo Cajón. 2018. Exame de qualificação (Mestrando em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

8. GUIDO, Lucia Estevinho; COIMBRA, Camila Lima; CARVALHO, D. F.. Participação em banca de Lidiane Martins de Oliveira. (DES)CAMINHOS DE UM DEVIR-PROFESSOR. 2017. Exame de qualificação (Mestrando em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

9. CARVALHO, D. F.; FRANCO, A. P.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Luiz Paulo Costa e Silva. As potências do prosear com o público de Museu de Ciências. 2016. Exame de qualificação (Mestrando em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

10. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CARVALHO, D. F.; COIMBRA, Camila Lima. Participação em banca de Nísia Maria Teresa Salles. As novas mídias e os desafios da educação: o uso do celular na sala de aula. 2016. Exame de qualificação (Mestrando em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

11. GUIDO, Lucia Estevinho; CARVALHO, D. F.; SOUSA, G.. Participação em banca de Ludmila Rodrigues Rosa. A natureza no filme de animação O Lorax em busca da trífula perdida. 2015. Exame de qualificação (Mestrando em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

12. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CARVALHO, D. F.; PEREIRA, F. A.. Participação em banca de Karina Fuzaro. O filme As bicicletas de Nhanderu revelando processos de hibridação cultural. 2015. Exame de qualificação (Mestrando em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

13. RODRIGUES FILHO, G.; CANOBRE, S. C.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Adriângela Guimarães de Paula. Reciclagem de resíduos industriais e urbanos: proposta de educação ambiental para os cursos de graduação em Química da UFU.. 2015. Exame de qualificação (Mestrando em Química) - Universidade Federal de Uberlândia.

14. SILVA, E. Q. P.; CAMPOS, V.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Patrícia Lemos Campos. Caderneta de saúde do adolescente: uma contribuição na educação para a sexualidade. 2013. Exame de qualificação (Mestrando em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

15. GUIMARAES, I. V.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; SILVA, P. S.. Participação em banca de Lucélia Bárbara Moraes Hortêncio. Educação ambiental em revista: a produção discursiva da Nova Escola. 2013. Exame de qualificação (Mestrando em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

QUALIFICAÇÕES DE DOUTORADO

1. ESTEVINHO, L F D; CARVALHO, D. F.; CUNHA, M. D.. Participação em banca de Ludmila Rodrigues Rosa. AS EXPERIÊNCIAS COM O CINEMA NA (TRANS)FORMAÇÃO DOCENTE. 2019. Exame de qualificação (Doutorando em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

2. CHAVES, S. N.; CONTENTE, A. C. P.; VIEIRA, E. P. P.; GUIMARÃES, L. B.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Lêda Valéria Alves da Silva. Vida e nada mais... ensaios sobre consciência ambiental. 2017. Exame de qualificação (Doutoranda em Educação) - Universidade Federal do Pará.

3. CARVALHO, D. F.; GUIMARAES, I. V.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Marcia Regina Gobatto. Novelas de formação: desvelando modos de ser o que se é ou aprendendo a dançar. 2015. Exame de qualificação (Doutoranda em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.
4. CARVALHO, D. F.; AGRELI, J. H. L.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Fabíola Simões Rodrigues da Fonseca. Entre DNAs, plantas e seres fantásticos: quando a biologia vira Arte. 2015. Exame de qualificação (Doutorando em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.
5. CARVALHO, D. F.; COIMBRA, Camila Lima; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Daniela Beraldo Barbosa.. Laboratório de Ciências e formação continuada: inventividade em um coletivo de forças. 2015. Exame de qualificação (Doutorando em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.
6. CICILLINI, G. A.; SILVA, E. Q. P.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Ana Flávia Vigário. Ensino de Biologia celular no ensino médio ? a formação de professores em ciências biológicas e a realidade no cenário escolar. 2015. Exame de qualificação (Doutorando em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.
7. CICILLINI, G. A.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; PESSOA, J. M. de. Participação em banca de Mônica Maria Lopes da Fonseca. Pedagogia da Terra: interfaces entre formação docente, Educação do Campo e Educação Ambiental. 2011. Exame de qualificação (Doutorando em Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO

1. ESTEVINHO, LÚCIA; ALMEIDA, A. C.; PEREIRA, F. A.. Participação em banca de Ana Luiza de Souza Silveira. O Estado da Arte do uso de jogos como metodologia de ensino nos Trabalhos de Conclusão de Cursos nas Licenciaturas da UFU. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.
2. VAZ, T.; ARSLAN, L. M.; ESTEVINHO, L F D. Participação em banca de Keila Machado da Silva. O Pão Que O Artista Amassou: Happenings e fermentações entre arte e vida. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) - Universidade Federal de Uberlândia.
3. RODRIGUES, R. F.; DUARTE, A. H. S. D.; ESTEVINHO, L F D. Participação em banca de Inezita Ribeiro. Técnicas e saberes tradicionais na produção de cores. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) - Universidade Federal de Uberlândia.
4. SILVA, E. C.; ESTEVINHO, L F D. Participação em banca de Ludmila Figueiredo Alves Diniz. Narrativas Cartográficas. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) - Universidade Federal de Uberlândia.

5. CARVALHO, D. F.; COIMBRA, Camila Lima; GUIDO, Lucia Estevinho. Participação em banca de Maria Carolina Alves. Videoaulas de biologia para ensino superior disponíveis no You Tube. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.
6. CARVALHO, D. F.; Nogueira-Ferreira, Fernanda Helena; GUIDO, Lucia Estevinho. Participação em banca de Arthur Bezerra Figueira. As confluências biológicas na arte e artísticas na biologia. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.
7. ESTEVINHO, L F D; CARVALHO, D. F.; VAZ, T.. Participação em banca de Roberta Paixão Lelis da Silva. A experimentação do pixo pela fotografia. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.
8. ALMEIDA, A. C.; MORAES, V. R. A.; GUIDO, Lucia Estevinho. Participação em banca de Alessandra Pavalin Pissolati Ferreira. Diversidade, inclusão e formação para a cidadania: o que pensam os professores de uma escola pública em Uberlândia-MG. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.
9. NAKAJIMA, J. N.; ROMERO, R.; GUIDO, Lucia Estevinho. Participação em banca de Gabriella Silva Justino. Trilha interpretativa do parque Estadual do Pau-Furado, Uberlândia, Minas Gerais. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal Uberlândia.
10. JACOBUCCI, D. F. C.; OLIVEIRA, R. C.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Larissa Minari. Cores do inverno seco: discursos mobilizados a partir de imagens do Bioma do Cerrado. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.
11. JACOBUCCI, G. B.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; OLIVEIRA, R. C.. Participação em banca de Marita Fazan Rossi. Cetáceos e tartarugas marinhas: a percepção dos pescadores artesanais do litoral do Paraná, sul do Brasil. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Curso de Ciências Biológicas) - Universidade Fedral de Uberlândia.
12. Nogueira-Ferreira, Fernanda Helena; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Sarah de Freitas Oliveira. Meliponário: um cenário para promoção de educação ambiental. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal Uberlândia.
13. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; JACOBUCCI, D. F. C.; ROMERO, R.. Participação em banca de Thais Lacerda Neves. Levantamento Etnobotânico das Plantas cultivadas em quintais da comunidade rural Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.

14. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; JACOBUCCI, D. F. C.; OLIVEIRA, R. C.. Participação em banca de Aline Bertoldo Miranda. A mídia como elemento articulador entre o conhecimento popular sobre plantas e a educação ambiental de jovens e crianças. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.
15. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CICILLINI, G. A.; CUNHA, A. M. O.. Participação em banca de Gustavo Lopes Ferreira. A mídia como elemento articulador entre o conhecimento popular sobre plantas e a educação ambiental de jovens e crianças. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.
16. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; ARAUJO, G. M.; NASCIMENTO, A. R. T.. Participação em banca de Gastão Viegas de Pinho Júnior. Conhecimento científico e conhecimento local: a educação ambiental contribuindo para a conservação do Cerrado. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.
17. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; OLIVEIRA, R. C.; JACOBUCCI, D. F. C.. Participação em banca de Danúbia de Souza Lemes Rezende. Análise de imagens do conteúdo de Botânica em livros didáticos de Biologia no ensino médio. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.
18. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; SILVA, E. Q. P.; JACOBUCCI, D. F. C.. Participação em banca de Sara de Almeida e Castro. A Biologia tratada na mídia: o que sabem professores e alunos da escola básica. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.
19. Jacobucci, D.; CUNHA, A. M. O.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Iris de Sousa Lopes. Estudos coletivos de Educação Ambiental na formação continuada de professores da Educação Básica. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.
20. Nogueira-Ferreira, Fernanda Helena; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; Jacobucci, D.. Participação em banca de Flávia Ribeiro Santana. O Museu de Biodiversidade do Cerrado e sua representação, relativa à educação não-formal, na visão de seus funcionários e visitantes. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.
21. BARCELOS, N. N.; FERRO, E.A.V.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Camila Medeiros Cruvinel Cunha. A formação para a docência: realidade e perspectivas no curso de Ciências Biológicas. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.
22. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CHIRIELEISON, E.; ARAUJO, G. M.. Participação em banca de Marcus Vinicius Leite Gomes. Conhecendo os recursos vegetais do Cerrado

nos distritos de Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia, Uberlândia, MG. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.

23. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BARBOSA, A. A. A.; YAMAMOTO, M.. Participação em banca de Taíce gonçalves de Oliveira. Educação Ambiental e etnobotânica: o conhecimento dos usos do Bioma Cerrado nos distritos de Tapuira e Miraporanga, Uberlândia, MG. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.

24. CUNHA, A. M. O.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; SILVA, L. M.. Participação em banca de Priscila assis Valentim. A situação dos cães de rua no município de Uberlândia - MG. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.

25. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; MARCAL JUNIOR, O.; NAKAJIMA, J. N.. Participação em banca de Cecília Langoni Salgado. Levantamento etnobotânico nos quintais do distrito de Martinésia, Uberlândia, MG. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.

26. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BARBOSA, A. A. A.; MELCHIOR,. Participação em banca de Neydson Soares Santana. Conhecendo o baru (*Dipteryx alata* Vog.) no distrito de Martinésia, Uberlândia, MG: elementos para uma proposta de educação ambiental. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.

27. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; OLIVEIRA, F.; DESTRO-FILHO, J. B.. Participação em banca de Samuel Leite Guimarães. Criação, implementação e avaliação de software multimídia para melhoria da qualidade do ensino superior. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.

28. BARBOSA, A. A. A.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; ARANTES, A. A.. Participação em banca de Adriana de Assis Damasceno. Levantamento etnobotânico na comunidade de Martinésia, Uberlândia, MG. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.

29. JACOBUCCI, G. B.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CUNHA, A. M. O.. Participação em banca de Bruno Vinicius de Oliveira. Educação Ambiental: uma revisão bibliográfica sobre a temática. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.

30. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; BARBOSA, A. A. A.; CHIRIELEISON, E.. Participação em banca de Juliana Foresti Milani. Educação Ambiental a partir do resgate dos quintais e seu valor etnobotânico no Distrito de Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.

31. LEMOS, J. C.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; Firmino, C. B.. Participação em banca de Sérgio Macedo Silva. Estudo sobre a utilização dos remédios fitoterápicos em áreas de assentamentos: Ezequias dos Reis e Bom Jardim no município de Araguari, Minas Gerais. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.
32. GUIDO, L. F. E.; CUNHA, A. M. O.; MARCAL JUNIOR, O.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. Participação em banca de Polyana Vieira dos Santos. A natureza nas histórias em quadrinhos. 2006.
33. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CUNHA, A. M. O.; PAULA, C. L.. Participação em banca de Terêncio José Silva Pinto. Ações de preservação ambiental na bacia hidrográfica do rio Uberabinha. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.
34. SANTOS, A. R.; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; LEMOS, J. C.. Participação em banca de Franciele Silva de Oliveira Martins. Algumas plantas medicinais do cerrado utilizadas na cultura popular e nas farmácias de manipulação de ocorrência em ambiente natural de duas áreas distintas do Triângulo Mineiro, MG. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia.
35. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; MELCHIOR,.; CUNHA, A. M. O.. Participação em banca de Camila Gadotti. A influência dos jogos eletrônicos no desempenho escolar de alunos do Ensino Médio. 2005 - Universidade Federal de Uberlândia.
36. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CUNHA, A. M. O.. Participação em banca de Carla Ribeiro Machado e Portugal. O jogo como instrumento de avaliação. 2004 - Universidade Federal de Uberlândia.
37. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CUNHA, A. M. O.. Participação em banca de Franklin Júlio de Melo. Concepção de Educação Ambiental no I Curso de férias do Parque Siquierolli. 2003 - Universidade Federal de Uberlândia.
38. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CHIRIELEISON, E.; MARCAL JUNIOR, O.. Participação em banca de Érika Yano Hisatugo. Coleta seletiva de lixo em condomínios da cidade de Uberlândia. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia.
39. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CUNHA, A. M. O.. Participação em banca de Raquel Assunção de Oliveira. O papel da árvore para a população de Araguari-MG. 2002 - Universidade Federal de Uberlândia.
40. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; MARCAL JUNIOR, O. Participação em banca de Ariane Cortizo Perez. Embalagens comercializadas em Uberlândia (MG). 2002 - Universidade Federal de Uberlândia.

41. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; SANTOS, A. R. Participação em banca de Deborah Lopes Dias. Proposta de uma trilha interpretativa da natureza no Ubatã Termas Parque Hotel (Uberaba - MG). 2002 - Universidade Federal de Uberlândia.

42. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; MARCAL JUNIOR, O. Participação em banca de Khelma Torga dos Santos. Concepções sobre meio ambiente e educação ambiental de uma parcela de moradores na zona urbana de Uberlândia - MG. 2002 - Universidade Federal de Uberlândia.

43. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CUNHA, A. M. Participação em banca de Sandra Pereira Campos. Jogos didáticos pedagógicos em atividades de Educação Ambiental na Escola Municipal Stella Sariaiva Peano – Uberlândia – Mg. 2000 - Universidade Federal de Uberlândia.

44. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; MARCAL JUNIOR, O. Participação em banca de Jânia Cabrelli Sales. Metodologia e recursos didáticos alternativos em Educação Ambiental para alunos da 6ª. série do ensino fundamental da Escola Municipal Domingos Pimentel Ulhôa, Uberlândia - MG. 2000 - Universidade Federal de Uberlândia.

45. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; MARCAL JUNIOR, O. Participação em banca de Cintia Ingrid Cadima. A diversidade da avifauna do cerrado: um estudo etno-orнитológico na comunidade de Miraporanga (Uberlândia – MG). 2000 - Universidade Federal de Uberlândia.

46. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; MARCAL JUNIOR, O. Participação em banca de José Gonçalves Neto. A extinção animal: uma avaliação dos conhecimentos, atitudes e práticas de estudantes de ensino fundamental de Uberlândia (MG). 2000 - Universidade Federal de Uberlândia.

47. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CUNHA, A. M. Participação em banca de Marcelle Sabrina Carneiro Rodrigues. Levantamento do conhecimento de alunos do 1º. Ano do ensino médio de uma escola pública de Araguari - MG. 2000 - Universidade Federal de Uberlândia.

48. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; MARCAL JUNIOR, O. Participação em banca de Mirny Angelica Pires. Concepções de criança do ensino fundamental a respeito de alguns animais do Cerrado: uma questão em Educação Ambiental. 1999 - Universidade Federal de Uberlândia.

PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS, CONGRESSOS, EXPOSIÇÕES E FEIRAS.

V Colóquio Luso Afro Brasileiro de Currículo. Movendo pensamentos em busca de um currículo-vida. 2021. (Congresso).

VIII Seminário Conexões: Deleuze e Corpo e Cena e Máquina eEscavando rizoma: devires a partir de uma filosofia-vegetal. 2019. (Seminário).

VII Encontro Nacional de Ensino de Biologia. Artes da vida e vidas com arte no ensino de Biologia. 2018. (Congresso).

VII Encontro Nacional de Ensino de Biologia. Natureza da Ciência e a produção de currículos em Ciência e Biologia. 2016. (Encontro).

19º. Cole. Leituras sobre/com o ambiente: imagens, palavras, silêncios. 2014. (Congresso).

V Encontro Nacional de Ensino de Biologia. Articulações entre imagens, mídia, tecnologias e os currículos de ciências. 2014. (Congresso).

VI Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental. Grupo de Discussão de Pesquisa em Educação Ambiental e Culturas. 2013. (Congresso).

Encontro Regional de Botânicos. Botânica e Sociedade. 2012. (Encontro).

IV Encontro Nacional do Ensino de Biologia. Educação Ambiental: as conexões com o ensino de Biologia. 2012. (Encontro).

VI Encontro Pesquisa em Educação Ambiental. A Pesquisa em Educação Ambiental: reflexões dos Grupos de Discussão de Pesquisa do VI EPEA. 2011. (Encontro).

V Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental. Grupo de discussão de pesquisa Educação ambiental e o contexto escolar. 2009. (Encontro).

XX Semana do ICB/UFG. Ensino de Educação Ambiental no ensino fundamental e médio. 2009. (Simpósio).

Seminário Multiplicimagens - Divulgando e documentando a natureza. Divulgando e documentando a natureza. 2008. (Seminário).

XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. A Escola vista pelo cinema: rupturas e continuidade. 2008. (Encontro).

1º Fórum Ético Metodológico da UFU. Educação Ambiental a partir do resgate dos quintais e seu valor etnobotânico no distrito de Cruzeiro dos Peixotos, MG. 2007. (Encontro).

58º Congresso Nacional de Botânica. Educação Ambiental a partir dos quintais e seu valor etnobotânico no distrito Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. 2007. (Congresso).

58º Congresso Nacional de Botânica. Potencial de uso de plantas de Cerrado: Estudo de caso no distrito de Tapuirama, Uberlândia, MG. 2007. (Congresso).

II Encontro Nacional de ensino de biologia. Educação ambiental a partir dos quintais e seu valor etnobotânico no distrito de Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. 2007. (Encontro).

II Encontro Nacional de ensino de biologia. Formação de professores em foco: diálogos com a escola. 2007. (Encontro).

Workshop "Ciência e formação para a docência". Educação e Natureza no Repórter Eco. 2007. (Outra).

29^a ANPED. Educação, televisão e natureza: uma análise do Repórter Eco. 2006. (Congresso).

57^o Congresso Nacional de Botânica. Avaliação do conhecimento sobre plantas medicinais entre escolares do ensino fundamental no distrito de Martinésia, Uberlândia, MG. 2006. (Congresso).

VIII Encontro de Pesquisa em educação da região Centro-Oeste. A biodiversidade nas imagens e sons do programa Repórter Eco. 2006. (Encontro).

VIII Encontro de Pesquisa em Educação da região centro-oeste. A biodiversidade nas imagens do program Repórter Eco. 2006. (Encontro).

XII Seminário Mineiro de Plantas Medicinais e VII Encontro da Rede Fitocerrado. A Educação Ambiental a partir de um levantamento etnobotânico no distrito de Martinésia, Uberlândia, MG. 2006. (Seminário).

X Perspectiva do ensino de biologia. Conhecendo a própria concepção de educação ambiental. 2006. (Encontro).

XX Semana Científica de Estudos Biológicos. Inserção da Educação Ambiental no distrito de Martinésia (MG) a partir de um levantamento etnobotânico. 2006. (Encontro).

III Encontro de pesquisa em educação ambiental. O Desenvolvimento Sustentável nas imagens do Repórter Eco: o projeto baru como modelo. 2005. (Encontro).

IX EPEB - Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia. Imagens de biodiversidade no programa Repórter Eco. 2004. (Encontro).

ENPEC - Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Imagens de Educação Ambiental na TV: uma análise do Repórter Eco. 2003. (Encontro).

II Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental. Imagens de Educação Ambiental na TV: uma análise do Repórter Eco. 2003. (Encontro).

XVIII Semana Científica de Estudos Biológicos. Biodiversidade, e a vida continua?. 2003. (Outra).

Fauna e Flora do Cerrado. I EPEA - Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental. 2001. (Encontro).

O conceito popular de zoológico entre moradores da cidade de Uberlândia, MG ...VI Encontro Internacional de Zoológicos e do XXV congresso da sociedade de zoológicos do Brasil. 2001. (Encontro).

O movimento ecológico via internet: uma análise do texto-imagem do site do Greenpeace. 13º COLE - Encontro sobre linguagens, leituras e ensino de Ciências. 2001. (Congresso).

V Escola de Verão para professores de prática de ensino de física, química, biologia e áreas afins. UNESP, de 10 a 14 de dezembro de 2000.

23ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED, 2000.

XIII Congresso da Sociedade Botânica de São Paulo, de 04 a 06 de setembro de 2000.

Seminário Temático “Metodologias do Ensino”, Universidade Federal de Uberlândia, 1999.

II Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, ABRAPEC, 1999.

III Encontro sobre Linguagens, Leituras e Ensino de Ciências, UNICAMP, de 20 a 23 de julho de 1999.

I Etapa do Curso de Capacitação de Multiplicadores em Educação Ambiental - Acordo Brasil/UNESCO. Uberlândia, MG, 23 a 27 de novembro de 1998.

Curso “O cinema em sala de aula: um recurso para os professores de Ciências”, na IV ESCOLA DE VERÃO pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) de 18 a 21 de outubro de 1998.

Encontro sobre Teoria e Pesquisa em Ensino de Ciências - Linguagem, Cultura e Cognição: Reflexões para o Ensino de Ciências, pela Universidade Federal de Minas Gerais, de 05 a 07 de março de 1997.

XIV ENCONTRO ANUAL DE ETOLOGIA, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), de 16 a 19 de outubro de 1996.

Seminário de Ensino e Formação Científica na área Biológica e de palestras “Temas de Biologia”, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em 28 de novembro de 1996.

Minicurso “Novas tecnologias de ensino”, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em 06 de novembro de 1995.

Minicurso “Metodologia da Pesquisa Co-Constructivista”, pela Faculdade da Educação - UNICAMP, de 1 a 3 de junho de 1992.

Seminário sobre Pesquisa-Ação e Desenvolvimento Profissional dos Docentes, pela Faculdade de Educação da UNICAMP, de 06 a 10 de abril de 1992.

Seminário de “Concepções de Dissertação de Mestrado”, na faculdade de Educação pela UNICAMP, de 08 a 09 de abril de 1991.

I Encontro Inter-Institucional de Ensino de Ciências, pelo NIMEC/UNICAMP, em 05 de abril de 1991.

II Encontro do SINEC - Sistema Integrado de Núcleos de Ensino de Ciências, tema “Criatividade”, pela Faculdade de Filosofia - UNICAMP, 1990.

Seminário “Novas tecnologias e a formação do trabalhador: a questão da politécnica”, pela Faculdade de Educação da UNICAMP, em 30 de outubro de 1990.

I Seminário sobre Ensino de Graduação, pela UNICAMP, de 30 de maio a 01 de junho de 1989.

XVI Reunião Anual de Psicologia. Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, de 22 a 26 de outubro de 1986.

VII Congresso Brasileiro de Apicultura, de 7 a 11 de outubro de 1986.

III Encontro Paulista de Etologia, Faculdade de Medicina da UNICAMP, de 04 a 06 de outubro de 1985.

XIII Semana de Estudos Biológicos, curso “Germinação e Floração”, de 29 de outubro a 01 de novembro, 1984.

Curso de Técnicas Laboratoriais para o Ensino de Ciências e Biologia, pela Faculdade de Filosofia, 1984.

Simpósio de Comportamento dos Animais, pelo Departamento de Biociências, Ribeirão Preto, 1983.

XII Semana de Estudos Biológicos, curso de “Aspectos Gerais sobre o desenvolvimento embrionário”, de 16 a 21 de maio de 1983.

ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS

1. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO; CASSAB, M. ; CARVALHO, D. F. ; SILVA, F. A. O. R. ; TAVARES, M. L. ; MORAES, V. R. A. ; RESENDE, A. C. ; CUNHA, A. M. O. ; ALMEIDA, A. C. ; DEZOPA, F. ; Nogueira-Ferreira, Fernanda Helena ; CICILLINI, G. A. ; AGRELI, J. ; OLIVEIRA, R. C. ; GONCALVES, V. . IV EREBIO - Encontro Regional de Ensino de Biologia. 2017. (Congresso).

2. CASSAB, M. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO ; CARVALHO, D. F. . III Encontro Regional de Ensino de Biologia - Regional 4. 2015. (Congresso).

3. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. I Workshop de Divulgação e Ilustração Científica. Uberlândia, 2013.

3. OLIVEIRA, Leandro Gonçalves; PASQUALI, M. S.; BARRIO, J. B. M. ; DIAS, I. R. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . IV Encontro Nacional de Ensino de Biologia e II Encontro Regional de Ensino de Biologia - Regional 4. 2012. (Congresso).

4. GUIDO, LUCIA ESTEVINHO. I Exposição Nacional de Ilustração Científica. 2007. (Exposição).

5. CUNHA, A. M. O. ; SILVA, E. Q. P. ; GUIDO, LUCIA ESTEVINHO . II Encontro Nacional de Ensino de Biologia e I Encontro Regional de Ensino de Biologia. 2007. (Congresso).

ORIENTAÇÕES

ORIENTAÇÕES DE MESTRADO EM ANDAMENTO

1. Anna Cristhyna Siqueira de Brito. O filme no ambiente escolar e sua relação com o processo de ensino-aprendizagem em Ciências. Início: 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia. (Orientador).

2. Daniella Alves de Medeiros. Cinema, Arte e Ciências: uma proposta de Alfabetização Midiática. Início: 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia. (Orientador).

ORIENTAÇÕES DE DOUTORADO EM ANDAMENTO

1. Marcos Allan da Silva Linhares. Conexões entre Arte, Educação em Biologia e Cultura Visual.. Início: 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia. (Orientador).

2. Keyme Gomes Lourenço. Cinema e educação: investigando o processo de criação em audiovisual no espaço escolar. Início: 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (Orientador).

ORIENTAÇÕES DE MESTRADO CONCLUÍDAS

1. Roberta Paixão Lelis da Silva. Ensaio literários: por uma biologia dos afetos.. Início: 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (Orientador).

2. Keyme Gomes Lourenço. Cinecartografando imagens aberrantes entre camadas, paisagens, cinema e educação. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
3. Nicole Cristina Machado Borges. Abelhas melíferas compondo paisagens em ruínas: o que é possível (re)existir em uma educação no antropoceno? 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
4. Maisa Peixoto Garcia. A mídia na veiculação de informações ecológicas como dispositivo de reflexão para educação ambiental em sala de aula. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
5. Daniela Cristina de Cario Calaça. A formação de professores de ciências por meio da mediação do ensino para idosos em uma instituição asilar no município de Uberlândia. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
6. Mariane Schmidt da Silva. Bio-anti-logias, corpos impossíveis. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
7. Lidiane Martins. (Des)caminhos de um devir-professor. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
8. Nísia Maria Teresa Sallles. As novas mídias e os desafios da educação: o uso do celular na sala de aula. 2015. Dissertação (Mestrado em Mestrado em educação) - Universidade Federal Uberlândia, . Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
9. Ludmila Rodrigues Rosa. A Educação ambiental revelada no filme. 2014. Dissertação (Mestrado em mestrado em educação) - Universidade Fedral de Uberlândia, . Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
10. Dalila de Souza Ferreira. Os discursos dos docentes sob projetos ambientais empresariais no ambiente escolar: o grupo focal mediando diálogos. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
11. Karina Fuzaro. O filme as Bicicletas de Nhanderu revelando processos de hibridação cultural. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

12. Emylia Angélica da Costa. O projeto escola ecológica em rede: o olhar de alunos/as do ensino fundamental da rede pública municipal de Uberaba. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

13. Carolinne dos Santos Braz. Infância e Cinema de animação: o poder da mídia na (re) construção das identidades. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

14. Inez Repton Dias. Hibridação Cultural e Educação Ambiental: memórias de uma comunidade rural de Uberlândia. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

15. Magno Rodrigues Borges. Conhecimento popular sobre plantas do Cerrado como subsídios para proposta de Educação Ambiental. 2009. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação de Recursos Naturais) - Universidade Federal de Uberlândia, . Coorientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

16. Patricia Thieme Onofri Saiki. Conhecimento local sobre aves, com ênfase em Psittacidae, nos Distritos rurais de Cruzeiro dos Peixotos, Martinésia e Tapuirama (Uberlândia, MG). 2008. Dissertação (Mestrado em Ecologia e conservação dos recursos naturais) - Universidade Federal de Uberlândia. Coorientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

ORIENTAÇÕES DE DOUTORADO CONCLUÍDAS

1. Tiago Amaral Sales. Sobrevida? Silêncios, Artes, (In)visibilidades, Educação e(m) Biologia e te(n)sões entre Vida-morte-saúde-doença: HIV/aids e corpos em contaminações e devires. Início: 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (Orientador).

2. Liciane Mateus da Silva. Perspectivas quanto à formação de professores de biologia: aproximações e distanciamentos da profissão docente. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, . Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

MONOGRAFIAS DE CONCLUSÃO DE CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO

1. Maria Luísa Rosa. Que artefatos culturais os professores de Ciências, Física, Biologia, Química e Matemática de escolas públicas fazem uso em sala de aula. 2010. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Curso de especialização Lato em Ensino de Ciências) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

2. Lilian Flavia Araújo Oliveira. Modelos de Educação Ambiental presentes nos livros didáticos de Ciências. 2010. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Curso de especialização Lato em Ensino de Ciências) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

3. Rosicler Lacerda Domingos. Literatura infantil e os animais do cerrado brasileiro. 2000. Monografia. (Especialização em Curso de Especialização em Educação para a Ciência) - Universidade Federal de Uberlândia.

4. Ana Angélica Machado Ferreira. Atitudes relativas ao ambiente escolar em alunos do ensino médio não-regular do projeto 'A caminhada da Cidadania'. 2000. Monografia. (Especialização em Curso de Especialização em Educação para a Ciência) - Universidade Federal de Uberlândia.

5. Isabel Cristina de Queiroz. Oficina para Educação Ambiental. 1999. Monografia - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO

1. Ana Luiza de Souza Silveira. Estado da Arte do Uso de Jogos Didáticos na Educação em Ciências. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

2. Roberta Paixão Lélis da Silva. A experimentação do pixo pela fotografia. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

3. Keyme Gomes Lourenço. O cinema de Kiarostami e o devir biologia. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

4. Maika Carolina Almeida Medeiros. A Importância dos sites na divulgação da Educação Ambiental. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas - Licenciatura Ou Bacharelado) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

5. Cássia de Paula Barbosa. Analisando a animação go, diego, go! da nick jr como uma forma de educação ambiental corporativa. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas - Licenciatura Ou Bacharelado) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

6. Arthur Cruz da Silva. Museu de Biodiversidade do Cerrado (MBC) como um espaço de articulação da Educação Ambiental crítica. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

7. Thaís Lacerda Neves. Educação ambiental a partir do resgate dos quintais e seu valor etnobotânico em distritos rurais do município de Uberlândia, MG. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
8. Gastão Viegas de Pinho Júnior. Conhecimento científico e conhecimento local: a Educação Ambiental contribuindo para a conservação do Cerrado. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
9. Daniele Nobre de Lima Costa. Mídia e escola: conhecendo o que pensam os alunos e professores do ensino fundamental. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
10. Danúbia de Souza Lemes Rezende. Análise de imagens do conteúdo de botânica em livros didáticos de Biologia do ensino médio. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
11. Marcus Vinícius Leite Gomes. Conhecendo os recursos vegetais do Cerrado nos distritos de Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia, Uberlândia, MG. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
12. Juliana Fagundes de Queiroz Pereira. Educação Ambiental a partir do resgate cultural dos quintais do distrito de Tapuirama, Uberlândia, MG. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
13. Samuel Leite Guimarães. Criação, implementação e avaliação de software multimídia para melhoria da qualidade do ensino superior. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
14. Neydson Soares Santana. Levantamento da ocorrência e potencialidade de uso do Baru (*Dipteryx alata* Vog.) no distrito de Martinésia, MG. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
15. Cecília Langoni Salgado. Levantamento etnobotânico nos quintais do distrito de Martinésia, Uberlândia, MG. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
16. Polyana Vieira dos Santos. A natureza nas histórias em quadrinhos. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

17. Terêncio José Silva Pinto. Ações de preservação ambiental na bacia hidrográfica do rio Uberabinha. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

18. Mirny Angélica Pires. Concepções de crianças do Ensino Fundamental a respeito de alguns animais do Cerrado: uma questão em Educação Ambiental. 1999. Monografia - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

1. Maísa Peixoto Garcia. Ciências, Cultura e Arte, o que dizem os professores da educação básica sobre suas visitas a espaços não formais de educação. 2016. Iniciação Científica. (Graduando em Ciências Biológicas - Licenciatura Ou Bacharelado) - Universidade Federal de Uberlândia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

2. Mariane Schmidt. Ciência, Cultura e Arte: um estudo a partir dos registros fotográficos de professores da Educação Básica. 2014. Iniciação Científica. (Graduando em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

3. Gustavo Lopes Ferreira. A mídia como elemento articulador entre o conhecimento popular sobre plantas e a educação ambiental de jovens e adultos - distrito de Tapuirama (Uberlândia, MG). 2010. Iniciação Científica. (Graduando em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

4. Sara de Almeida e Castro. A Biologia tratada na mídia: o que sabem professores e alunos da Escola Básica. 2009. Iniciação Científica. (Graduando em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

5. Ivaneia Alves Pereira Sobrinho. Educação Ambiental a partir do resgate dos quintais e seu valor etnobotânico no distrito de Miraporanga, Uberlândia, MG. 2008. Iniciação Científica. (Graduando em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

6. Taíce Gonçalves de Oliveira. Levantamento dos usos de plantas do bioma Cerrado nos distritos do município de Uberlândia, MG. 2008. Iniciação Científica. (Graduando em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

7. Juliana Foresti Milani. Educação Ambiental a partir do resgate cultural dos quintais do distrito de Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. 2007. Iniciação Científica. (Graduando em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia, Conselho

Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

ORIENTAÇÕES DE OUTRA NATUREZA

1. Keyme Gomes Lourenço. Discutindo diversidade, ampliando possibilidades: elaboração de material audiovisual para a educação de jovens e adultos. 2016. Orientação de outra natureza. (Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

2. Aline Bertoldo Miranda. A mídia como elemento articulador entre o conhecimento popular sobre plantas e a educação ambiental de jovens e crianças. 2010. Orientação de outra natureza. (Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia, Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis - UFU. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

3. Jovana Morais Costa. Discussão dos temas da Biologia na mídia: a escola e a pedagogia cultural. 2008. Orientação de outra natureza. (Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

4. Ivaneia Alves Pereira Sobrinho. Jardim de Plantas Medicinais e Aromáticas: a educação ambiental valorizando o conhecimento popular. 2006. Orientação de outra natureza. (Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia, Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis - UFU. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

5. Taíce Gonçalves Pereira. Jardim de plantas medicinais e aromáticas: a educação ambiental valorizando o conhecimento popular. 2006. Orientação de outra natureza. (Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia, Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis - UFU. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

6. Camila Bonizário de Andrade. Jardim de plantas medicinais e aromáticas: a educação ambiental valorizando o conhecimento popular. 2006. Orientação de outra natureza. (Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia, Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis - UFU. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

7. Aliny Gaudard Oliveira. Jardim de plantas medicinais e aromáticas: a educação ambiental valorizando o conhecimento popular. 2006. Orientação de outra natureza. (Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia, Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis - UFU. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

8. Fernanda Brich dos Santos. Jardim de plantas medicinais e aromáticas: a educação ambiental valorizando o conhecimento popular. 2006. Orientação de outra natureza. (Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

9. Luciana de Resende Londe. Acompanhamento do Processo de Criação do Museu de História Natural de Uberlândia. 1998. Orientação de outra natureza. (Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia - PET/BIOLOGIA.

DISCIPLINAS MINISTRADAS NA GRADUAÇÃO

Biologia e Cultura - (PROINTER III) (Turma N) Ano 2022
Biologia e Cultura - (PROINTER III) (Turma L) Ano 2022
Biologia e Cultura - (PROINTER III) (Turma B) Ano 2022
Estágio de Docência na Graduação I (Turma DE) Ano 2022
Estágio de Docência na Graduação II (Turma DE) Ano 2022
Trabalho de Conclusão de Curso II (Turma 13) Ano 2022
Trabalho de Conclusão de Curso III (Turma 11) Ano 2022
Biologia e Cultura - (PROINTER III) (Turma TN) Ano 2021
Biologia e Cultura - (PROINTER III) (Turma TL) Ano 2021
Biologia e Cultura - (PROINTER III) (Turma TN) Ano 2021
Biologia e Cultura - (PROINTER III) (Turma TL) Ano 2021
Biologia e Cultura - (PROINTER III) (Turma TB) Ano 2021
Estágio de Docência na Graduação I (Turma MD) Ano 2021
Trabalho de Conclusão de Curso I (Turma B.05) Ano 2021
Biologia e Cultura (Turma I_TN) Ano 2020
Biologia e Cultura (Turma TN1) Ano 2020
Biologia e Cultura - (PROINTER III) (Turma I_PN) Ano 2020
Biologia e Cultura - (PROINTER III) (Turma I_TL) Ano 2020
Biologia e Cultura - (PROINTER III) (Turma Not) Ano 2020
Biologia e Cultura - (PROINTER III) (Turma Int) Ano 2020
Biologia e Cultura - (PROINTER III) (Turma TL1) Ano 2020
Biologia e Cultura - (PROINTER III) (Turma TN1) Ano 2020
Estágio de Docência na Graduação I (Turma ME-19) Ano 2020
Trabalho de Conclusão de Curso II (Turma I_22) Ano 2020
Trabalho de Conclusão de Curso II (Turma 11) Ano 2020
Trabalho de Conclusão de Curso III (Turma I_18) Ano 2020
Trabalho de Conclusão de Curso III (Turma 06) Ano 2020
Atividade Programada III (Turma DD) Ano 2019

Biologia e Cultura (Turma TL) Ano 2019
Biologia e Cultura (Turma TN) Ano 2019
Biologia e Cultura (Turma TL) Ano 2019
Biologia e Cultura (Turma TN) Ano 2019
Biologia e Cultura - (PROINTER III) (Turma TL) Ano 2019
Dissertação de Mestrado (Turma MF) Ano 2019
Dissertação de Mestrado (Turma MF) Ano 2019
Estágio de Docência na Graduação I (Turma ME) Ano 2019
Exame de Qualificação (Turma DD) Ano 2019
Orientação I (Turma ME) Ano 2019
Orientação I (Turma DE) Ano 2019
Orientação III (Turma ME) Ano 2019
Orientação V (Turma DD) Ano 2019
Tese de Doutorado (Turma DF) Ano 2019
Tese de Doutorado (Turma DG-15) Ano 2019
Tese de Doutorado (Turma DG-15) Ano 2019
Trabalho de Conclusão de Curso I (Turma 15) Ano 2019
Trabalho de Conclusão de Curso II (Turma 25) Ano 2019
Atividade Programada I (Turma DD) Ano 2018
Atividade Programada II (Turma DD) Ano 2018
Atividade Programada III (Turma DF) Ano 2018
Atividade Programada IV (Turma DF) Ano 2018
Atividades Programadas (Turma ME) Ano 2018
Biologia e Cultura (Turma TL) Ano 2018
Biologia e Cultura (Turma TN) Ano 2018
Biologia e Cultura (Turma TL) Ano 2018
Biologia e Cultura (Turma TN) Ano 2018
Exame de Qualificação (Turma DF) Ano 2018
Exame de Qualificação (Turma MF) Ano 2018
Orientação I (Turma ME) Ano 2018
Orientação II (Turma ME) Ano 2018
Orientação III (Turma DD) Ano 2018
Orientação III (Turma MF) Ano 2018
Orientação IV (Turma DD) Ano 2018
Orientação V (Turma DF) Ano 2018
Orientação VI (Turma DF) Ano 2018
Trabalho de Conclusão de Curso I (Turma 19) Ano 2018
Trabalho de Conclusão de Curso II (Turma 25) Ano 2018
Trabalho de Conclusão de Curso II (Turma 25) Ano 2018
Trabalho de Conclusão de Curso III (Turma 16) Ano 2018
Trabalho de Conclusão de Curso III (Turma 25) Ano 2018
Atividade Programada I (Turma DF) Ano 2017
Atividade Programada II (Turma DF) Ano 2017
Atividade Programada III (Turma DG) Ano 2017
Atividade Programada IV (Turma DG) Ano 2017
Atividades Programadas (Turma MF) Ano 2017
Biologia e Cultura (Turma TL) Ano 2017
Biologia e Cultura (Turma TL) Ano 2017

Biologia e Cultura (Turma TN) Ano 2017
Educação e Sociedade (Turma PL) Ano 2017
Estágio de Docência na Graduação I (Turma MB) Ano 2017
Exame de Qualificação (Turma DG) Ano 2017
Exame de Qualificação (Turma MB) Ano 2017
Orientação I (Turma MF) Ano 2017
Orientação I (Turma DD) Ano 2017
Orientação II (Turma MF) Ano 2017
Orientação II (Turma DD) Ano 2017
Orientação III (Turma MB) Ano 2017
Orientação III (Turma DF) Ano 2017
Orientação IV (Turma DF) Ano 2017
Orientação V (Turma DG) Ano 2017
Orientação VI (Turma DG) Ano 2017
Trabalho de Conclusão de Curso I (Turma L4) Ano 2017
Trabalho de Conclusão de Curso II (Turma 21) Ano 2017
Trabalho de Conclusão de Curso III (Turma B3) Ano 2017
Atividade Programada I (Turma DG) Ano 2016
Atividade Programada II (Turma DG) Ano 2016
Atividades Programadas (Turma MB) Ano 2016
Biologia e Cultura (Turma TL) Ano 2016
Biologia e Cultura (Turma TN) Ano 2016
Biologia e Cultura (Turma TL) Ano 2016
Educação e Sociedade (Turma PN) Ano 2016
Estágio 1 (Turma PN) Ano 2016
Exame de Qualificação (Turma MD) Ano 2016
Iniciação à Pesquisa 1 (Turma 07) Ano 2016
Iniciação à Pesquisa 2 (Turma 19) Ano 2016
Orientação I (Turma MB) Ano 2016
Orientação I (Turma DF) Ano 2016
Orientação II (Turma MB) Ano 2016
Orientação II (Turma DF) Ano 2016
Orientação III (Turma MD) Ano 2016
Orientação III (Turma DG) Ano 2016
Orientação IV (Turma DG) Ano 2016
Trabalho de Conclusão de Curso II (Turma L3) Ano 2016
Atividades Programadas (Turma MD) Ano 2015
Biologia e Cultura (Turma TL) Ano 2015
Biologia e Cultura (Turma TL) Ano 2015
Biologia e Cultura (Turma TN) Ano 2015
Estágio Supervisionado I (Turma PL) Ano 2015
Iniciação à Pesquisa 1 (Turma 13) Ano 2015
Iniciação à Pesquisa 2 (Turma 18) Ano 2015
Orientação I (Turma MD) Ano 2015
Orientação I (Turma DG) Ano 2015
Orientação II (Turma DG) Ano 2015
Atividades Programadas (Turma ME) Ano 2014
Biologia e Cultura (Turma TL) Ano 2014

Ciências e Mídias (Turma TL) Ano 2014
Educação Ambiental (Turma T) Ano 2014
Educação Ambiental (Turma TN) Ano 2014
Educação Ambiental (Turma T) Ano 2014
Estágio de Docência na Graduação I (Turma ME) Ano 2014
Exame de Qualificação (Turma ME) Ano 2014
Iniciação à Pesquisa 1 (Turma 14) Ano 2014
Iniciação à Pesquisa 2 (Turma 23) Ano 2014
Orientação I (Turma ME) Ano 2014
Orientação II (Turma ME) Ano 2014
Orientação III (Turma ME) Ano 2014
Pesquisa em Educação Ambiental/Metodologia Científica/Projetos de Educação Ambiental (Turma 1) Ano 2014
TCC (Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso) (Turma 1) Ano 2014
TCC (Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso) (Turma 16) Ano 2014
Atividades Programadas (Turma ME) Ano 2013
Educação Ambiental (Turma TN) Ano 2013
Educação Ambiental (Turma TN) Ano 2013
Educação Ambiental (Turma T) Ano 2013
Educação Ambiental (Turma TB) Ano 2013
Educação Ambiental (Turma TN) Ano 2013
Educação Ambiental (Turma T) Ano 2013
Estágio de Docência na Graduação I (Turma MF) Ano 2013
Exame de Qualificação (Turma MF) Ano 2013
Iniciação à Pesquisa 1 (Turma 17) Ano 2013
Iniciação à Pesquisa 2 (Turma 22) Ano 2013
Orientação I (Turma ME) Ano 2013
Orientação II (Turma ME) Ano 2013
Orientação III (Turma MF) Ano 2013
Atividades Programadas (Turma MF) Ano 2012
Educação Ambiental (Turma T) Ano 2012
Estágio de Docência na Graduação I (Turma C2) Ano 2012
Orientação I (Turma MF) Ano 2012
Orientação II (Turma MF) Ano 2012
Orientação III (Turma C2) Ano 2012
Projeto Integrado de Prática Educativa 1 - Introdução à Biologia e à Educação (Turma T) Ano 2012
Projeto Integrado de Prática Educativa 1 - Introdução à Biologia e à Educação (Turma TN) Ano 2012
Projeto Integrado de Prática Educativa 1 - Introdução à Biologia e à Educação (Turma T) Ano 2012
Projeto Integrado de Prática Educativa 1 - Introdução à Biologia e à Educação (Turma TN) Ano 2012
Atividades Programadas (Turma C2) Ano 2011
Educação Ambiental (Turma T) Ano 2011
Educação Ambiental (Turma T) Ano 2011
Estágio de Docência na Graduação I (Turma T) Ano 2011
Iniciação à Pesquisa 2 (Turma 2) Ano 2011

Iniciação à Pesquisa 2 (Turma K) Ano 2011
Orientação I (Turma C2) Ano 2011
Orientação II (Turma C2) Ano 2011
Orientação III (Turma T) Ano 2011
Orientação IV (Turma T) Ano 2011
Atividades Programadas (Turma T) Ano 2010
Educação Ambiental (Turma T) Ano 2010
Educação Ambiental (Turma T) Ano 2010
Iniciação à Pesquisa 1 (Turma M) Ano 2010
Iniciação à Pesquisa 1 (Turma 2) Ano 2010
Iniciação à Pesquisa 2 (Turma M) Ano 2010
Iniciação à Pesquisa 2 (Turma P) Ano 2010
Orientação I (Turma T) Ano 2010
Orientação II (Turma T) Ano 2010
Projeto Integrado de Prática Educativa 7 - Seminário (Turma T1) Ano 2010
Projeto Integrado de Prática Educativa 7 - Seminário (Turma T1) Ano 2010
Ciência, Educação e Cultura (Turma I) Ano 2009
Educação Ambiental (Turma T) Ano 2009
Educação Ambiental (Turma I) Ano 2009
Educação Ambiental (Turma T1) Ano 2009
Educação Ambiental (Turma T2) Ano 2009
História e Filosofia da Ciência no Ensino (Turma T) Ano 2009
Iniciação à Pesquisa 1 (Turma A) Ano 2009
Iniciação à Pesquisa 1 (Turma M) Ano 2009
Iniciação à Pesquisa 2 (Turma F) Ano 2009
Iniciação à Pesquisa 2 (Turma 6) Ano 2009
Projeto Integrado de Prática Educativa 7 - Seminário (Turma T) Ano 2009
Projeto Integrado de Prática Educativa 7 - Seminário (Turma T1) Ano 2009
Trabalho de Conclusão de Curso (Turma I) Ano 2009
Estágio 2 (Turma T2) Ano 2008
Estágio 2 (Turma T3) Ano 2008
História e Filosofia da Ciência no Ensino (Turma T) Ano 2008
Iniciação à Pesquisa 1 (Turma L) Ano 2008
Iniciação à Pesquisa 1 (Turma B) Ano 2008
Iniciação à Pesquisa 2 (Turma U) Ano 2008
Iniciação à Pesquisa 2 (Turma B) Ano 2008
Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia (Turma T1) Ano 2008
Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia (Turma T2) Ano 2008
Iniciação à Pesquisa 1 (Turma I) Ano 2007
Iniciação à Pesquisa 2 (Turma C) Ano 2007
Iniciação à Pesquisa 2 (Turma 2) Ano 2007
Instrumentação para o Ensino de Ciências e Biologia (Turma T) Ano 2007
Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia (Turma T1) Ano 2007
Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia (Turma T2) Ano 2007
Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia (Turma T1) Ano 2007
Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia (Turma T2) Ano 2007
Iniciação à Pesquisa 1 (Turma N) Ano 2006
Iniciação à Pesquisa 1 (Turma T) Ano 2006

Iniciação à Pesquisa 2 (Turma M) Ano 2006
Iniciação à Pesquisa 2 (Turma N) Ano 2006
Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia (Turma T) Ano 2006
Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia (Turma T1) Ano 2006
Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia (Turma T) Ano 2006
Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia (Turma T1) Ano 2006
Prática de Ensino sob a Forma de Estágio Supervisionado em Biologia 2 (Turma T1) Ano 2006
Iniciação à Pesquisa 2 (Turma M) Ano 2005
Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia (Turma T1) Ano 2005
Prática de Ensino sob a Forma de Estágio Supervisionado em Ciências 1 (Turma T1) Ano 2005
Prática de Ensino sob a Forma de Estágio Supervisionado em Ciências 1 (Turma T) Ano 2004
Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia Ano 2004
Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia Ano 2003
Prática de Ensino de Ciências (prática) Ano 2000
Iniciação à Pesquisa I Ano 2000
Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia Ano 1999
Instrumentalização para o Ensino de Ciências e Biologia Ano 1999
Prática de Ensino de Ciências (teórica e prática) Ano 1999
Prática de Ensino de Biologia (teórica e prática) Ano 1997
Prática de Ensino de Ciências (teórica e prática) Ano 1997
Prática de Ensino de Ciências (teórica) Ano 1996
Prática de Ensino de Biologia (teórica) Ano 1996
Prática de Ensino de Biologia (teórica e prática) Ano 1996
Prática de Ensino de Biologia (teórica e prática) Ano 1995

DISCIPLINAS MINISTRADAS NA PÓS GRADUAÇÃO

Tópicos Especiais em Educação em Ciências e Matemática III: Conexões entre Ciências, Artes e Culturas (Turma U) Ano 2021
Tópicos Especiais em Educação em Ciências e Matemática III: Conexões entre Ciências, Artes e Culturas (Turma DM) Ano 2017
Educação Ambiental: Fundamentos Epistemológicos e Abordagens de Pesquisa (Turma U) Ano 2013
Seminários Temáticos II - Divulgação Cultural e Científica em Espaços Educativos (Turma B) Ano 2010

